REVISTA DA SEMANA

N.º 29 28 — NA CAPITAL CR$ 1,50 — NOS ESTADOS CR$ 2,00 — 13 - 7 - 1946

BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO
COM. LEGAL

Acompanham esta Venda
Especial do 48.° aniversário
da **Camisaria Progresso**, oferecendo
as mesmas vantagens, os seus departamentos:
A CRISTALEIRA, Rua Silva Jardim, 1 e 3
ALFAIATARIA GUANABARA, Rua da Carioca, 54
À PROGRESSO, Av. N. S. de Copacabana, 1.350 - Posto 6

RESISTENCIA E LITERATURA

É muito comentado o ponto de saturação a que chegaram as obras literárias inspiradas na Resistência. Fala-se também em decadência do cinema francês causada pelo longo período de inatividade que decorre desde a apresentação de três dos melhores filmes franceses: "ESPERANÇA", "CRIANÇAS DAS GALERIAS" e "DAMAS DO BOSQUE DE BOLONHA". E eis que, quase na mesma semana, são exibidos dois filmes inspirados na Resistência, recebendo ambos acolhida entusiasta. "A BATALHA DO TRILHO" e "JERICO"' são duas excelentes películas, repletas de ação e ricas em técnica cinematográfica.

E são dois filmes completamente diferentes. Um deles "A BATALHA DO TRILHO", é um documentário de longa metragem realizado sem o concurso de artistas profissionais, e completamente desprovido de fantasia e inovações, sempre prejudiciais aos fatos verídicos. O outro "JERICÓ", é o relato dramático de uma história de guerra, baseada em episódios verdadeiros, reunindo, em seu elenco, cêrca de vinte artistas de renome.

Ambos os filmes devem o sucesso às mesmas causas. Em primeiro lugar, à técnica; a fotográfia e os movimentos são ótimos. A luta implacável dos ferroviários contra os ocupantes, desde o armistício até às últimas semanas, em que os atrasos de reforços alemães muito auxiliaram a tarefa dos comandos, é o esplêndido assunto de "BATALHA DO TRILHO". O bombardeio da prisão de Amiens pela R.A.F., ocasionando a libertação de cinquenta refens, membros da Resistência francesa e elementos de desataque na municipalidade, é o tema de "JERICÓ". Vê-se, nêsses filmes, as diferentes atitudes de homens diante da morte. UM alcoolatra sem família, ao expressar sua última vontade, pede uma folha de papel, e dela faz um barquinho. Um escroque do cambio nêgro chora como um covarde. O prefeito propõe uma partida de cartas afim de passarem as duas últimas horas em paz de espírito. Vinte maquís proclamam que hinos e marchas patrióticas são recursos usados pelos mediocres, e mentêm-se em silêncio. Por estas e outras cenas é que êstes filmes conquistaram o público.

Quanto à interpretação, podem ser destacados os artistas que representam oficiais e soldados alemães. Não por terem inspirado simpatia a nossos cenaristas, adaptadores, e diretores (Calef em "JERICÓ" e René Clement em "BATALHA DO TRILHO"), mas pelo esfôrço despendido em não ridicularizar, nem humilhar o adversário.

Temos cenas como essa, em que o confessor alemão recolhe as últimas palavras dos condenados. Um francês diz:

— Meu padre, morro odiando; a esperança de nossa próxima vingança é meu único consôlo.

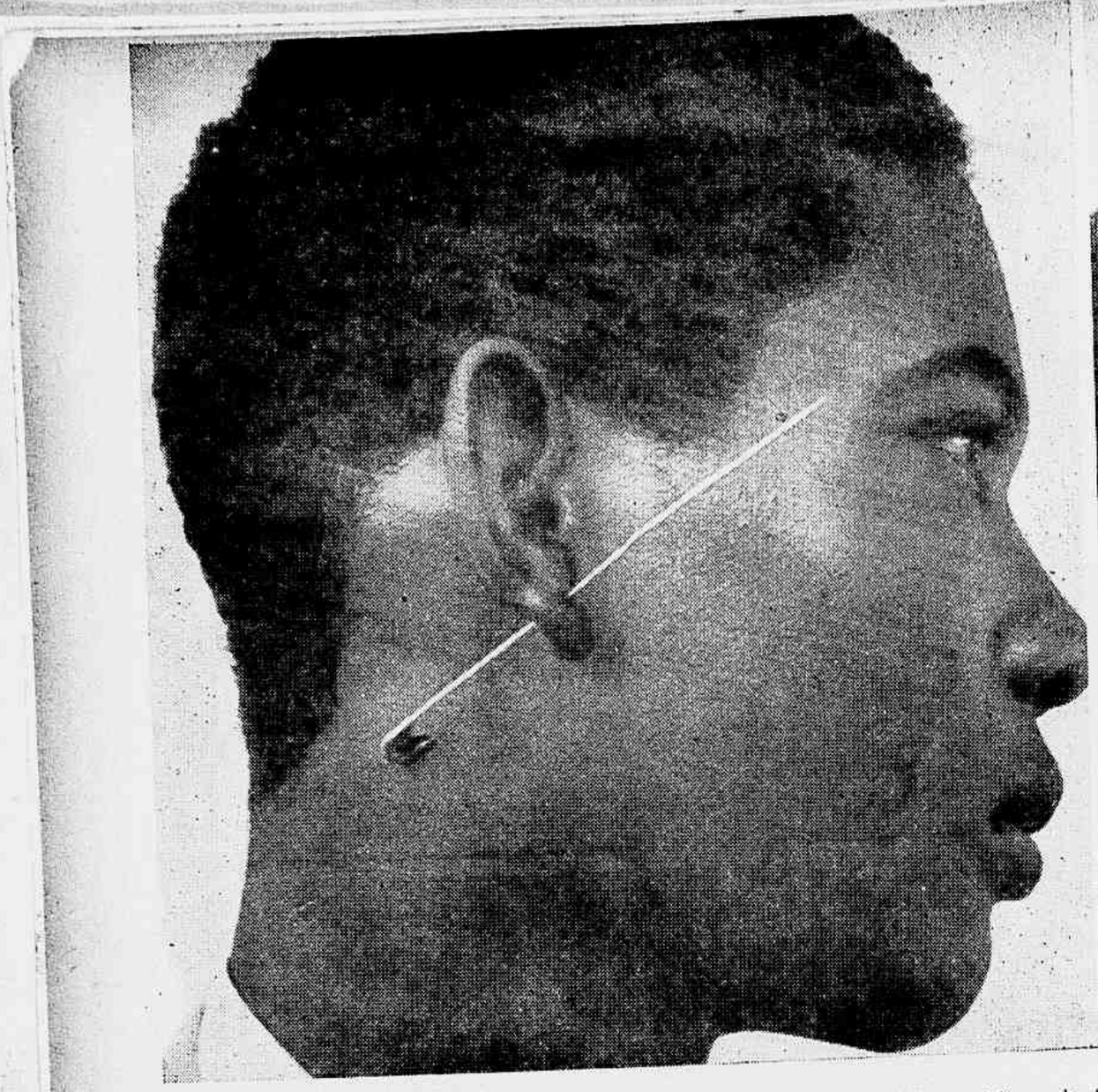
O padre então declara:

— Eu te absolvo, meu filho.

Êste alemão é sublime; sua desição da ao filme um admirável aspeto de decência humana.

Êstes filmes deveriam ser exibidos na Alemanha. Os alemães poderiam aprender alguma coisa dêste exemple edificante de dignidade humana.

J E A N Q U E V A L



A' esquerda, uma das espetaculares experiências publicamente levadas a efeito pelo "insensivel" da Avenida: A parte inferior da orelha, atravessada por uma haste de alfinete de fralda, tamanho maior. A' direita, mastigando a lamina de barbear que lhe servirá de sobremêsa, instantes depois. A lamina é reduzida a fragmentos minimos que são depois engulidos.

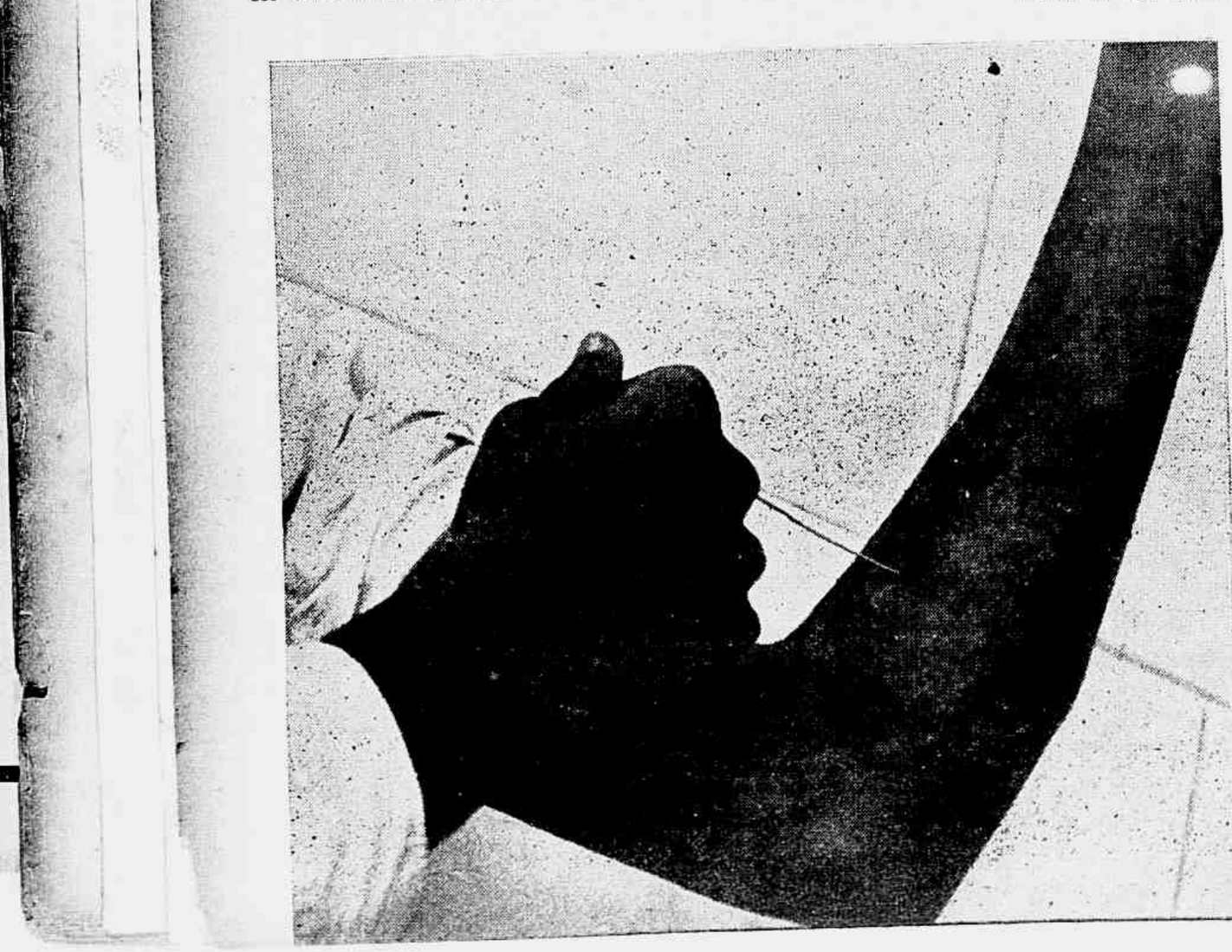
O FENÔMENO DA AVENIDA

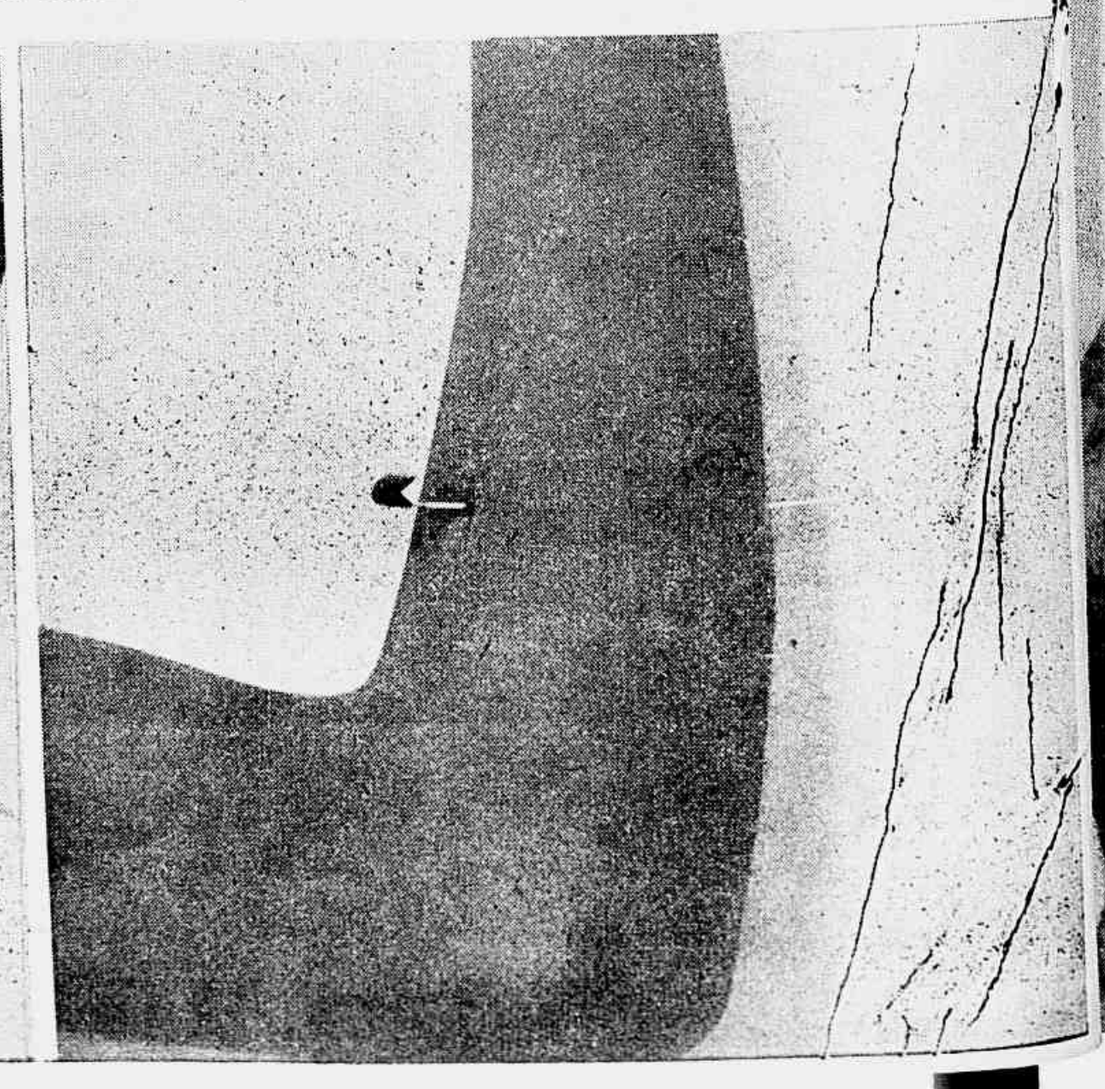
Aparecem em frente á Galeria Cruzeiro, postado no mais estratégico lugar: De frente para os cinemas, na encruzilhada que não será a de maior movimento do mundo, mas onde assim mesmo desfilam por dia mais de duzentas mil pessôas. E todas estacam o passo para vêr melhor o fenômeno. E' um rapaz magro e alto, a péle escura, os olhos bacos e amarelados, a roupa dançando-lhe nos ossos, sempre com o mesmo terno côr de pinnao, bastante usado. Mas o traço caracteristico do Fenômeno da Avenida está na sua mascara. Não é preciso vê-lo atravessar o braço com um pedaço de arame, nem enfiar um prégo de déz centimetros narina acima, para vêr que se trata de um insensivel. Quando mastiga o vidro de um copo e, bem triturado, o engole, é como si estivesse despejando pela garganta uma laranjada americana, das vendidas na propria loja onde o Fenômeno vive encostado. Retalhados os pulsos, seccionadas as veias — mesmo aparentemente — com uma gilete afiada, confrange-se a fisionomia dos "mirone", e alguns, de mansinho, apressam o passo, disfarçando a perturbação estomacal de que ficaram tomados. Êle, o Fenômeno, nem liga! E' como si brincasse de esconder, no esofago, aqueles extranhos e solidos objetos. Quando aparece o "rapa", movimenta-se sem pressa, transportando-se para outro setôr. E vamos encontra-lo no dia seguinte, colado ao edificio da Escola de Belas Artes, com o jornal velho estendido nas pedrinha lisboêtas da calçada, e, sobre êle, os pregos, as laminas, os fragmentos de vidro, todo seu pequeno arsenal.

Junto do Fenômeno, não ha aventruz que não fique desmoralisado porque êle engole tudo. Mas o segredo do seu trabalho, ainda ninguem descobriu. Uns afirmam que êle tão facilmente ingere como devolve, via bucal, todos os fragmentos mastigados. Outros proclamam um simples "truc" de prestidigitação, hipotese menos viavel. De qualquer modo, lá está o rapaz todas as tardes, vindo de Pureza, E. do Rio, entregue ás suas magicas desde que os transeuntes joguem suficiente número de moedas no jornal. E afirma entregar-se a essas experiencias desde os seis anos de idade, ha doze portanto, desde que êle tem dezoito.

E não liga muito ás filas. Prescinde das de pão, manteiga, carne e de outros alimentos. Dêem-lhe um copo rachado, e êle o saboreia como um excelente almoço. Um prato de louça vale pelo mais suculento "filet", e quando lhe cái nas unhas meia duzia de laminas para barbear, novinhas, é dia de banquete, poi não...

Arames nem sempre convenientemente desinfetados, alfinetes e agulhas de longa extensão, até mesmo pregos, servem para as experiencias do "Fenômeno da Avenida", como foi denominado o joven fluminense. Estes dois flagrantes mostram o braço atravessado pelo mesmo alfinete de fralda que, momentos antes, fôra utilisado para a orelha. Como se vê, não ha derrame de sangue.



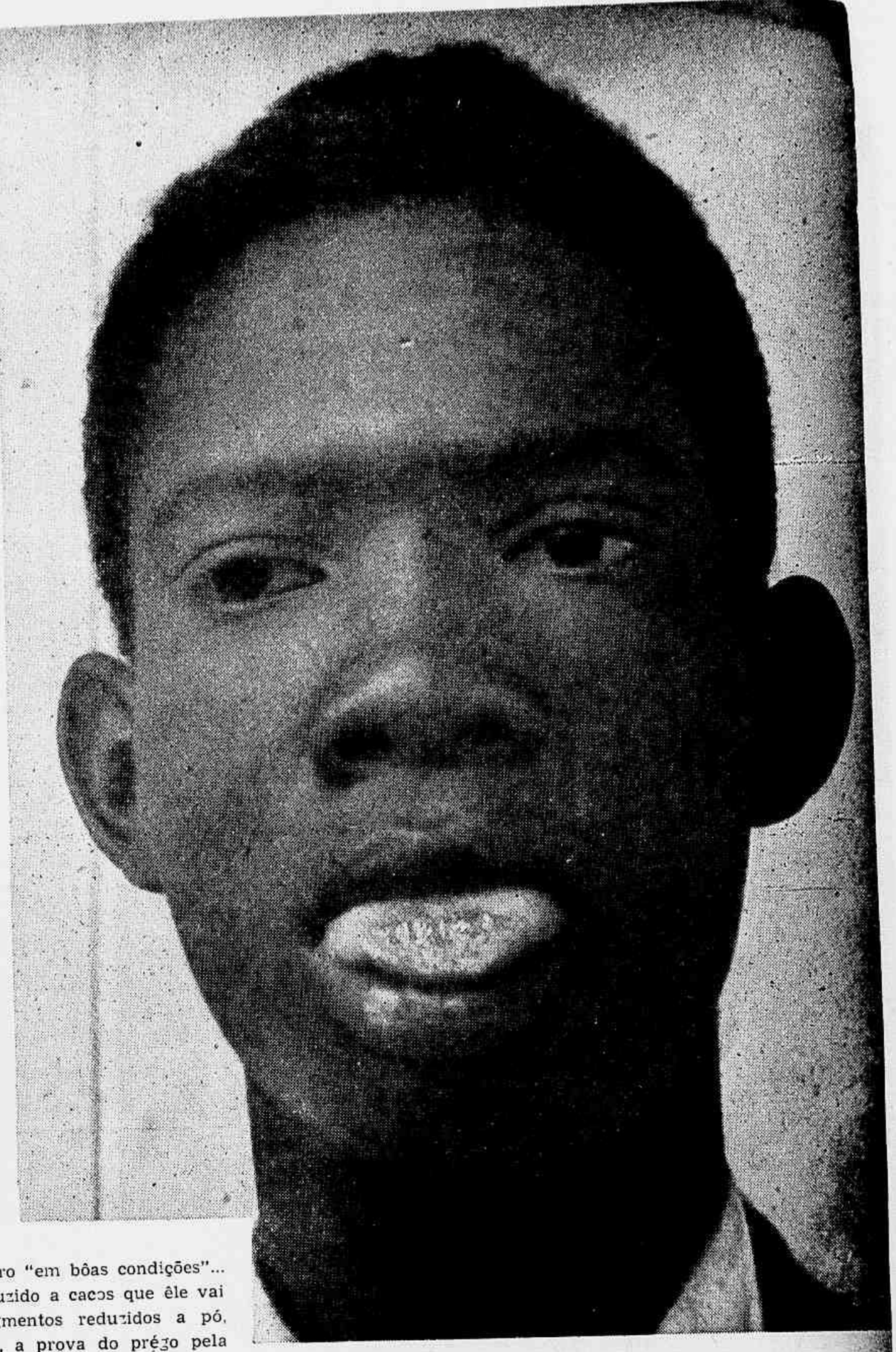


de alfinete
os que são

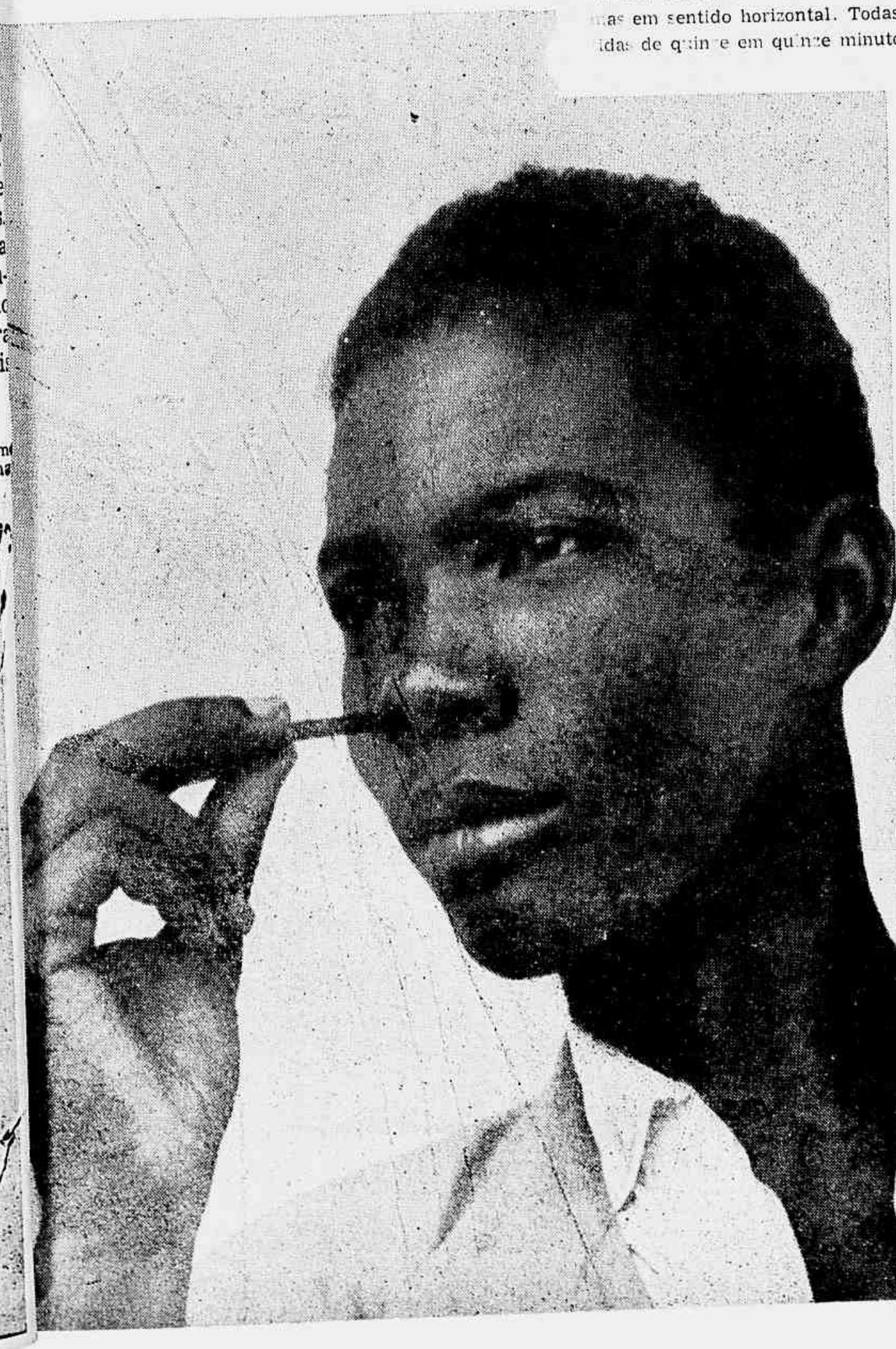
A

ho, ainda
ue êle tão
via bucal,
utros pro-
digitação,
uer modo,
o de Pure-
icas desde
te número
regar-se a
s de idade,
m dezoito.
ade das de
alimentos.
o saboreia
ato de lou-
, e quando
minas para
quete, poi

venida", com
para a orelha



mo se martiga um copo de vidro "em bôas condições"... cima, á esquerda, o copo reduzido a cacos que êle vai artigando. A' direita, os fragmentos reduzidos a pó, ara serem ingeridos. Em baixo, a prova do prégo pela arina. Detalhe curioso: O prego não entra verticalmente, mas em sentido horizontal. Todas as experiencias são repetidas de quinze em quinze minutos, durante a tarde inteira



Pregos de todos os tamanhos, taxas e pedaços de ferro, aço e cobre, servem para um almoço. Não ha necessidade de ir ao fôgo... A bôca enche-se com essa "ferramenta", e os dentes do homem são resistentes.

O povo aglomera-se junto ao "fenômeno", os níqueis vão caindo no jornal estendido de mistura com as laminas, os pregos, os estilhaços de vidro. Tudo é motivo para um banquete, e êste se repete de hora em hora...

LITERATU

Resistencia
João Batis
Confissão
O pupilo d
Livros No
Conquista

REPORTA

O fenôme
O Salão e
Na mansã
Paris dura

SECÇÕES

A Semana
Aconteceu
Nos Basti
A REVIS
Figuras e
Música (
Atualidad

CURIOSI

Rodin no
Dinheiro

FEMININ

Manhã, t
Chapéus
Trabalho

HUMOR

De Bom
A mala

NOVEL

A Viden

NESTE NUMERO

Nº. 28
13-7-46

LITERATURA

Resistencia e Literatura (Jean Queval) 3
João Batista Lacerda (Esgragnolle Doria) 22
Confissão (Freeman Wills Croft) 23
O pupilo do maestro (Hernani Ferreira) 34
Livros Novos (João Luso) 35
Conquista (Marguery Wilding) 39

REPORTAGENS

O fenômeno da Avenida 4/6
O Salão e o Ditador (Adhemar Nobrega) 9/14
Na mansão imperial de Petrópolis (A. Migueis) 16/18
Paris durante a guerra (Pierre Descaves) 20/21

SECÇÕES

A Semana em Revista 8
Aconteceu no Rio 19
Nos Bastidores Femininos (Kitty) 27
A REVISTA em Hollywood (Louis Serrano) 30/31
Figuras e Fatos 38
Música (Rob. Lyra Filho) 42
Atualidades da Semana 44/45

CURIOSIDADES

Rodin no Cinema 24/25
Dinheiro para coleções de arte 36/37

FEMININAS

Manhã, tarde, noite 28/29
Chapéus para Mocinhas e Penteados 32/33
Trabalhos manuais 40/41

HUMORISMO

De Bom Humor 26
A mala assombrada (Raul) 43

NOVELA

A Vidente (Amaral Gurgel) 57/58

★

NA CAPA

Esther Williams, antiga campeã de natação e figura de invejavel prestigio na constelação de Hollywood, companheira inseparavel de Red Skelton em suas proêzas sempre repassadas de alegria e beleza — é a heroina da capa deste número (Foto M.G.M.)

★

Homens que trabalham

Se V. S. sofre de prisão de ventre e esqueceu-se de tomar **Ventre-Livre** ontem à noite, antes de dormir, não esqueça hoje.

Tome uma dose de **Ventre-Livre** hoje à noite, antes de ir para a cama, que amanhã passará o dia bem e trabalhará com prazer.

Os homens esforçados devem cuidar especialmente da saúde, porque trabalham com afêrro e precisam ter o estômago, os intestinos, o fígado, enfim todos os órgãos, e também os nervos, em bom estado.

A prisão de ventre intoxica o organismo, abate as fôrças e por conseguinte diminue a capacidade de trabalho.

Combata a prisão de ventre sem perda de tempo, usando **Ventre-Livre.**

Ventre-Livre tonifica as camadas musculares do estômago e intestinos e limpa-os das substâncias infectadas e fermentações tóxicas, verdadeiros venenos, que perturbam as funções de todos os órgãos e causam tão grande mal aos nervos.

Tome **Ventre-Livre** hoje, à noite.

• • •

Lembre-se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

• • •

Tenha sempre em casa
alguns vidros de **Ventre-Livre**

Os grandes Concursos Literarios da "REVISTA DA SEMANA"

5.ª SÉRIE DO CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS

Está aberto, até 30 de setembro, o prazo para recebimento dos contos destinados á 5.ª série deste nosso "certame" permanente. Como de costume, êsses originais não devem ir alem de 5 laudas datilografadas em espaço dois, e precisam mencionar nome e endereço dos autores. Dentre os originais recebidos, serão escolhidos os 12 (dôze) melhores para publicação posterior, cabendo aos respectivos autores, o prêmio de CR$ 100,00 (cem cruzeiros), oferecido por esta revista. Não serão devolvidos originais mesmo não publicados.

★

De acordo com as informações publicadas em edições anteriores, e para orientação dos interessados, bem como das pessôas que têm procurado saber desta redação detalhes a respeito, cabe-nos informar que o julgamento do Concurso de Peças Teatrais (Prêmio Apolonia Pinto), está sendo realizado pelos membros da comissão julgadora. Neste momento as peças se encontram distribuidas entre êsses srs.: Daniel Rocha (Club Ginastico Português), Jorací Camargo (S.B.A.T.), Floriano Faissal (Casa dos Artistas) e Bandeira Duarte (Associação de Criticos Teatrais). Tão depressa a comissão nos dê ciência da conclusão dos trabalhos, divulgaremos o nome do autor da peça premiada que receberá a quantia de CR$ 10.000,00 (déz mil cruzeiros), oferecida pela Club Ginastico Portugues.

Na mesma ocasião será divulgado o resultado do Concurso de Romances, cujos originais igualmente se encontram em julgamento.

CREME DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
BRANQUEIA E AVELUDA A PELE
A VENDA EM TODA A PARTE

O PINCE-NEZ DE OURO
OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIAM-SE RECEITAS MÉDICAS COM EXATIDÃO
OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS
R. CARIOCA N.º 28
Joalheria
LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO
JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES E ARTIGOS PARA PRESENTES

A SEMANA EM REVISTA

SURPRESA POR QUE?

Comentaristas repontaram pelas colunas dos jornais diarios, extranhando, em termos violentos, a falta de café. A bem dizer, não houve falta, porque a "preciosa rubiacea" (vá lá, vá lá...), existe em quantidade fabulosa, nos seus pontos de origem. O que falta é transporte, é quem a receba no Rio, é quem esteja disposto a continuar vendendo-a pelo preço antigo. Politicagens, meus amigos, politicagens e nada mais. Mas ainda quando o café desaparesse da circulação, o que ficou muito longe de acontecer, não haveria fenômeno a registar. Si tudo está faltando e para cada falta se organisa uma nova fila, por que cargas dagua só o café devia ficar na obrigação de comparecer, a tempo e horas, na mesa do pobre e do rico? Que mais são os outros? Êis porque não podemos associar-nos á surpresa dos nossos ilustres confrades cujos protestos tem se feito sentir contra a calamidade da falta da bebida nacional por excelencia. Surpresa existiria si jamais tivessemos café no Brasil e êle agora se lembrasse de desaparecer do mercado. Desde que sempre houve café, não ha motivo para espantar aquele desaparecimento, pois ainda não se descobriu a maneira de suprimir o que sempre andou suprimido. Sobram-nos razões para um legitimo orgulho nacional: Si falta café, então é porque sempre houve café no Brasil, e essa é uma verdade que ninguem poderá pôr em duvida. Viva o Brasil!

Agora um esclarecimento: Essa justificação não nos pertence, não senhores. Ela corre por conta de um interessado no aumento do preço do café torrado e ainda mais interessado — ou melhor, revoltado com a supressão do D.N.C. Somos os habitantes de um país onde a retórica vale tudo, e para cada calamidade surgida, apontam-se mil frases bonitas, embora as filas continuem e ninguem esteja disposto a dar-lhes sumiço. Tudo acaba, menos a fila. E no dia em que um humorista se lembrou de chamar-lhe "uma instituição nacional", pronto. Agora mesmo é que ela não acaba. Quando muito, aumentará...

ARTE DE BEM VESTIR

Inegavel será reconhecer que temos evoluido extraordinariamente na arte, que é um segredo requintado, de bem vestir. Escolher os trajes apropriados para cada cerimônia, variar as roupagens de acordo com as solenidades, os climas, os ambientes e as conveniencias de ordem social, é indice de progresso e civilização. Temos, enfim, doutorandos para aconselhar o traje de rigôr para o casamento, o funeral, o batisado e até mesmo uma excursão de férias a Patí do Alferes. As roupas de interior, merecem uma atenção desvelada. Pode o homem dar-se á extravagancia de perambular de casaca e cartola dentro de casa, a caminho do banheiro, mas lá o espera, junto á saboneteira e á toalha, um riquissimo "chambre" quadriculado, de sêda de alto preço... Devemos ensinar nossos filhos a bem vestir desde quando enfiam, pernas acima, a sua primeira calça comprida, para evitar decepções. E para isso aí estão os cronistas mundanos, alheios ás realidades e torpêzas da vida, encerrados na sua torre de marfim, apenas cogitando da indumentaria do homem e reprovando qualquer inconveniencia no "bem vestir". Homens do povo e do governo, funcionários publicos e particulares, senadores e deputados, todos precisam cuidar com maximo carinho, desse detalhe. Não será digno da admiração pública o parlamentar que se dê á extravagancia de usar cuécas amarelas e listadas, três dedos acima do joelho, em jantares de gala. Muito mais si não tiver calças por cima das cuécas. O "frack" está caindo de moda, mas ainda ha quem use "frack" para as cerimônias tradicionais, e nada mais "chic" do que oferecer um jantar aos amigos, em nossa casa, aparecendo-lhes de "frack", meias de cano alto, as competentes ligas, e luvas de pelica. Agora está muito em moda deixar a fralda da camisa na parte externa da calça, mas ainda mais elegante ficou sendo nas ultimas corridas de Longchamps, suprimir as calças em homenagem ás mulheres decididas e heroicas que tanto fizéram pela causa das Nações Unidas...

Certos figurões importantes, aqui no Rio, já adotaram essa inovação. E basta dizer ser um rapaz direito para imitar essa novidade no guarda-roupa masculino. De resto, as fatiotas vão baixar da preço. Primeiro suprimiu-se o colete.

Agora a calça. P'ra quê usar paletot?

SANTO PORTUGUÊS

O telegrama veio de Lisbôa e dizia assim: "anunciou-se nesta capital que S.S. o Papa Pio XII decidiu proceder no dia 22 de setembro, á canonisação do santo português João de Brito". — E para assistir a essa importante cerimônia, organisa-se na capital portuguêsa uma peregrinação de católicos a Roma, o que é muito digno de louvores. Mas o surpreendente nessa noticia, não está no detalhe da canonisação, nem na viagem que se prepara, porém na própria existencia de São de Brito, nestes tempos tão profanos. O telegrama não éra rico de informações biograficas, ignorando-se si o santo viveu recentemente ou em dias distantes. Haja ou não sido contemporâneo da atual geração lusitana, deve ter praticado as mais belas ações, até merecer esse prêmio da igreja. Os tempos são asperos e os homens máus, ambiciosos e transbordantes de malicia. Ainda si o generoso São João de Brito viveu em dias mais remotos, quando a humanidade éra piedosa e não conhecia os defeitos de hoje, vá lá que seja mesmo um santo. Mas si êle existiu nestes ultimos quarenta anos, deve ter o Vaticano passado por sérios trabalhos até apurar rigorosamente a santidade do falecido João de Brito, pois será mais facil encontrar agulha em palheiro a desparar com homem moderno em cheiro de santidade. Estas nossas observações podem, todavia, rebater-se com um argumento muito facil: Sabemos, por experiência própria, as provações porque passamos nós, os contemporâneos da segunda grande guerra, desse asfixiante "após-guerra" que aí está, das experiências atômicas e de outras calamidades maiores. Em Portugal, os reflexos da tragedia universal não podem ser menores. As penuarias porque terá passado esse bondoso cidadão português, as provações que êle conheceu, as filas em que andou peregrinando mêses e mêses, os furos no cinto que êle deu duas ou três vêzes por semana... E magro, esqualido, sem pão nem azeite, sem castanhas nem batatas, sem nada para comer, que mais lhe terá faltado para merecer as honras de uma canonisação em Roma, com todos os matadores?

Quando a biografia do novo santo português, São João de Brito, fôr divulgada, após a solenidade da Basilica de São Pedro, iremos certificar-nos da absoluta justiça desse ato de Pio XII. Mas não tenham duvida, o Papa vai ter muito trabalho para canonisar os milhões de sofredores, em cheiro de santidade, que hoje existem por esse mundo de Cristo, sofrendo os seus penares, á espera de uma canonisação também...

REVISTA DA SEMANA

ANO XLVII Nº. 28 :-: 13-7-46

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr$ 90,00; Seis meses — Cr$ 45,00

Registrada: Um ano — Cr$ 110,00; Seis meses — Cr$ 55,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr$ 200,00; Seis meses — Cr$ 100,00

O número avulso custa Cr$ 1,50 no Distrito Federal, e Cr$ 2,00 no Interior; atrasado Cr$ 2,50

Visconde de Maranguape, 15 — Enderêço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5802.

Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Co. Times Bldg., New York City. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Tel. 33 — Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor: GRATULIANO BRITO

** Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ÊSTE NÚMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.

CEMITÉRIO DOS ARTISTAS? — E' a opinião de Honório Peçanha para o Salão Nacional de Belas Artes que todos os anos se realiza nas dependências do Museu, caso prevaleça o critério adotado nos últimos anos, de arbitrariedades e desmandos. O Salão dêste ano levantou uma celeuma, por causa de uns dispositivos regulamentares que em nada agradaram à coletividade. Com quem estará a razão? Com o sr. Osvaldo Teixeira ou com os outros pintores?

O SALÃO E O DITADOR

PODERES DISCRICIONARIOS PARA O PRESIDENTE... — TEREMOS UM SALÃO INDEPENDENTE? — DEVIA SER RETIRADO DO MUSEU — UM DOCUMENTO SENSACIONAL AJUDA A INTERPRETAR CERTOS FATOS — BOUDIN E PICASSO NO PORÃO DO MUSEU — O SR. OSVALDO TEIXEIRA CHAMOU MESMO CEZANNE DE SAPO, AFIRMA SIGAUD — O SALÃO ESTA' SE TRANSFORMANDO NO CEMITÉRIO DOS ARTISTAS

Reportagem de ADHEMAR NOBREGA

Fotografias de NEWTON VIANNA

As lutas de idéias no terreno das artes sempre trouxeram valiosíssima contribuição aos movimentos renovadores, graças ao aparecimento de novos elementos de expressão que elas trazem consigo.

E por isso mesmo assumem, para o público, o carácter de espetáculo às vezes empolgante, definindo partidos, estimulando a defesa de pontos de vista, unindo os homens em torno de principios que lhes parecem definitivos. Por isso mesmo são movimentos que mobilizam a opinião pública, gratos à consideração de quantos se interessam pela arte, essa misteriora floração do espírito humano.

Ainda há poucos anos, por causa de uns trabalhos de alunos da Escola de Belas Artes, julgados estravagantes e como tal indignos de figurar numa exposição oficial (princi almente uma estátua colorida e alguns quadros pintados com liberdade, mas, sem constituirem uma descoberta) houve um "Deus nos acuda" de protestos, uma barreira de defesas, uma verdadeira revolução em miniatura, fazendo-se uma reedição um pouco tardia do "Salon des refusés". Houve, mesmo, ingenuidade, de parte a parte, mas não é menos certo que o incidente tomou fóros de grande acontecimento e a palheta dos pintores esteve no cartaz da imprensa e dos comentários de mesa de café durante muito tempo.

Agora, aparece outro "caso". Infelizmente, não se trata de conflito de principios estéticos. Não se discutem tais ou quais soluções, nenhum "ismo" da pintura está na berlinda. E' cousa mais grave. Faz-se uma campanha contra a democracia, tomando a pintura por instrumento. Essa é a conclusão que o reporter tira das opiniões que ouviu sôbre a nova regulamentação do Salão Nacional de Belas Artes.

ANTECEDENTES DO CASO

Ouvimos Frederico Barata. Não é pintor, mas, um jornalista acustumado às lutas e às refregas dos que reivindicam direitos contra os que mandam. E além disso, para conferir maior prestigio à sua palavra, trata-se de pessôa estreitamente ligada aos meios artísticos, estudioso e conhecedor dos ploblemas que afetam os que pensam através das côres e das formas.

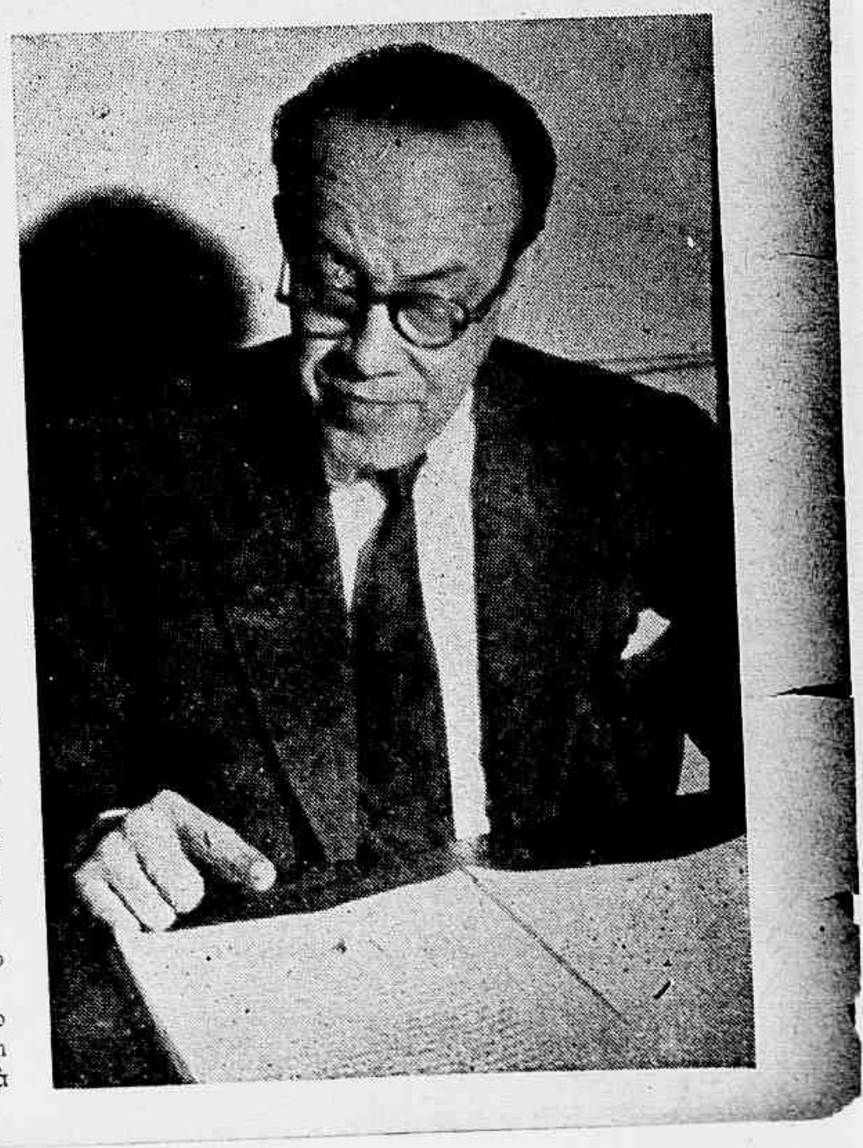
Apezar da aparência misto de índio e de jagunço, a sua entrevista foi serena e refletida, apoiada por argumentos que convencem mais pelos fundamentos do que pela eloquência com que fala:

—Há muita confusão em torno do assunto. Há gente por aí pensando que nós somos contra o sr. Osvaldo Teixeira. Isso é má fé. A pessôa do diretor do Museu não nos interessa nessa campanha.

— Mas por que a celeuma que se levanta a propósito da organização do próximo salão?

— Porque o regulamento é profundamente contrário aos interesses da coletividade. Foi feito na sombra, sem prévia consulta aos interessados, foi aprovado, graças à

O COORDENADOR — Embora afeito a lutas e refregas a que o jornalismo conduz, fatalmente, Frederico Barata, como coordenador do movimento contra o "Salão ditatorial" usa de toda serenidade quando fala.



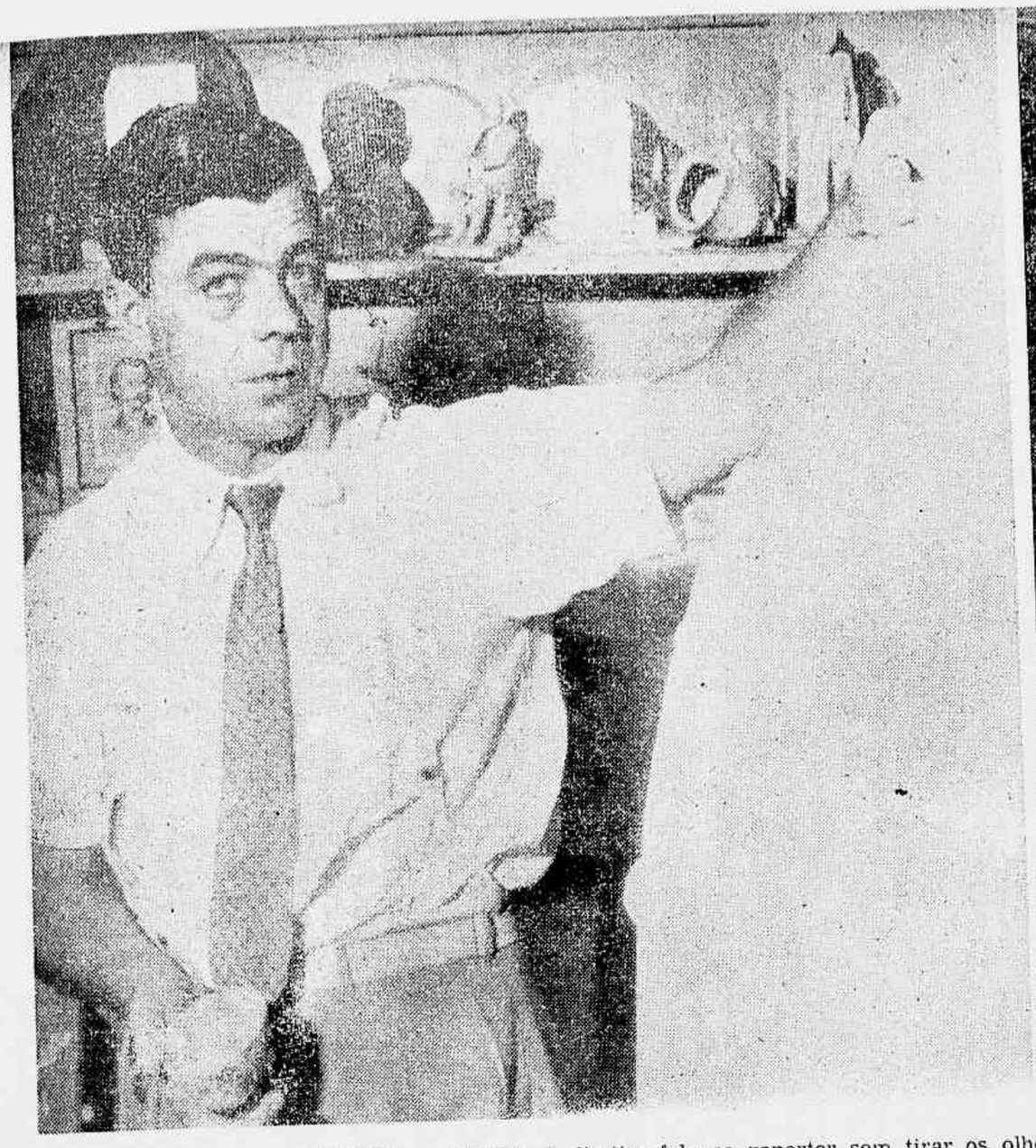
CO
as
A

lo
ne
fra
de
o

do

di
o
m
re
ro
le
cr
e

q
t
c
f
c



COM OS OLHOS NA PALHETA — Siguad, à direita, fala ao reporter sem tirar os olhos da palheta. Mas não perde o fio da conversa e enquanto combina as côres vai formando as frases e proferindo os conceitos que não são nada amáveis. Êle acha que quando chega o momento de dizer a verdade é preciso não olhar para quem se agasta em ouví-la. A' esquerda, Honório Peçanha apoiado no ombro do Almirante Ary Parreiras, estátua encomendada pelo Estado do Rio. Pela diferença de tamanho parece o filho apoiado no pai. Mas é justamente o contrário.

facilidade com que o sr. Osvaldo Teixeira entra no gabinete do Ministro da Educação, enchendo-lhe os ouvidos de fantasias e escondendo, por traz de tudo isso, o seu desejo de exercer poderes ditatoriais, em sinal de vingança porque o ano passado não o poude fazer.

— E por que não se adota êste ano o regulamento do Salão de 45?

— Vou resumir os antecedentes. Próximo ao fim da ditadura getuliana, o ministro Gustavo Capanema elaborou o regulamento para o Salão, ouvindo opiniões de grande número de artistas, inclusive por meu intermédio. O projeto representava, assim um apreciável coeficiente das aspirações da classe quando foi convertido em lei (Decreto-lei n. 8.153) em 29 de outubro. Os expositores respiravam, assim, aliviados da tutela indevida que o diretor do Museu exercia sôbre o Salão.

Como se recorda, aquela data foi a da liquidação do govêrno do sr. Getúlio Vargas. No dia seguinte, o ministro José Linhares, com o fim de invalidar os últimos abusos da ditadura, pretendendo desatar as últimas amarras que forjara o seu sucessor para se agarrar no poder, anulou de uma penada os atos assinados na véspera.

Foi o bastante para o sr. Osvaldo Teixeira se assanhar, vendo ressurgir a oportunidade perdida para pôr em prática o seu sonho de absolutismo. Enfunou-se todo e, sem observar os fatos com isenção de ânimo, não percebeu que o "seu dia", que chegara com a ditadura, havia terminado com ela. Os artistas uniram-se num movimento quasi unânime e conseguiram, mediante um memorial ao então ministro Leitão da Cunha, a publicação do regulamento Capanema, o que foi feito a 6 de novembro.

Com a responsabilidade de coordenador do movimento, o nosso brilhante confrade faz questão de acentuar:

— Não quero que veja nas minhas palavras nenhum sintoma de campanha pessoal contra o diretor do Museu Nacional. Mas a verdade é que êle continuou agindo deslealmente para com a maioria da classe.

Veio o govêrno atual e êle, sem perda de tempo e com a facilidade que já assinalei, de entrar no gabinete do Ministro, como diretor de uma repartição que é levou-o a assinar o regulamento que êle se deu pressa em fazer, sem consultar a classe, abusando da bôa fé do dr. Ernesto de Souza Campos que é um cientista, necessàriamente pouco voltado para os problemas que interessam aos artistas.

— E qual é o "bicho-papão" dêsse regulamento? Quais são os seus erros, os seus defeitos?

— Simplesmente uns poucos dispositivos que colocam nas mãos do presidente do Salão, no caso o sr. Osvaldo Teixeira, na qualidade de diretor do Museu, poderes discricionários, atribuições de um verdadeiro ditador, para quem as opiniões dos demais membros da direção valem tanto quanto as decisões de uma assembléia num governo fascista. Para você ter uma idéia, veja êste artigo 4.º E diga se não é um absurdo, numa época em que lutamos pelo restabelecimento da democracia.

Olhamos para o recorte do jornal e lemos isto.

"Art. 4.º — Para dirigir, em cada ano, a constituição e o funcionamento do Salão Nacional de Belas Artes formar-se-á o Conselho de Organização, composto de: I— Presidente. II — Comissão Geral. III — Comissão Moderna.

§ 1.º — O presidente do Conselho de Organização, designado pelo Ministro da Educação e Saúde, terá plena autonomia no exercício das suas funções".

Inacreditável. Mas isto ainda não é tudo. — Onde se procura, de uma vez, desmoralizar o processo democrático de escolha por votação é no parágrafo segundo. Diz êle:

"Cada Comissão será constituida de três membros, dois dos quais escolhidos livremente pelo Mnistro da Educação e Saúde, **de uma lista dentre os votados** pelos artistas que tenham figurado no Salão anterior."

Assim, a eleição e uma vergonhosa farsa. Para que votação, se um candidato que obtiver um só voto, portador, por conseguinte, da preferência de um único votante, poderá vir a ser nomeado, preterindo outro que represente a indicação da maioria absoluta da classe?

— Ouça, meu caro, — conclui o coordenador do movimento dos pintores contra a prepotência e a ambição do ditador do Salão — eu lhe peço que não encare a nossa campanha como um movimento contra a pessôa do sr. Osvaldo Teixeira. Para mim, êle pode ficar na direção do Museu, na Presidencia do Salão e de quanta cousa mais êle queira dirigir. Mas nós faremos todo o possivel, lutaremos por todos os meios legais ao nosso alcance para reformar um regulamento tão mesquinho.

TEREMOS UM SALÃO INDEPENDENTE?

— E se não conseguirem?

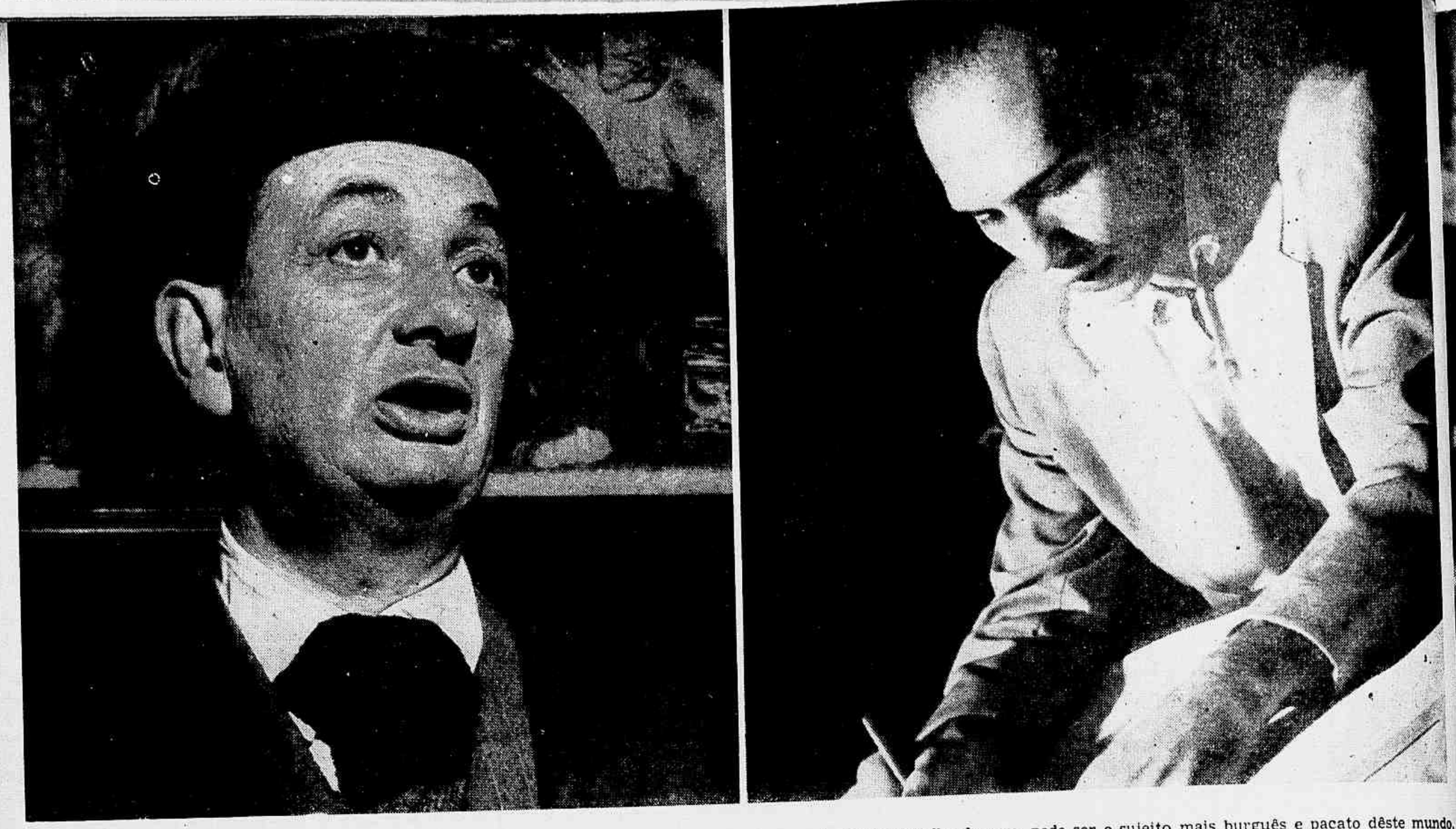
— Acho difícil. Aqui está um memorial, contando, já agora, com cerca de duzentas assinaturas de artistas de todas as correntes, gerais e modernos, que se congregam como um bloco, para melhor defender os nossos interesses. Êste memorial será dirigido ao ministro Sousa Campos. Expõe o caso com clareza e sinceridade. Esperamos confiantes que o Ministro nos atenda. Mas se acontecer o contrário, organizaremos um Salão independente.

E concluiu com convicção:

— Na hipótese de tornar-se uma realidade, o nosso Salão não teria prêmios e nem êste é o nosso objetivo. Mas em compensação seriam muito mais numerosos os expositores, representaria sem dúvida o que há de mais significativo na pintura brasileira, porquanto estão conosco os grandes valores da nossa arte (falo insuspeitamente porque não sou expositor) e sobretudo não presidiria à sua organização a ambição de um prepotente viciado no cachimbo da ditadura...

ROBUSTA e sadia, "A Camponêsa" do sr. Osvaldo Teixeira, reflete bem uma arte apoiada em cânones tradicionais que já deu de si todo o potencial emotivo. O nosso colega aqui ao lado acha que é um belo quadro. Mas será que nunca sairemos disto? Então a evolução é uma mentira? Não haverá progresso para a pintura?

"A CIDADE" — Guarde de memória, leitor, êste quadro. Talvez êle figure na Salão. Identificado com as solicitações da hora presente, a hora trepidante e dinâmica das construções, E. P. Siguad pintou êste quadro que se chamará "A Cidade", para a exposição oficial do corrente ano.



O BOÊMIO — O professor Adalberto Matos que já conquistou no Salão desde a menção honrosa à grande medalha de ouro, pode ser o sujeito mais burguês e pacato dêste mundo. Mas a sua estampa é a reprodução perfeita de um daquêles boêmios que passeiam nas páginas do "Van Gogh" de Irving Stone. E êle fala com a mesma irreverência dos impressionistas revolucionários. A' direita, Castelo Branco, jovem medalha de prata, misto de pintor, bailarino e esportista, também é contra o regulamento que ameaça o Salão.

O SALÃO DEVIA SER ENTREQUE A GENTE COMPETENTE

Prêmio de viagem à Europa e Medalha de Prata, Levino Fánzeres atende-nos com solicitude, antevendo nossos propósitos.

— Já sei. Quando eu vejo um jornalista, agora, já sei que se trata do Salão, da sujeira que querem fazer com a organização do Salão.

Não precisa me perguntar nada — disse o pintor diante do nosso assentimento. — Minha impressão é a seguinte. Acho que se devia entregar a direção do salão a gente competente e sobretudo a quem não pretendesse mandar alí como se fosse na casa da sogra.

RETIRAR O SALÃO DO MUSEU

Aliás, — continua Fánzeres — o melhor seria logo cortar o mal pela raiz. Devia-se aproveitar a oportunidade do incidente de agora para retirar, de uma vez por todas, o Salão de Belas Artes da dependência do Museu.

— Mas...

— Com licença. Digo-lhe mais. O presidente do Salão nem mesmo deveria ser um pintor. Poderia ser entregue a um homem digno, conhecedor do assunto, mas que não fosse um pintor. Não haveria conflitos motivados pela vaidade de um Presidente menos escrupuloso.

OUTRAS SUGESTÕES

O pintor fala com entusiasmo, empolgado pelos seus pontos de vista. E continua:

— E' simplesmente vergonhoso que havendo no Brasil tantos artistas de valor, — excluida a minha pessôa — o Salão Nacional de Belas Artes seja presidido por quem dêle só se serve para exercer mesquinhas perseguições aos expositores, como estas que se projetam, agora, atravéz do regulamento.

— E que diz o amigo sôbre as acusações que faz o sr. Osvaldo Teixeira aos que dêle discordam, alegando que os comunistas querem intervir na organização do Salão?

— E' falta de assunto. Entre os numerosos pintores e escultores que não querem abaixar a cabeça às suas ambições, há uns dois ou três comunistas. Isso não quer dizer que êles estejam orientando o movimento. Nada disso. Entre nós o que prevalece é a opinião da maioria. Não acha justo?

Concordamos. E Levino Fánzeres aproveita a oportunidade para fazer mais uma sugestão, no sentido de que os artistas se reunam numa cooperativa afim de imprimir reproduções de telas e outras obras de arte que seriam distribuidas ao povo, difundindo, assim, o conhecimento e o gosto pela pintura, escultura e outras artes cujo prazer é ainda, infelizmente, privilégio de uma elite.

Noutra oportunidade, procurarei a imprensa para nos ajudar na realização dêsse propósito. Agora, todavia, o que nos prende a atenção é mesmo o caso do Salão. E quanto a êste, a minha opinião é que está sendo orientado para um escandaloso fracasso.

NO ESTÚDIO DE SIGAUD

Encontrámos Sigaud no estúdio, trabalhando num quadro que apresentará êste ano no Salão... se apresentar. Trata-se de um detalhe de construção de arranha-céu, tema que êle vem perseguindo desde 1937.

Mal lhe expusemos o nosso objetivo, êle foi interrompendo:

— Não acredito que o Ministro da Educação se deixe levar por Osvaldo Teixeira, quando souber das suas verdadeiras intenções, quando ler o memorial que lhe enviámos. Seria uma vergonha para uma Nação que retoma o caminho da democracia, após tantos anos de ditadura, permitir-se a realização de um Salão de Belas Artes com um regulamento que contraria, que desmente os nossos princípios democráticos. Você já viu qual a maneira de se formarem as Comissões Geral e Moderna, segundo o decreto que êle arrancou do dr. Sousa Campos?

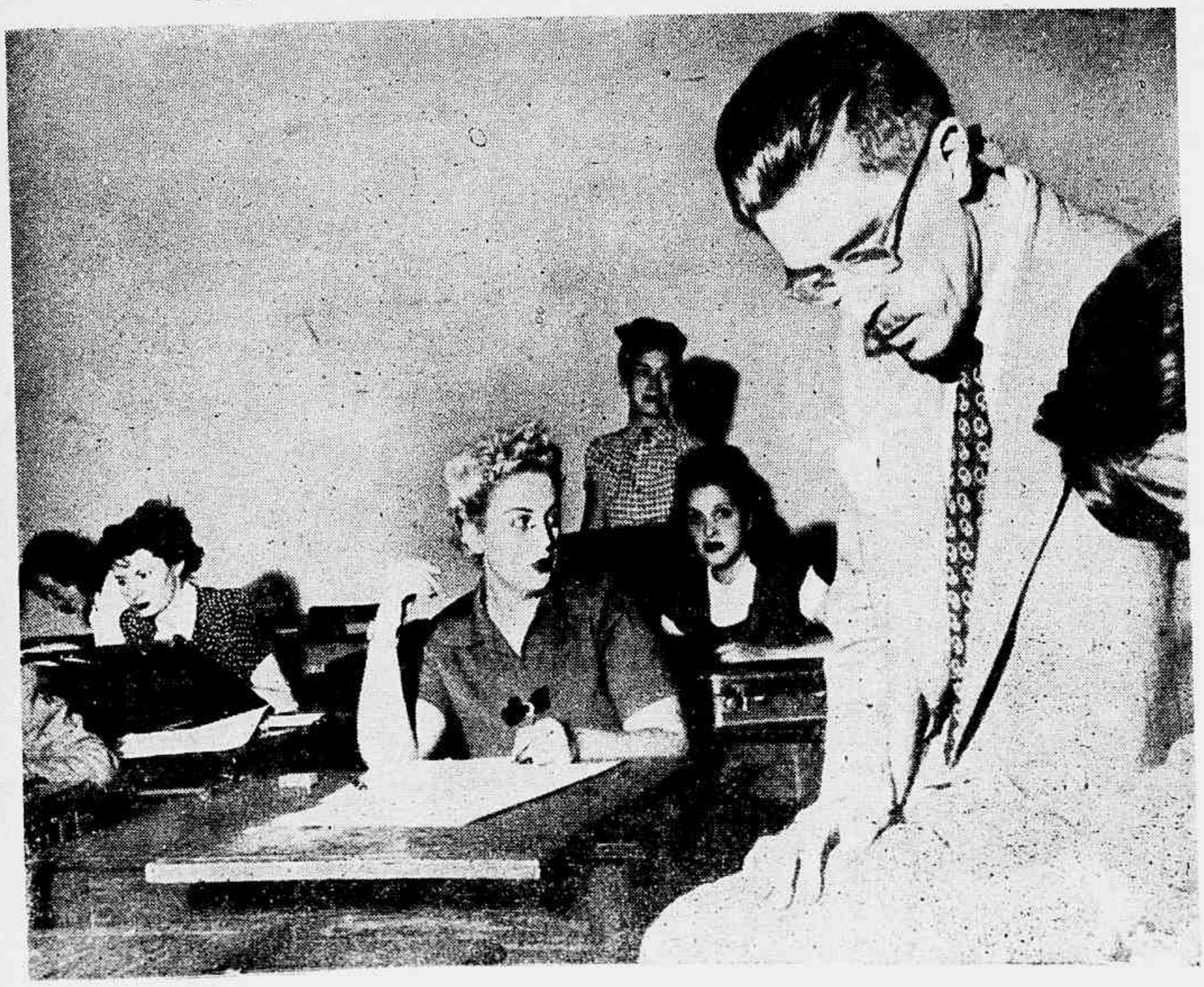
— Já. Temos a cópia.

— Pois aquilo é uma negação dos nossos direitos. Aliás, o sr. Osvaldo Teixeira é coerente, faça-se-lhe justiça. Suas atitudes reacionárias não são somente as que dizem respeito à organização do Museu.

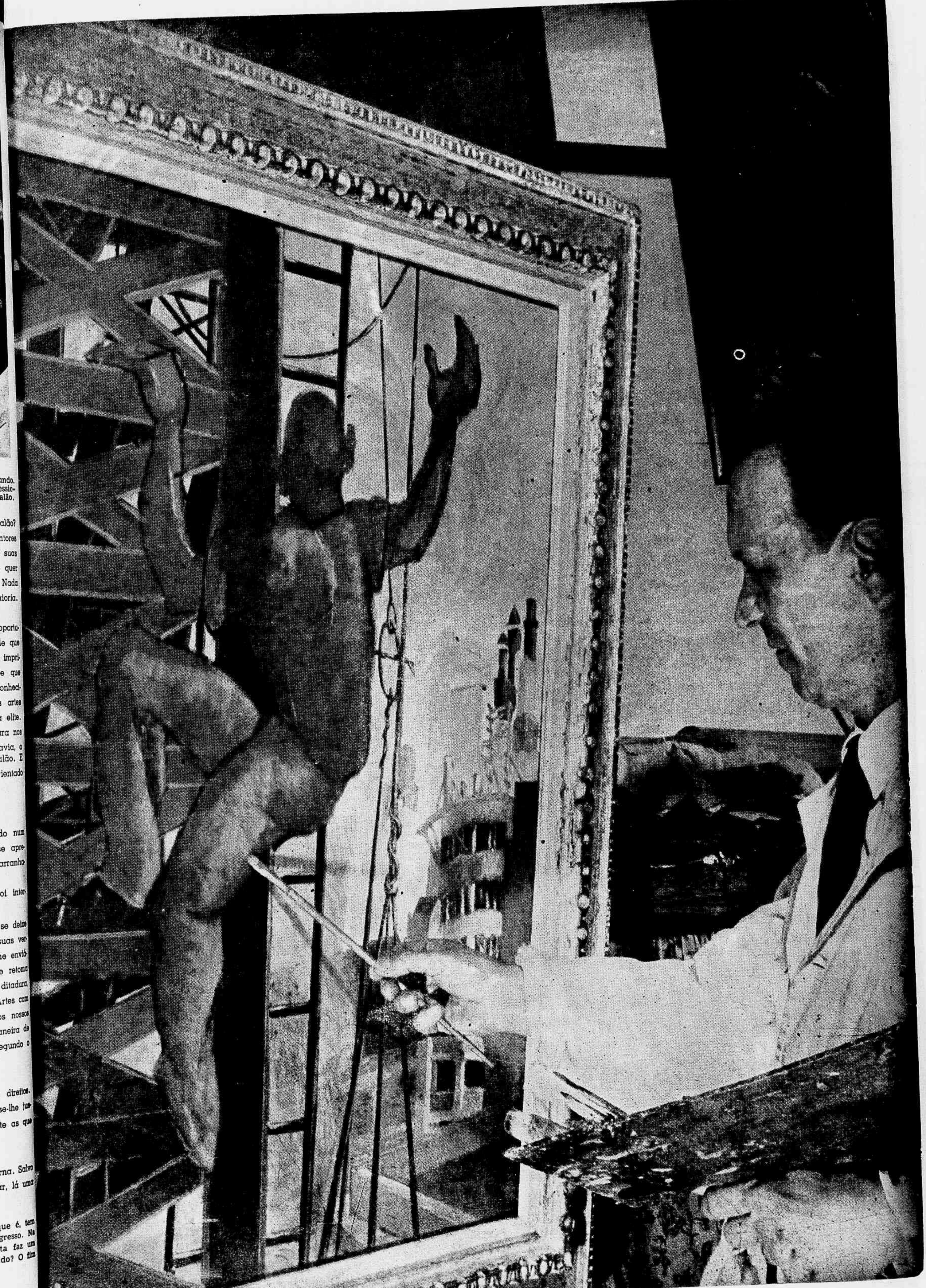
— Por exemplo...

— No Museu não há lugar para a arte moderna. Salvo algumas pouquissimas exceções, é inútil procurar, lá uma obra de concepção atual.

TEMPESTADE EM COPO D'AGUA — O professor Alfredo Galvão foi conciso! "o regulamento tem erros, quer quanto à organização, quer quanto à redação. Mas êsse barulho que estão fazendo em torno dêle é tempestade em copo d'agua." E enquanto falava, a lourinha fazia um apêlo à solidariedade da colega ao lado. Mas o professor não deu tempo para a resposta e mandou o reporter embora.



O SÉCULO XX — Sigaud, como engenheiro que é, tem paixão pelos temas que dizem respeito ao progresso. Na página ao lado, um homem criado pelo artista faz um apêlo para a escalada. Até onde irá êle, subindo? O fim do século XX nos dirá.



BOUDIN E PICASSO NO PORÃO

Basta dizer que uns poucos quadros de Boudin que lá estão, tanto incomodaram o diretor que êle os mandou pôr no porão, juntamente com um desenho de Picasso. E o sr. Osvaldo Teixeira já disse que não os põe nas salas. No entanto, em vez de Picasso e Boudin, outras pessôas, inteiramente estranhas ao Museu ocupam dependências suas. Mas ainda há mais. Para ver o quanto vai longe o seu descaso pela arte, basta lembrar os roubos que tem havido lá, desfalcando o patrimônio da casa.

— E quanto à declaração que êle teria feito a respeito de Cézanne?

— Que Cezanne era um sapo olhando para o céu? Disse, sim. E' inútil êle desmentir agora. Procure em "Carioca" ou "Vamos Ler", na coleção do ano passado. Não me recordo bem da data mas foi mais ou menos pelo meio do ano. (Para os leitores que tiverem mais tempo do que nós, aí fica a sugestão: tirar a limpo a história dêsse insulto a Cézanne.) Apezar de tudo, — não nos preocupa a figura do sr. Osvaldo Teixeira. Êle pode ser ou deixar de ser o presidente do Salão. O que nos interessa é a reforma do regulamento.

O pintor serve um **drink**, enquanto Vianna queima uma lâmpada para registrar no film outro quadro de Sigaud, sôbre o mesmo tema. Êste terá o nome de **Cidade**, destinando-se igualmente ao Salão.

UM VARÃO DE PLUTARCO...

A seguir, e como querendo dar ao reporter a última palavra do seu depoimento, o pintor estende-nos um recorte.

— Leia. E isto basta. Não há contestação. De quem escreve o que está aí, ninguem deve estranhar nenhum ato que tresande a saudosismo pela ditadura.

Pedimos licença para transcrever.

"Se não fosse, por certo, êsse admirável "condottiere", êsse magnífico Chefe de Estado, o Brasil não seria tão digno dos brasileiros, com discussões e conflitos de toda a ordem e de resultados negativos, com obras efêmeras, com a politicagem absurda e destruidora da vontade da Nação, com Parlamento sem expressão, que nada fez para o país.

"Foi êsse espírito viril que não consentiu que o Brasil se convertesse em ruina e em morte. Getúlio Vargas representa a vontade de tudo vencer pela Paz. Conquista pela inteligência e pelo coração. Êle é a defesa da Pátria e de tudo o que é brasileiro. Quando se tem um chefe de Estado, um varão digno de figurar nas páginas de Plutarco como Getúlio Vargas, uma Pátria como a brasileira só pode progredir em todos os setores da sua vida intelectual" Osvaldo Teixeira: "Getúlio Vargas e a Arte no Brasil" — DIP — 1940 págs. 48 e 49.

E Sigaud nada mais disse. Nem era preciso.

"TRANSCREVA A MINHA ENTREVISTA"

Era o caso de procurar o sr. Osvaldo Teixeira. Devíamos ouvir as vozes pró e contra. Mas não fomos felizes. O diretor do Museu não tinha tempo de atender ao reporter. Havia uma reunião em que êle deveria tomar parte.

Sugerimos ouví-lo numa sala, mesmo, da reunião, afim de justificar, pelo menos uma foto para ilustrar a reportagem.

— Não. Agora não é possivel. O melhor é o sr. ler a entrevista que eu dei hoje a "A Manhã". Leia e tire de lá as declarações que eu fiz. Depois traga o texto para a minha aprovação.

— Pois não. (E' claro que lá não voltamos. Decididamente, essa maneira de fazer jornalismo, submetendo o que se escreve à apreciação de um censor é hábito de um passado que não vale a pena recordar.)

A OPINIÃO DE UM NOVO

Demos uma volta e entrámos na Escola. Castelo Branco passeava a sua figura, misto de esportiva e sonhadora pelos corredores.

— Então, Castelo, que acha você da organização do Salão?

E o jovem artista, medalha de prata, depois de se abancar numa mesa e começar uns rabiscos que pouco depois tomavam a forma de árvores esguais, declarou:

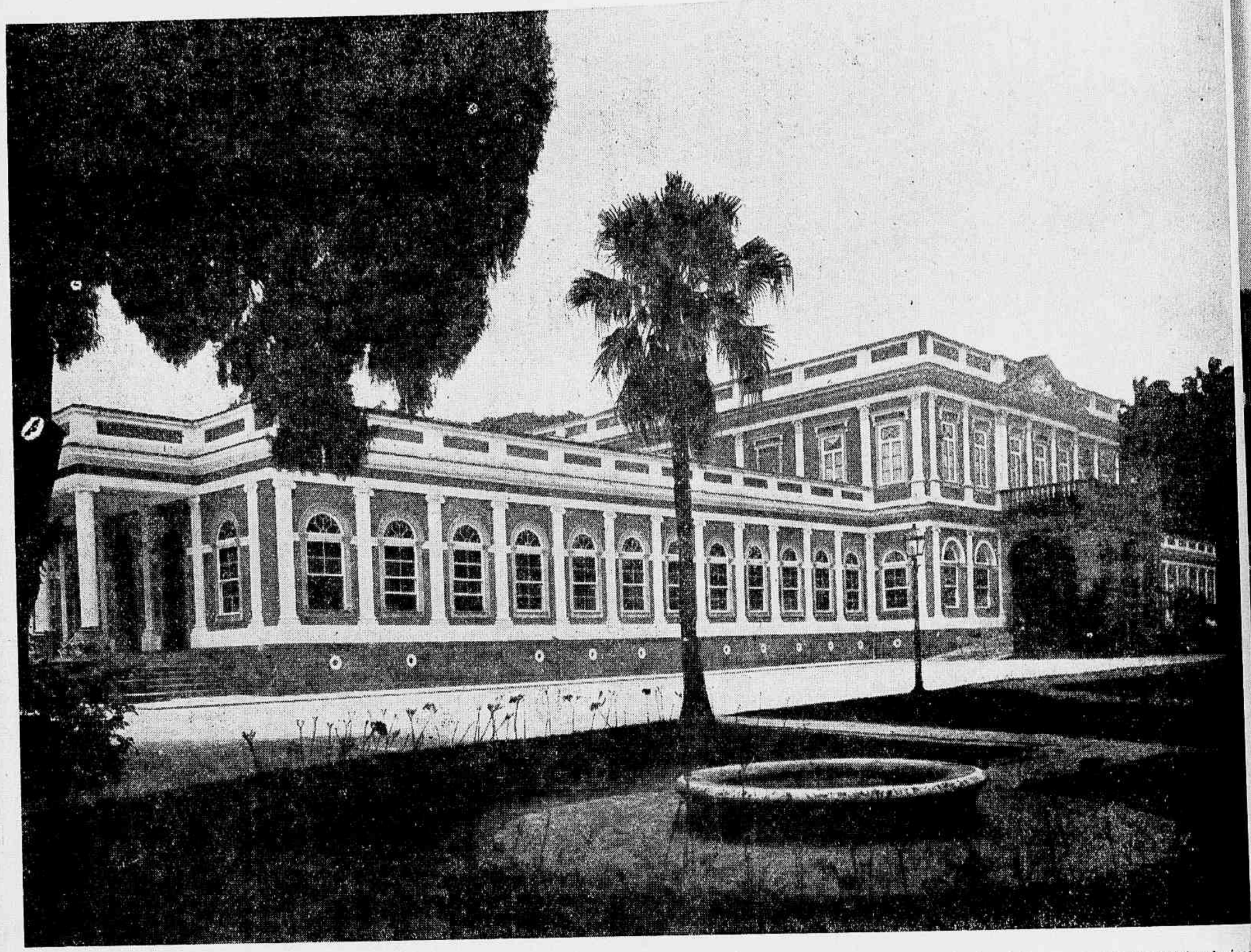
— E' de lamentar que estejamos perdendo tempo

(Continua na pág. 52)

O CAFÉ DOS PINTORES COMUNISTAS... — Barata, o valente jornalista que escreve todo dia em defesa dos pintores e contra o regulamento do Salão, não levou a sério a acusação do sr. Osvaldo Teixeira, de que o movimento era dirigido pelos pintores comunistas, os quais se reuniriam nêste café. Mas o reporter desconfiou e resolveu tirar a prova. Viana bateu a chapa e quando revelou, o resultado foi êste. Serão êstes homens pintores comunistas? Então prendam-nos depressa que os destinos da arte brasileira estão ameaçados...

A nossa representação na posse do presidente da Argentina

A missão que o embaixador especial do Brasil à posse do presidente Peron, sr. Carlos Luz, levou à Argentina em nome do presidente Eurico Dutra e dos sentimentos de solida amizade entre nós e o povo platino, despertou, no país vizinho, o mais vivo interesse e entusiasmo. O seu exito poz em destaque a vibração e a sinceridade do profundo afeto que nos dedicam os argentinos, correspondendo à estima e à admiração que, por nossa vez, lhes votamos e com que acompanhamos o progresso da vizinha Nação irmã. Entusiasticas foram as manifestações recebidas pelo nosso país na pessôa do embaixador especial, sr. Carlos Luz, e através das frequentes aclamações ao Brasil e ao general Eurico Dutra. As fotográfias são flagrantes que fixam algumas das cerimonias realizadas: — Banquete ao presidente Peron, oferecido pelas missões especiais, quando pelas mesmas falava o embaixador Carlos Luz — Na embaixada brasileira, além do nosso embaixador especial, os srs. dep. Rui de Almeida, o ministro do Interior da Argentina, o vice-presidente Quijano e o consul Corrêa — Visita da embaixada aos navios brasileiros, vendo-se os embaixadores Carlos Luz e Batista Luzardo, os ministros Varela e Moacir Briggs, o senador Ivo de Aquino, o almirante Guilhobel, entre as demais pessoas gradas — Solenidade na estatua de Tiradentes em Buenos Aires.



Fundado em 1940, o Museu Imperial de Petrópolis permite ao visitante uma viagem pelo Brasil de ontem, através de suas dependências. Em todas se encontram vestigios da época pré-republicana, inclusive as pomposas carruagens que então cruzavam as ruas do Paço.

Na mansão imperial de Petrópolis

O QUE É O MUSEU IMPERIAL DA CIDADE SERRANA, — SALAS ONDE A VIDA MONÁRQUICA — TELAS, MARMORES E OUTROS OBJETOS DE ARTES DO BRASIL PERSISTE ATRAVÉS DE PEÇAS DA ÉPOCA

Reportagem de ARMANDO MIGUEIS

Nas folhas indiscretas do "Livro de Impressões" do Museu Imperial de Petrópolis, cuja capa de couro lavrado tem aplicadas em prata as armas imperiais, os visitantes deixam suas impressões do enorme casarão da rua Sete de Setembro, 94. Nesse papel de linha dágua, onde o monograma P-II figura entre ramos de café e fumo, alguns cavalheiros prolixos avantajam-se na descrição do que lhes é dado apreciar, descrevendo minuciosamente peças e objetos, enquanto outros preferem não abusar do espaço, resumindo em poucas linhas a impressão causada. E' mais prático e eficiente.

João Luso, tão preciso nos seus conceitos, escreveu: "... **Aqui o passado continua. Todas as figuras, no meio adequado e único, perduram, vibram, ressuscitadas com seus júbilos e as suas amarguras...**" Ninguem foi mais feliz ao expender suas impressões do que o conhecido escritor luso. Em três linhas êle disse o que se poderia dizer da outróra mansão imperial que hoje abriga as mesmas relíquias de uma época distante.

A primeira iniciativa para a concretização do Museu Imperial de Petrópolis, partiu do Snr. Alcindo de Azevedo Sodré, então à testa do Museu Histórico da cidade das hortências. Dirigindo-se ao diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico, êle pediu o tombamento do próprio como monumento histórico brasileiro. E a resolução favoravel veio a 14 de junho de 1933, após a sessão do Conselho Consultivo, num processo que tomou o número 166-T.

Diante do parecer do Patrimônio Histórico e Artístico, tiveram inicio as negociações para a aquisição dêsse imovel, por parte do governo do Estado do Rio de Janeiro. E já a 3 de fevereiro de 1939, o Interventor fluminense assinava o decreto n.º 604, autorizando a compra do mesmo.

Nêsse ano, em 27 de novembro, chegavam a bom têrmo os entendimentos entre a interventoria e a Companhia Imobiliária de Petrópolis, responsavel pelo prédio em questão, o que motivou novo decreto, êste assinado a 29 de março de 1940, criando o Museu Imperial de Petrópolis, sob a direção do Snr. Alcindo de Azevedo Sodré, o qual foi exonerado a pedido em 23 de abril de 1943, e substituido pelo Snr. Luiz Afonso d'Escragnolle.

De início, a preocupação primordial dos organizadores do Museu, foi adaptar êsse próprio, tanto quanto possivel, ao período em que alí viveram os nossos imperadores, cuidando para isso da reconstituição das peças principais e caracteristicas do Palácio. Trabalho dos mais árduos, dada a dispersidade de alguns objetos da época, nem por isso tardou sua inauguração, feita a 16 de março de 1943, dia do centenário da fundação de Petrópolis, com a presença do Presidente da República e altas autoridades.

★

NA VELHA MANSÃO IMPERIAL

O forasteiro, que na ância de novas descobertas incluir no seu "carnet" de "globe-troter" uma visita a essa antiga mansão, terá ante os olhos uma perfeita visão do Brasil Império, tal a harmonia das peças alí dispostas e o poder expressivo das mesmas. Ele receberá a impressão de se encontrar no seio

→

Sala de jantar e a de conferencias, vendo-se nesta ultima, a conhecida téla de Pedro Americo, "Abertura do Parlamento por Don Pedro II".

da época

IS

ARMO-

dos or-
sse pró-
em que
uidando
s princi-
Trabalho
e de al-
o tardou
de 1943,
etrópolis,
República

IAL

as desco-
e "globe-
nsão, terá
do Brasil
lí disposmas. Ele
ar no seio

→

esta ultima,
ra do Parla-

da côrte, entre porcelanas brasonadas, móveis de estilo e pinturas alusivas a fatos ocorridos na época em que Pedro Segundo, o Magnânimo, governava os destinos desta outrora terra de Santa Cruz. E pela sua retina, tal como uma película em câmara lenta, desfilam objtos ligados ao nosso passado.

A entrada do Museu, ladeado por dois belos castiçais, está o "Livro dos Beneméritos", todo em mármore branco, tendo gravado em ouro, o nome daqueles que se distinguiram no culto às coisas do passado. Muitos dêles são nossos conhecidos, como o do Presidente Eurico Gaspar Dutra, Vasco Lima, Henrique Dodsworth, Edmundo da Luz Pinto, Luiz Escragnolle Doria e Raimundo de Castro Maia. Ha ainda o de família ilustres, como a do Conde Modesto Leal.

No centro do saguão, encontra-se pequena estátua de bronze, representando D. Pedro II em trajes magestáticos. Essa estátua está ligada à história da primeira fundição dêsse gênero no Brasil, a qual foi feita nos estabelecimentos da Ponta da Areia, quando o Visconde de Mauá era seu presidente.

Seguindo, o forasteiro chega ao corredor interno, onde o espera uma coleção de quadros que reproduzem páginas de alguns jornais da época, em sua maioria, com caricaturas de Angelo Agostini, o mais feroz satírico dos atos da Monarquia. E o visitante passa à sala da prataria. O número de peças é enorme e variado, encontrando-se balangandans, castiçais e objetos sacros.

Pedro Segundo e Teresa Cristina são duas litografias feitas por Joaquim Tourinho da Silva, quando da viagem dos imperadores à Bahia, em 1859, e que ornam a parede.

Agora, a Sala do Primeiro Reinado. Sobre um movel do Império, um óleo de Henrique José da Silva, representando o Segundo Imperador do Brasil, que aí aparece em farda de gála, revestido de suas condecorações. Mais adiante, um capacete da Imperial Guarda de Honra, em metal dourado, com o casco escamado. Foi o primeiro modelo de capacete usado, substituido quando do segundo casamento do monarca, em 1329. Um desenho aquarelado, representa a primeira composição da Ordem Imperial do Cruzeiro. Êsse trabalho foi feito por A. Palliére.

Dominando toda a parede do fundo da sala, o forasteiro depara com uma tela de François René Moreaux, datada de 1844. Representa o "Grito do Ipiranga", vendo-se D. Pedro I a cavalo, o braço erguido numa saudação.

"A abordagem da corveta Maceió", de De Martino, é outro óleo de dimensões regulares e que traz o ano de 1865.

E assim chega-se à sala das joias, constituindo o principal atrativo do Museu, em virtude de guardar as joias e as insígnias reais.

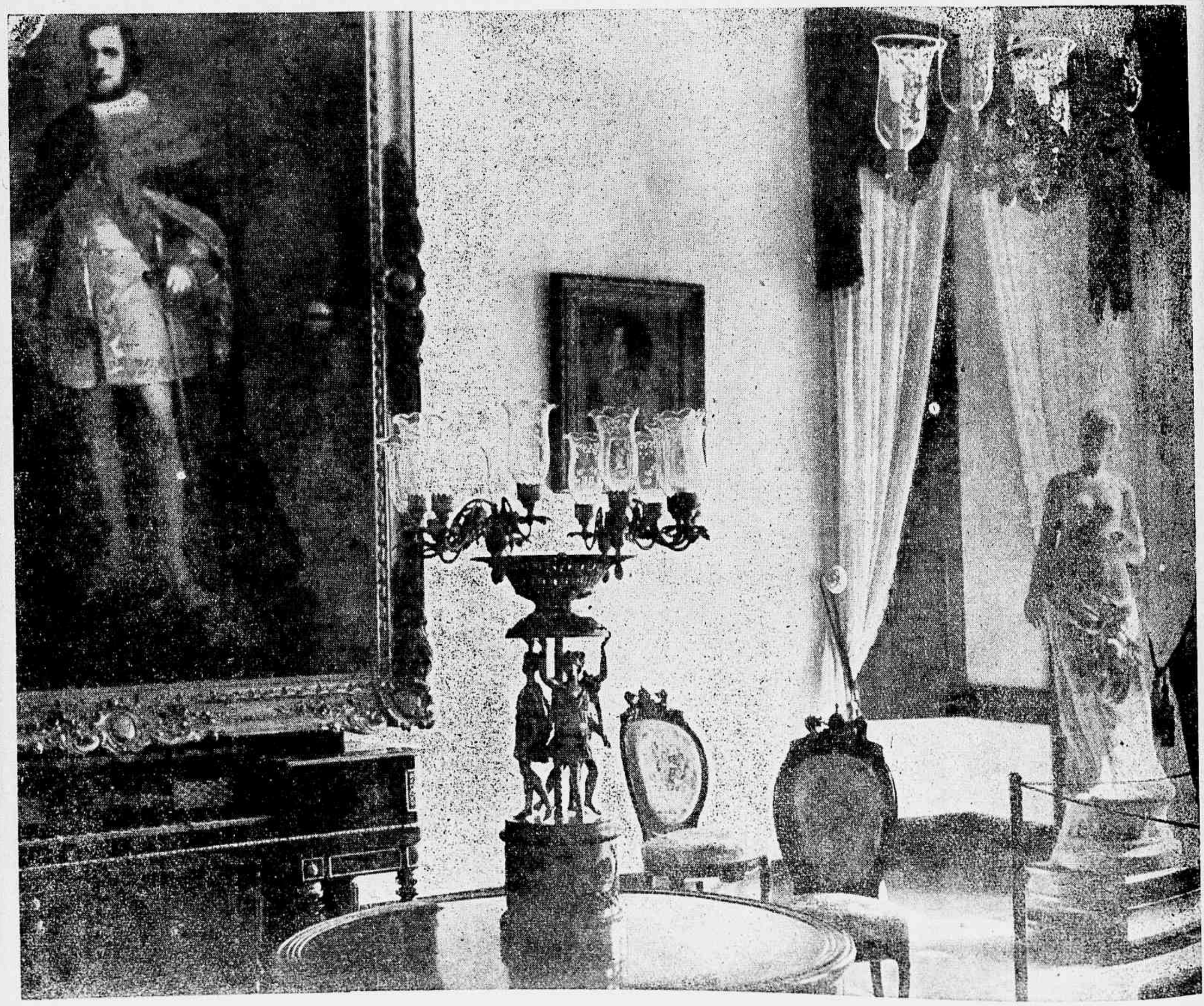
Recolhidas em cofres fortes, com um sistema de comando elétrico, elas são mostradas aos visitantes em dias marcados. Aneis, pulseiras, camafêus, brincos, rosários, tabaqueiras, relógios com miniaturas de D. Pedro II, medalhões, colares, inclusive o de filigranas, turmalinas, e esmaltes que pertenceram à Imperatriz D. Leopoldina, alí se acham guardados.

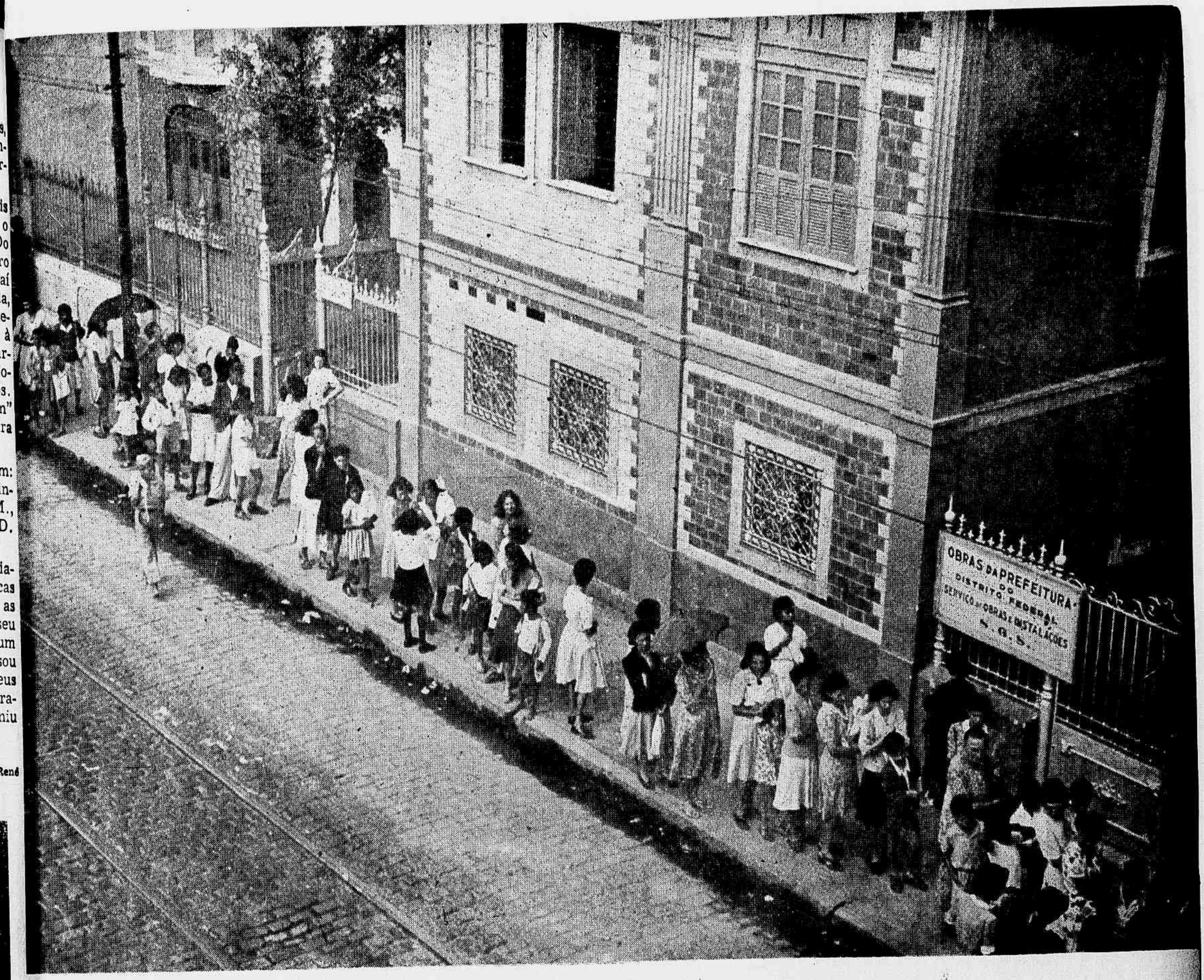
Como que atônico, diante de tão indelévels marcas de um passado não muito remoto, o forasteiro vai passando de sala em sala. Do Gabinete de Trabalho do Principe D. Pedro Augusto, êle chega à Sala D. João VI. Daí visita as duas Salas de Porcelana Brasonada, observando verdadeiras maravilhas de porcelana. Passa à de Conferência para chegar à Sala dos Indumentos, onde encontra uma farda de lã verde-garrafa, com bordados de folhagens douradas no peito, gola e punhos. Trata-se de um uniforme de "Gentil-homem" da Imperial Câmara, o mais alto da carreira palaciana.

Vem o andar superior. Nêle se localisam: Quarto do Berço, Quarto de Dormir da Princeza Isabel, Quarto de Dormir de SS. MM., Salão do Trono e Gabinete de Trabalho de D. Pedro II.

O forasteiro chega ao término de sua viagem pelo Brasil de ontem, quando as ricas carruagens cruzavam as ruas do Paço e as filas eram coisas inexistentes. Leva no seu "carnet" de apontamentos a lembrança de um periodo de fausto e de riqueza por que passou a nação brasileira, quando à frente de seus destinos, estava a família dos Orleans e Bragança, que o 15 de Novembro de 1889 baniu para terras mais distantes.

Salão dos Embaixadores, vendo-se a "Mima", estatua feita por Gobineau para o segundo e ultimo imperador do Brasil. Muitos objetos de arte, inclusive uma téla de François René Moreaux, "O Grito do Ipiranga", são conservadas no Museu Imperial, onde ha também uma sala exclusivamente destinada ás joias e insignias reais.





O Rio, graças a Deus (ou melhor, aos homens), é a cidade do "falta". Aqui só não faltam filas, por que de resto, falta pão, manteiga, fosforos, açucar, azeite, leite, carne, bonde, ônibus, taxi, vapôr, verduras, papel para a Imprensa, banha toucinho, e quando alguma coisa aparece é pelos preços mais astronômicos. Agora, chegou a faltar café, vêjam os senhores! Faltar café no Brasil! Os entendidos andaram dando explicações de todo geito, mas não pode haver argumentação que justifique a falta de café nesta terra... Por isso, surgiu uma nova fila, a da população sub-alimentada, á busca de meio-quilo ou duzentas e cinquenta gramas de café torrado... No "clichê" acima, a nova fila carioca — salve ela! — e em baixo, um leiteiro recolhe ao lar, pendurando a bicicleta na carrocinha ambulante, desde que ambos são inuteis e não ha leite para vender. Aguardamos, na próxima semana, uma nova fila. Que é mesmo o que "falta faltar ainda no Rio?

ACONTECEU NO RIO

Paisagem da França. — O Palacio da Justiça em Paris, refletido nas águas do Sena. A velha ponte conserva ainda as iniciais do seu creador, Napoleão Bonaparte que a fez executar durante seu imperio. Por sobre as águas do Sena, quantos barcos clandestinos não deslisaram, transportando material de propaganda da Resistencia, burlando a vigilancia nazista !

PARIS DURANTE A GUERRA

Por PIERRE DESCAVES
(20 SERVIÇO FRANCÊS DE INFORMAÇÃO)

SÃO numerosas as obras consagradas, antes da guerra, a Paris, á sua história, á significação que a capital da França pode ter sob o ponto de vista da civilização francêsa e até mesmo da universal.

Apareceu, agora, o primeiro livro destinado a mostrar-nos o comportamento da "grande cidade" durante os negros anos de 1940 a 1944: trata-se de "Paris durante a guerra" do Sr. Pedro Audiat.

O autor especifica bem que seu trabalho, feito com um cuidado de cronista exato e de observador, não é a "história de Paris durante a guerra, ou, melhor, durante a ocupação" e também indice que esta história não poderá ser narrada, sem paixão, senão daqui a um quarto de século.

O livro de Pedro Audiat não é tão pouco um "jornal" ou uma "coleção" de memórias; nem uma vez o escritor emprega a primeira pessôa pois sua investigação sobre um campo muito mais vasto; era impossivel que um único homem pudesse pesquisa-lo pessoalmente.

O autor contesta igualmente ter redigido uma narração romanesca ou mesmo romanceada; não contem nem retratos nem quadros literários nem diálogos reconstituidos, nem "nenhum dêsses agradaveis recortes do espaço e do tempo que se assemelham a uma oferenda às musas do teatro e do cinema".

Testemunha de vista e graças também aos documentos utilizados, aos apontamentos recolhidos, o sr. Pedro Audiat, que é homem de letras, jornalista e crítico teatral, pretende estabelecer um esbôço histórico, "uma primeira apresentação ao público" dos acontecimentos de todas as espécies que se desenrolam em Paris desde 1940 até agosto de 1944, isto é, até a Libertação.

Destacam-se, no livro, virtudes dêste Paris ainda mal conhecido, durante a longa e terrível opressão que suportou: virtudes em que tornamos a encontrar o espírito de Gavreche, a candura de Badin, a rigidez das almas numa capital, cujo povo sempre soube erguer barricadas.

Tornamos a vêr, com vigor, as provações infligidas por um vencedor brutal e destituido de psicologia, os editais da Feldkemmandantur, as requisições violentas, as patrulhas, a Gestapo, as torturas, a Santé, Fresnes, a Milícia, o Velodromo do Inverno e as perseguições contra os judeus, a coleta de toda a espécie de ferro, os "zazous", os slogans, a estação de rádio de Felipe Henriet, as alertas, os "grafitti"...

Assistimos à formação daquele "frent" da Resistência que, antes de se manifestar abertamente, põe de sobreaviso os corações e mobiliza as consciências; revemos a aceitação de uma sorte amarga a humilação das filas, a recusa de saudar a manequim do tirano, o desprezo silencioso e a revolta emboscada na sombra!

Foi de propósito que o autor de "Paris durante a guerra" citou poucos nomes em seu livro.

Certamente seria interessante levantar máscaras ou consignar listas de infâmia; o primeiro procedimento seria forçosamente incompleto; o segundo, incerto.

O sr. Pedro Audiat resistiu à tentação da facilidade: bem sabe que apenas a lenda pode transformar uma cidade de mais de quatro milhões de almas em uma heroina de vitral.

O que êle quis pôr em destaque foi o conjunto de virtudes "obscuras". (isto é, a aparente submissão), que prevalecem em extensão, senão em brilho, relativamente às virtudes "brilhantes" (a saber a própria organização da revolta ambiente).

"Paris sofredor ou triunfante sem dúvida merece ser inscrito nas páginas refulgentes e abruptas da História".

expõe o historiador de Paris ocupado. Não lhe diminuimos os títulos á admiração do mundo quando os expomos todos em vêz de salientar apenas os mais espetaculares.

Dêste aspeto coletivo duma população que praticou com dignidade e repulsa, o sr. Pedro Audiat oferece-nos muitos quadros, em quatro partes bem distribuidas, e elas próprias fracionadas em episódios característicos: "Cidade às cegas", "Indomavel", "Revoltosa" e enfim "O Milagre de Paris".

A "longa semana", que culminou, em agosto de 1944, com o abandono da cidade pelos vencedores, é assunto de uma análise apaixonada. E, finalmente, são os hunos que fogem para Leste, cobrindo ainda a cidade de chamas com sua sombra vermelha.

A "Aguia Alemã largava afinal a presa que mantivera entre as garras sem ter conseguido matar-lhe nem nem o corpo, nem a alma"...

Nada falta à bela obra do sr. Pedro Audiat. No entanto seria justo que o autor de "Paris durante a guerra", citasse os termos do decreto pelo qual, há um ano, a Cruz de Lorena foi conferida à cidade de Paris.

Eis alguns trechos daquela citação, exatamente como foi publicada no "Jornal Oficial", de 30 de março de 1945:

"Capital fiel a si mesma e à França, manifestou sob a ocupação e a opressão inimigas e, a despeito das insinuações do abandono e traição, inabalável resolução de combater e vencer... Por sua coragem em presença do invasor e pela energia indomável com que suportou as mais duras provas, mereceu ficar como exemplo para a nação inteira...

Os textos oficiais são quase sempre rebarbativos... Este, porém, vibra com todo o reconhecimento que a Patria devota à sua Capital. Ele, doravante, se nos afigura inseparavel da sua História. O emblema de Paris é um navio. Como é reconfortante saber, de um canto a outro, que o povo venceu a fatalidade!

Paris conserva a lembrança de seus mortos. Numerosas são as placas comemorativas nas esquinas e praças, em memoria dos mortos pela França, como se vê na gravura á esquerda, em cima. — A' direita: Notre-Dame, L'Abside. — Em baixo, uma imponente vista do Hotel de Ville, tomada por ocasião da parada militar da Vitoria, realçada pelos maravilhosos efeitos de iluminação, que formam contraste marcante com os possantes "tanks" alinhados no primeiro plano.

O Brasil, a exemplo estrangeiro, está tomando o bom costume de celebrar centenarios relativo a vultos que o serviram no seu passado honroso. Nas celebrações centenarias, como todo direito, tomam a frente as classes ou as associações que pódem reclamar aqueles vultos como mais seus no apreço nacional.

Eis o caso do Museu Nacional ao pôr em luz o centenario natalicio do Dr. João Baptista de Lacerda, o Museu coadjuvado na memoria da centuria por centros cientificos e literarios.

A 12 de Julho de 1846 nascia fluminense em Campos, João Baptista de Lacerda, filho do medico campista de igual nome e de D. Maria da Assumpção Cuny de Lacerda; natural de Lisboa.

Encaminhado a estudos secundarios, iniciou-se onde devia concluil-os, no Internato do *Colegio de Pedro Segundo* onde bacharel em letras no ano de 1864, tão marcado pelas guerras do Uruguai e do Paraguai.

De seus mestres no *Pedro Segundo* conservou Lacerda a mais agradecida memoria, não se contentando, vida inteira, em exalçar áqueles mestres por lhe haverem dado as mais proveitosas lições de a base de sua cultura.

João Baptista de Lacerda era medico em 1870, passando a clinicar em Campos. Propenso sobretudo a estudos de ciencias naturais sentio vocação para tais estudos afervorada por um professor de História Natural do *Pedro Segundo*, o padre Benevides por fim bispo de Mariana.

Transferindo-se para o Rio de Janeiro, Lacerda entrou para o serviço publico justo na casa para a qual estava talhado, o Museu Nacional, nele subdiretor de uma das seções do estabelecimento fundado por um dos maiores fundadores no Brasil, D. João VI, espalhador de tantas instituições diversas desde sua chegada ao Rio de Janeiro. Neste, no tempo colonial, o vice-rei Luís de Vasconcellos animára estudos de História Natural, principiando pela ornitologia, ao crear a *Casa dos Passaros*. O rei completaria a obra do vice-rei.

A Pedro I e a Pedro II caberia continuar, e continuaram, o que havia feito o pai e o avô.

E' justo recordando a fundação de um estabelecimento de ordem elevada lembrar dele o primeiro diretor. Teve-o Museu Real na pessôa de um frade franciscano, frei José da Costa Azevedos, um dos varios representantes do clero regular chamado a funções publicas. E o foi frei Costa Azevedo em 1818, para organisar o Museu recemcreado por iniciativa régia.

Do seu claustro solitario, veio frei Costa Azevedo ao silencio e aos écos das salas a principio quasi vasias do Museu no casarão do Campo de Santa Anna comprado pelo Erario Real a José Rodrigues Pereira de Almeida por trinta e dous contos de reis.

Não se contentou D. João VI em crear, dadivou, oferecendo duas coleções, uma de objetos de prata, marfim, madeira, marmore e coral, segunda coleção constante de quadros a oleo, talvez de natureza morta, dada a natureza do Museu.

Coube a frei Costa Azevedo receber e dispôr as ofertas, acrescidas de importante coleção de minerais comprada ao mineralogista Werner.

Muito trabalhou o frade mineralogista, diretor de gabinete mineralogico da Academia Militar. Devia o sapiente monge falecer em dia memoravel, a 7 de Setembro de 1822.

Terceiro diretor do Museu seria igualmente um monge, frei Custodio Alves Serrão, lente de ciencias fisicas na Escola Militar, e dedicado à mineralogia como a outras ramos da História Natural.

A frei Serrão sucedeu um seu discipulo, Burlamaqui, tambem mineralogista, continuando a passar pela direção do Museu especialistas de nóta como Freire Allemão e Ladisláo Netto.

Após quinze anos de exercicio em cargos do Museu assumio-lhe a diretoria geral o dr. João Baptista de Lacerda,nomeado a 7 de Janeiro de 1895, na presidencia Prudente de Moraes.

Dados os seus antecedentes de cientista revelados no proprio Museu, a Lacerda competia apenas continuar labores acrescidos de responsabilidades. Chegava a chefe da casa quando esta agitada por questões que haviam incompatibilisado os funcionarios do Museu com o diretor Ladisláo Netto, nos ultimos tempos de sua administração sobremaneira hostilisada.

Coube a Lacerda inaugurar direção pacificando animos. Ha guerras civis burocraticas.

Tendo conciliado, valendo-se da declaração de esperar auxilio de companheiros de trabalhos comuns em longa convivencia, poude o diretor Lacerda ser desafogado chefe de corpo administrativo de relevo e de auxiliares cienficos notaveis.

As lutas internas do final da administração combatida de Lacerda haviam sido desfavoraveis ao Museu, desalojado da sua primitiva séde indo parar no palacio de São Cristovão, tambem no momento aproveitado para local de reunião do primeiro Congresso Constituinte da Republica.

Adaptado às pressas para aquele fim, o Museu Nacional sofreu as consequencias de adaptação a correr de martélo, deformante da antiga residencia imperial quando a deveriam conservar mais ou menos intata. Certos edificios depõem na História

Coube ao diretor Lacerda reparar estragos, pôr o Museu em ordem, com atenção ao que o palacio recordava.

No homem de ciencia outro havia de senso artistico inclinado a letras.

Tanto assim que em alentada memória de sua autoria — *Fastos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*, Lacerda tanto deu a descrição da séde do Museu como das suas coleções.

E' um encanto, na obra de Lacerda, não só conhecer o valor daquelas coleções como o ambiente onde começou vida nova do Museu. Palacio, Nele adormecera a historia de um regime político cheio de fatos e de fatos memoraveis, da Independencia à Lei Aurea, na liberdade 1888 de certa fórma respondendo a 1822.

A sala da Congregação do Museu substituio a sala do Trono, em cujos angulos pompeiavam as figuras da Justiça, da História, da Verdade e da Sabedoria, e, para a justiça de Deus na vóz da História, apelára o segundo imperador do Brasil ao começar exilio.

No palacio a antiga sala de recepção dos diplomatas estrangeiros por cuidados de Lacerda, passou a ser o salão nobre do Museu esplendidamente pintada e ornamentada como a do Trono.

Lacerda, apreciador de arte e cultor de bôas letras hauridas no bacharelado do *Colegio de Pedro Segundo*, descrevendo, como entendido, as duas salas, concluio descrição dizendo: "Tenho ouvido dizer a artistas competentes, que as decorações destes dois salões são um primor de arte e de belleza. Certo é que, mais de 20 annos, são passados, depois que por alli deslisou o pincel do pintor italiano (Bragaldi) e os quadros por elle pintados até hoje o primitivo frescor das tintas. Analysando-os, sente-se ainda hoje (em 1905) a impressão do novo e do bem acabado em materia de arte e de pintura decorativa".

Com a pena que escreveu isto, o diretor Lacerda descreveu as coleções do Museu distribuidas por varias salas em mostras de zoologia, botanica, mineralogia, astropologia, etnografia, arqueologia, palentologia.

Já avultava no vestíbulo do Museu o meteorito do Bendegó, nenhum Museu do mundo possuindo massa metalica caida do céu com o peso e o volume do meteorito transportado dos sertões da Bahia, apenas o Museu de Munich possuindo um fragmento do meteorito colhido por Spix a Martins em 1818.

Custeadas as despezas do transporte pelo visconde de Guahy (Elysio Pereira Marinho), foi o Bendegó após dificuldades enormes trazido ao Rio de Janeiro pelo capitão-tenente José Carlos de Carvalho, auxiliado pelos engenheiros Horacio Antunes e Vicente José de Carvalho.

Quasi ano foi posto a viajar o Bendegó chegado ao Rio de Janeiro a 15 de Junho de 1888.

No tempo do Imperio muito insistira o dr. Lacerda pela introdução da Biologia no programa de estudos do **Museu**.

Em 1880 o sonho cientifico de Lacerda se tinha realisado com a fundação de um laboratório de Biologia em dois salões terreos do Museu ao Campo de Santa Anna. Aos trabalhos do laboratorio associou-se um outro medico, o Dr. Luís Couty, discipulo de Vulpian, e professor contratado de Biologia Industrial na Escola Politenica do Rio de Janeiro.

Conty teve fim primitivo, aos trinta anos de idade morria no Rio de Janeiro, lados da Tijuca. Embora estremecido de relações amistosas com Conty, explorando o estremecimento de relações por incompatibilidade de temperamentos, Lacerda sagrou a memoria do joven sabio em pagina de nobreza e justiça. A pagina honra á pena e a elevação de alma de quem a escreveu, por varios serviços Lacerda apontando Luis Conty à gratidão dos brasileiros.

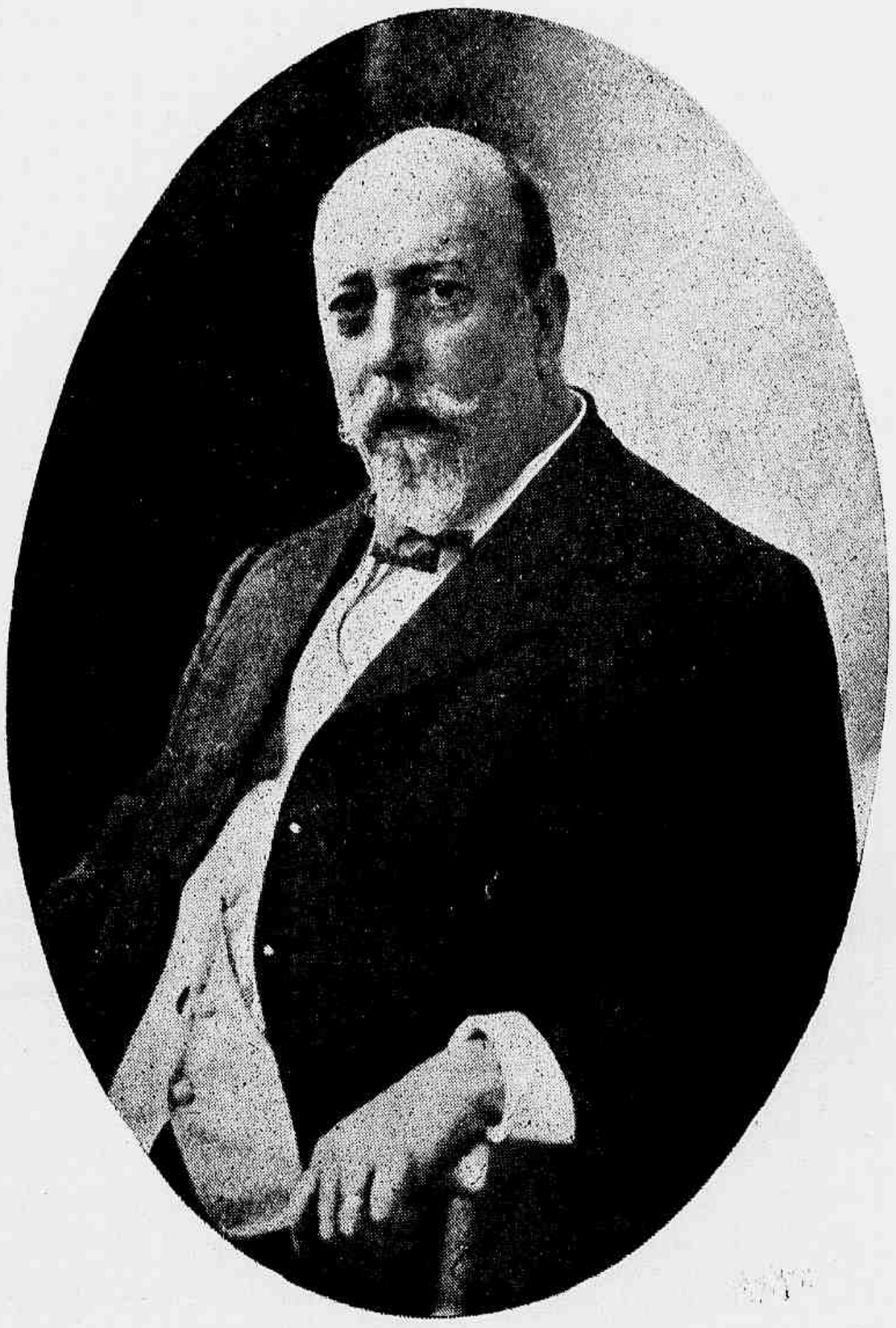
No vasto programa do laboratório do Museu, e suas pesquizas, experimentais, figurou o estudo dos venenos dos animais entre estes terrivel, mortal a peçonha ofidica. Aplicado a estudal-a de observação em observação preconisou Lacerda o permanganato de potassio de ação neutralisante do veneno ofidico após experiencias probantes em animais e no homem, não sem suscitar controversias consequentes a qualquer descoberta mormente cientifica. Alem da conciencia de suas pesquiças, na constancia das mesmas era o pesquizador fortalecido pelo encorajamento de esposa dedicada, D. Madalena de Faro Lacerda.

Ocupou-se tambem Lacerda com um mal de grande dano á pecuaria brasileira, o mal da manqueira dos bovideos. Conseguio o infatigavel estudioso descobrir vacina preventiva aplicada com resultados positivos por criadores de gado em Minas e o arquivo particular do dr. Lacerda encerra dezenas de cartas de fazendeiros agradecendo os serviços prestados à pecuaria pelo descobridor.

A lista das publicações cientificas do incessante investigador é extensa. Demonstra quanto o estudar predominou em Lacerda, não lhe faltando premios e distinções.

Estudos antropologicos sobre os nossos indigenas, pesquizas a respeito da febre amarela, acareado microbio do beriberi, investigações sobre as plantas toxicas, especialmente o curare, comunicações a congressos cientificos estrangeiros nos quais era delegado nosso, e mais e mais, tudo isto constar da sinopse dos longos trabalhos de ciencia do dr. Lacerda, trabalhos aos quais D. Pedro II dispensou sempre atenção e interesse na atenção e interesse que dispensava ao Museu.

Duas palavras condensam a vida de João Baptista de Lacerda: ideiou e realisou. Nem a todos é dado tanto.



O Dr. João Baptista de Lacerda
Director do Museu Nacional do Rio de Janeiro e Presidente da Academia de Medicina tambem do Rio de Janeiro.

JOÃO BAPTISTA DE LACERDA

ESCRAGNOLLE DORIA

— Incrivel, disse o sargento.
— Inacreditavel, disse o tenente.

Mas o coronel pôs fim àquele espanto:

— De nada adianta ficar sentado balbuciando adjetivos. Andem! Movimentem-se!

— E o homem...?

— Que há com êle?

— Fica preso?

— O crime não é inafiançavel?

— Sim.

— Ele não confessou?

— Sim.

— Nesse caso, que está esperando? Prenda-o.

— Sim, senhor.

Sairam o sargento e o tenente. Na sala de espera estava o criminoso. Levantou-se, vivamente, olhou para os dois piliciais e perguntou:

— Chegaram a uma dicisao?

— Vamos prendê-lo.

O rapaz era moreno e tinha as feições delicadas. Quando sorria, mostrava um fileira de dentes muito brancos, contrastando com sua pele escura.

— Magnífico. Aonde me levarão?

CONFISSÃO

Conto de FREEMAN WILLS CROFTS

— Por enquanto ficará aqui mesmo.

Ele vinha de luvas e bengala. Levaram-no a uma celula. Ele agradeceu a amabilidade da companhia, ainda com um sorriso ironico, sentou-se, descalçou as luvas, mas conservou a bengala. O detective pediu que lh'a entregasse.

— O senhor não poderá conservá-la enquanto estiver aqui, De-m'a que a guardarei até que seja posto em liberdade.

O rapaz levantou os olhos, rapidamente:

— O que? A pena para homícidio premeditado não é a mais a morte por enforcamento?

— Sim.

— Nesse caso, disse o moço, com um reverencia brincalhona, faço-lhe presente de minha bengala. Nunca mais sairei daqui — exceto, é claro, para comparecer ao julgamento e para ser executado.

Os detetives retiraram-se, apressadamente. Sentiam-se mal, diante da perigosa impertinencia do rapaz. A morte o encarava de frente e... êle sorria, fazia uma reverencia, de dentro da sua celula, dizendo:

— Faça o favor de entrar.

Toda a polícia se agitara quando, subitamente, êle entrara, declarando que desejava falar com o chefe.

— Ele não pode atende-lo. O senhor terá que marcar uma audiencia.

— E se eu estiver aqui para confessar um crime?

O guarda lançara um olhar para a sua aparencia distinta e sorria:

— Ainda assim seria dificil falar com êle.

O moço assobiara:

— Homem importante, hein?

— Sem dúvida. Vela pela segurança de Londres.

— Hum...

Depois, com um gesto brusco:

— Mas, sabe que estou falando a verdade? Matei um homem...

O guarda arregalara os olhos.

— Como?!

Minutos depois, êle estava sentado defronte de coronel e contava a sua história.

— Matei um homem, coronel. E não me interessa dizer por que motivo. Sei que a sociedade impõe um castigo aos que tiram a vida de um semelhante. Não me furtarei a ele. Aqui estou: prenda-me.

— Mas...

— Darei todas as informações. O Homem chama-se Dover Wilson, mora em Moonlight Street, 35. E' só ir buscá-lo. O corpo deve estar onde eu deixei. Per-

(Continua na pág. 50)

Rodin no cinema

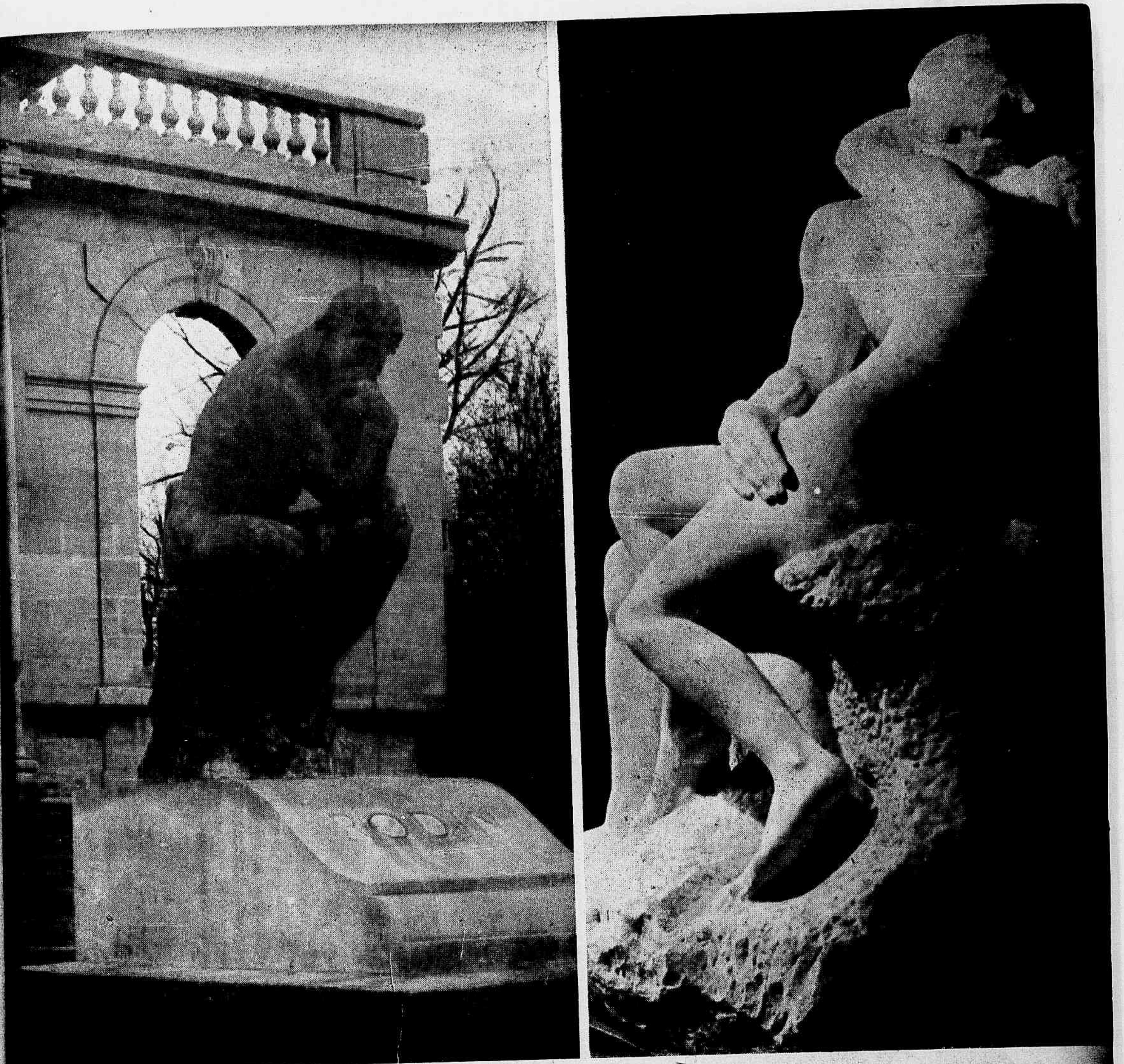
(Por JEAN QUEVAL)

O documentário mais familiar ao público frequentador de cinemas é, bem entendido, depois do "grande filme", o que trata de viagens e notícias. Com efeito, depois do filme de grande metragem, nada seduz tanto o espectador, com as reportagens ao Polo, as expedições africanas empreendidas por antropólogos, biólogos ou, simplesmente, cinematográficas. Seguem-se os documentários científicos que podem ser de simples vulgarização, ou constituir, para o próprio sabio, um instrumento de trabalho. Há também o filme pedagógico do qual não se fêz ainda, em geral, senão emprêgo insignificante, mas é de natureza a modificar sensivelmente a concepção do ensino primário, secundario ou superior. Nada dissemos ainda, do filme de ficção, no qual o argumento nada mais é que pretexto para uma reportagem que pode, de certo modo, assemelhar-se a um documentário. Torna-se, assim, infinitamente delicado e talvêz sem grande significação, escolher um filme dêste gênero entre tantos outros, e dizer — "êste é o melhor". Não temos tal pretensão. Mas gostaríamos de falar de um deles que é, entre centenas de outros, já exibidos, o que nos parece mais inteligente, mais eloquente e mais belo.

Trata-se do filme natural de François Lucot sôbre o escultor Rodin. A simples idéia de dedicar um filme ao artista é excelente. A escultura é, efetivamente, uma arte quase desconhecida, e Rodin pode, seguramente, mais que qualquer outro, entre os escultores contemporâneos, oferecer ao público, em quantidade e qualidade, elementos preciosos de informação. Além disso, sua obra mereceu consagração universal e, embora não seja o caso de defendê-lo, é justo procurar evitar essa espécie de "embalsam" de que são vítimas os artistas aceitos e venerados por todos. Outra razão que torna interessante a idéia desta película é a possibilidade de reconstituir a vida do artista paralelamente à sua obra, de mostrar como a glória não lhe veio senão no fim duma existência cujos traços característicos são significativos, pois êle a passou, inteiramente, na simplicidade, no recolhimento e na grandeza. A vida de Rodin, reconstituida em suas linhas essenciais, surge, assim, edificante como uma imagem de Epinal. Nada tem de milagroso e, raramente se vê artista mais digno de sua glória do que êle que consagrou o melhor de sua vida à própria arte.

O jovem Rodin, no ínicio da carreira, viu três vezes recusada sua admissão na "Escola de Belas Artes". Quando morreu-lhe a irmã, que era extremamente piedosa, acreditou-se tocado pela graça e pretendeu ordenar-se. No convento, o Padre Superior cujo busto esculpiu, durante o noviciado, dispensou-o dos votos, depois de lhe ter feito compreender que a tendencia religiosa não era, sem dúvida, a única de suas vocações.

No Museu Rodin em Paris, em uma das salas de exposição, encontra-se o busto de Rodin feito por êle proprio e reproduzido na gravura ao lado.

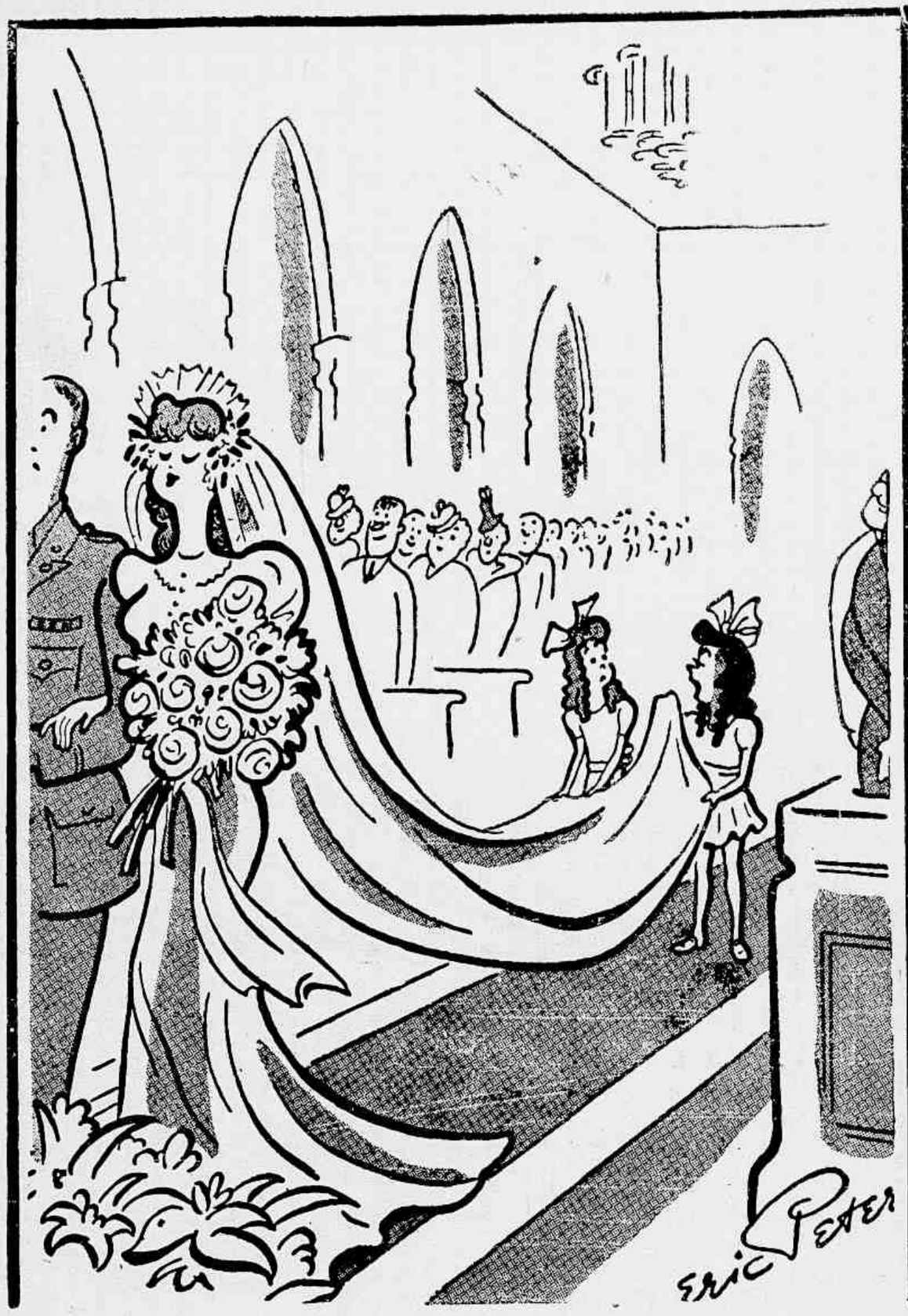


O Museu Rodin acaba de abrir suas portas ao público parisiense, com uma coleção enriquecida e valorisada pela iluminação e apresentação das salas que realçam as obras primas de todas as épocas alí apresentadas . Aqui temos "O Pensador" e "O Beijo", em fotos do Serviço Francês de Informação.

Anos mais tarde casou-se Rodin com uma moça que fazia flores artificiais, e que se tornou a companheira de toda sua vida. E é tudo. Isto é, se não tivesse sido escultor de gênio, mas somente Sr. Rodin, a biografia, a um tempo edificante e curiosa, teria parado aí. Entretanto, após alcançar a felicidade simples do lar, Rodin começou a luta. E lutou enquanto viveu. Mas teve, como Vitor Hugo, o privilégio excepcional de ser, em vida, já no outono de sua carreira, proclamado o mestre da escultura contemporânea. Obteve, assim, sagração suprema, que considerava como um sonho muito belo para ser realizado e pôde assistir à inauguração do Museu que traz seu nome no antigo "Hôtel de Biron".

Não era um revoltado espiritual, à procura da verdade eterna inédita, como durante dezenas e dezenas de anos, o apresentou a hostilidade ativa dos contemporâneos, somente por causa de seus processos e por, em matéria de aprendizagem e de técnica, se ter submetido menos às próprias inclinações pessoais que à influência dos grandes mestres. Inspirava-se frequentemente na trilogia de Dante, na qual sua infância se formara e que lhe forneceu o ponto de partida e o próprio fundo de parte considerável de sua obra. Procurava também na catedral de Reims, que lhe servia como modelo gótico, como o maçiço dos Alpes lhe oferecia o mais poderoso testemunho da natureza. Mas o mestre escultor de que se fez discípulo humilde e entusiasta foi Miguel Angelo. Passava dias inteiros na sacristia de "San Lorenzo", em Florença. Trabalhador infatigável deixou obra importante tanto em quantidade como em qualidade. Pode-se dizer, para caraterizá-la — sumariamente, mas com exatidão — que seus melhores grupos e estatuas — UGO LIN, BEIJO, PORTAS DO INFERNO, PENSADOR, EVA, BALZAC, BURGUEZES DE CALAIS — são admiráveis pelo movimento e pela modelagem, e nos dão aquele sentimento, que o autor deixou entender na sua afirmação estética.

Sem dúvida nosso objetivo era falar-lhes dum documentário, dum filme natural entre muitos que vimos e que nos pareceu o melhor, e não do assunto do qual foi realizado. Mas devemos terminar com uma confissão. Muitas visitas ao "Museu Rodin" não nos haviam dado até o presente, um conhecimento direto e satisfatório da obra do mestre. Nessa insensibilidade é, bem entendido, a única culpada. Mas o que o olhar do crítico de cinema e amador de pintura moderna, habituado às duas dimensões mais que à apreciação de volumes e relevos, não tenha encontrado na obra de Rodin, o filme consagrado ao mestre lhe fez descobrir. Que melhor elogio se pode fazer a um documentário de arte? A produção é admirável pela inteligência do comentário, pela simpatia do cinema, pelo motivo, pela beleza plástica da fotografia que sabe focalizar e dar valor sucessivamente a todos os aspectos da escultura e sobretudo, sem dúvida, pelo sentimento do homem através da obra e da obra através do homem. O filme de Lucot é um trabalho instrutivo no qual afeto e compreensão levam ao respeito, e que é digno do assunto que apresenta.



— Puxa, Belinha! Como é ordinaria a fazenda do véu de noiva da sua irmã!

— Pelo geito, meu amigo, parece que ambos vamos para a mesma festinha...

— Ela, lá, "seus" idiotas! P'ra quê tanto pressa?

DE BOM HUMOR...

NOS BASTIDORES FEMININOS

MARTHA WICKERS ("Warner Bross")

Seus olhos, minha amiga, merecem os seus maiores cuidados! Eles reflétem não só o seu estado d'alma, como também os seus males físicos. Uma mulher sadia, que sabe escolher alimentos adequados ao seu organismo, terá sempre olhos limpidos e brilhantes! Ha no entanto, outros cuidados qua não devem ser esquecidos, como por exemplo, a lavagem diária dos olhos com água boricada, usada num cálice especial.

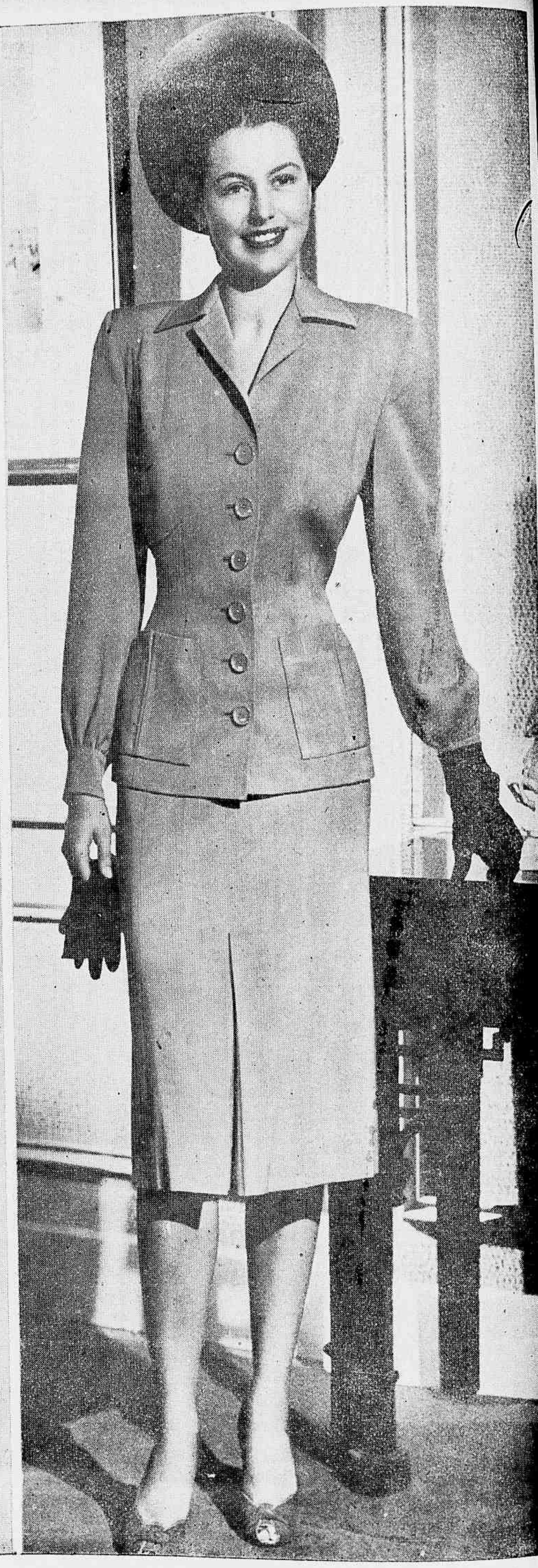
Outro fatôr que contribúa para o embelezamento dos olhos é o sôno. Dormir... dormir... Eis um conselho que não deve ser esquecido. Observe, querida amiga, o efeito que produz sobre os seus olhos uma noite de insônia. Horrivel, não?

E si você tem a mania de chorar por qualquer cousa, perca-a desde já. Cada choradeira deixa você com um aspéto desagradável durante pelo menos 24 horas! E 24 horas não é tempo que se perca!

Diariamente você deve descançar os olhos pelo menos durante meia hora. Uma fórmula bôa para isso é deitar-se deixando a cabeça num nivel mais baixo do que o dos pés (você poderá deitar-se no chão, colocando os pés sobre uma cadeira). A circulação é ativada produzindo um bem-estar e uma aparência brilhante em seu olhar.

Outra, é deitar-se num quarto escuro, colocando sobre os olhos dois chumaços de algodão embebidos numa loção especial para os olhos. Procure então pensar em cousas agradáveis; pense em tudo, menos nos seus próprios olhos!

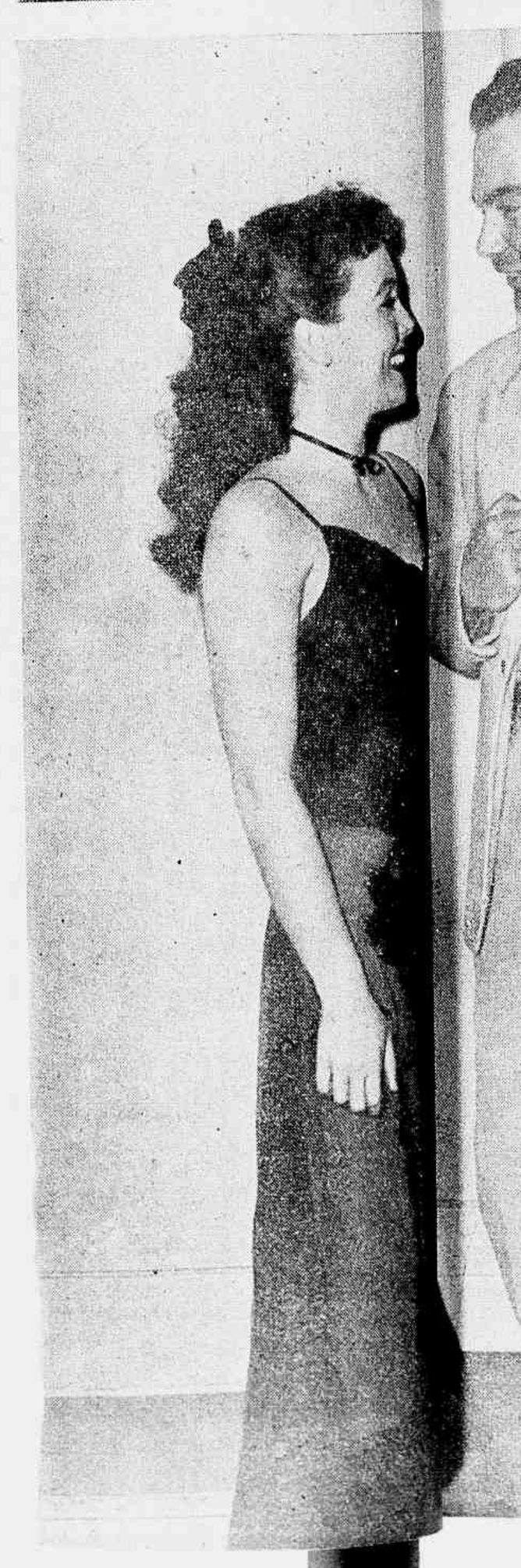
Qualquer desses métodos dará aos seus olhos uma aparência mais jovem e radiósa. Não esqueça, porém, querda amiga, que ha qualquer cousa que não se obtem somênte com exercicios; é qualquer cousa que vem de dentro do seu "eu", da sua personalidade, "qualquer cousa" que dá aos seus olhos um encanto especial, pois reflete a bondade, a simplicidade e a simpatía que existem em você!



MANHÃ, TARDE, NOITE

Aqui estão três lindos modelos para as principais horas do dia. O primeiro apresentado por Frances Gifford, é confeccionado em algodão estampado, e próprio para manhã. Cid Charisse sugere este elegante "tailleur" em gabardine belge, para a tarde, e filanmente Nena Maris é quem exibe este modernissimo "tailleur" em lã crua proprio para a noite. (Fotos M G M.)

ais horas
d, é con-
manhã.
gabardine
em exibe
a noite.



Ao alto, Kathryn Grayson disposta a rehabilitar o uso do léque. Em cima, á direita, Hume Cronin cumprimentado por Louis Serrano no "set" da filmagem de "The Beginning of the End" — e Susan Hayward e Jess Barker, a nova dupla da Metro. (Ela fêz recentemente "Canyon Passage" em tecnicolor). E em baixo, Lina Romay e Mickey Rooney, também visitados pelo nosso correspondente. Ela é a nova "pequena" de Mickey em seu primeiro filme de após-guerra: "Uncle Andy Hardy".

A "REVISTA" EM HOLLYWOOD

Hollywood, junho. (Por Louis Serrano) — Uma visita aos estúdios de Culver City é sempre um amavel pretexto para dois dêdos de prosa com artistas famosos, que vocês adoram ai á distancia... Ontem foi o nosso dia de "apointment" na Metro. Lá tivemos ensêjo de abraçar o garoto Mickey Rooney (garoto é força de expressão, mas enfim...) e fômos apresentados á sua primeira namorada de após guerra, Lina Romay, protagonista de "Uncle Andy Hardy". Conversamos demoradamente com Hume Croini, que estava terminando "The Beginning of the End", e dêle ouvimos as classicas palavrinhas gentis sobre uma grande vontade de conhecer o Rio, essa maravilhosa terra da qual todos falam com tanto entusiasmo...

Mic&ey Rooney continua o mesmo incorrigivel garoto, apezar de estar entrando na idade. Sua reaparição espera-se com uma ansiedade muito facil de explicar, sabendo-se que ha mais de dois anos não é estreiado filme dêle. E Lina Romay disse-nos que "si não existisse mr. Rooney, seria preciso inventalo". Não acertei com o significado exato dessas palavras, talvêz o leitor póssa vir em meu auxilio.

Ao mesmo tempo Kathryn Grayson ofereceu-nos o seu mais recente retrato, e acreditem ou não, miss Grayson é ainda mais bonita e mais... como dizer? Mais "glamourosa" em pessoa, do que nessa fotografia encantadora.

Regressamos da nossa visita periodica á Metro com a convicção de estar bem ganho o dia. Depois de um "lunch" com Kathryn Grayson e de ouvir duas boas bolas de Mickey Rooney, não ha quem dê um dia por perdido... Pena não me ser possivel contar a vocês as anedotas que ouvi de Andy Hardy... Mas é que não pode ser!

CHAPÉUS PARA MOCINHAS

JOHN FREDERICS, notavel creador de chapéus desenhou estes dois modelinhos especialmente para Elizabeth Payln da M.G.M. e que pódem ser espiados por aquelas que ainda não tenham passado dos 15 anos.

★

O primeiro, é um modelo confecionado em palha clara, de formato triangular, e tem um pequeno véu caido sobre a testa. Dois botões de rosa de veludo, completam este elegante chapéusinho de Miss Paylon.

O segundo modelo é uma outra creação de John Frederics, também em palha clara é de forma quadrada, e tem como motivos ornamentais fitas de "gros-grain" azul marinho é um apanhado de margaridas.

PENTEADOS

★

UM penteado bem cuidado é sempre um complemento indispensavel á elegancia da mulher. Qualquer que seja o lugar onde ela se apresente em qualquer hora, a impressão que causará será sempre melhor e tornar-se-á muito mais admirada, si alem da originalidade do vestido, da delicadeza das maneiras, os seus cabelos forem bem tratados e bem penteados. — Annita Louise, da (Columbia), mostra-nos nesta página como se póde ficar bonita com um penteado simples. Cabelo para o alto, repartido ao meio, com "boucles", e como complemento um lindo lenço de jersey vermelho.

O pupilo do MAESTRO

Assim como não se faz ideia de caramujo sem casca, também não se conhece professor de canto que não seja velho, italiano, ex-celebridade mundial e mentor lirico de um rapaz talentosissimo — seu pupilo — no qual procura realizar o que não poude fazer na sua mocidade, isto é, ser um vitorioso e insigne cantor. Mas não ficou dito "ex-celebridade mundial"? Sim, ficou. Pois é aí justamente que está o nó da questão. Diz êle ao aluno que foi aplaudido pelas melhores plateias da Europa, que cantou no Scala, que fez "tournées" pelo mundo, que maravilhou inumeras córtes com sua voz, que fez duetos com a Patti, com Claudia Muzzio, que era amigo intimo de Tita Ruffo e que sempre emprestava dinheiro a Caruso. No entanto, com toda essa carga de fama, com todas essas glorias e todas essas corôas, o nome dele é completamente desconhecido. Chama-se simplesmente Nicoló Bianco, Giuseppe Gambrini ou Salvatori Sbrujaloni. E os troféus que êle exibe desse passado glorioso, onde os sucessos foram estrondosos, consistem apenas em um cartaz amarrotado, com muitos nomes... inclusive o seu, um relogio cromado ganho do duque tal e uma fantazia de Pierrot com a qual cantou "Os Palhaços" em presença do rei (mas esse rei êle nunca diz o nome e nem de onde é), alguns jornais do tempo, fotografias e só. Eis tudo o que lhe resta daquele fabuloso passado de triunfos e consagrações.

(Continua na pág. 54)

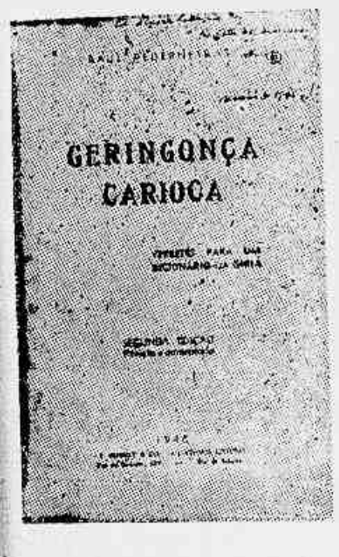
CONTO DE HERNANI FERREIRA * ILLUSTRAÇÃO DE A. MOURA * CLASSIFICADO NO CONCURSO DA "REVISTA DA SEMANA"

Livros NOVOS

Por JOÃO LUSO

GERINGONÇA CARIOCA, verbetes para um dicionário de gíria, organização e anotações de Raul Pederneiras, 2.ª edição revista e aumentada — F. Briguiet & Cia, editores *Rio de Janeiro, 1946*.

Raul Pederneiras... Ninguém escreverá êste nome sem um ímpeto de extremosa simpatia. Ainda, porém, sentirá maior satisfação quem simplesmente traçar as quatro letras do prenome. Sem dúvida, o professor, o poeta, o filólogo, outras feições que consideremos nesta singular individualidade se impõem, não apenas à nossa admiração, também à nossa benquerença. Todos os seus trabalhos merecem lugar de destaque nas nossas estantes e constituem para o nosso sentimento outros tantos motivos de afeição sincera. E', porém, a obra do caricaturista que sobretudo nos entusiasma e encanta. Além do mais, representa, na vida dum homem que sempre se multiplicou em inteligência e atividade, um vulto de criações, de realizações, que bem poucos artistas neste ou em qualquer país, terão conseguido. A inspiração de Raul é, como os seus dedos, infatigável. Não há tarefa nem acúmulo de empreitadas que vença aquela prodigiosa capacidade de produção. As colaborações de Raul em jornais e semanários dominam, sem os prejudicar, todos os seus outros encargos ou responsabilidades. Catedrático de Direito, membro de academias, sempre presidente ou director de varias agremiações, tudo o extraordinário humorista concilia com os seus calungas inúmeros e inconfundíveis. Há mais de cinco lustros que êle oferece aos leitores da REVISTA DA SEMANA a generosidade duma veia jocosa, um tanto mordaz por vezes, nunca, porém, perversa ou sequer maldosa, e a que o tempo, desde a estréia do desenhista no periodico MERCURIO, em 189... e tantos, não conseguiu ainda abater a vivacidade nem o vigor. Algum moço de hoje, com pretensões a originalidade no desenho ou na legenda e que ouse desdenhar ao "passadismo" dessas páginas, certamente se arrependerá se, num momento de bom senso e clarividência considerar deveras o que Raul tem sido e plenamente continua a ser na arte e na imprensa brasileiras.



Além de tudo o mais, Raul se dedica à linguística, tomando-a, como qualquer outro trabalho — incluido, na pontualidade e no esmero, os seus bonecos — verdadeiramente a sério. Aqui temos a *Geringonça carioca*, "verbetes para um dicionário de gíria." De aparência ligeira, é, no entanto, obra de longo estudo e paciente metodisação. Boa parte dêstes termos de calão, pertencentes à linguagem de gatunos e vagabundo, B certo o autor os colheu, quando era o Delegado de Polícia Dr. Raul Pederneiras. porque êste adorável fantasista tem sido tudo o que há de mais sério, até defensor da ordem e representante da autoridade. No presente livro, atua como delegado do classicismo e protector da língua portuguesa, separando desta as irregularidades e arbitrariedades da gíria carioca. Por sinal que, à semelhança doutros paladinos do idioma, se excede um tanto, às vezes, no zelo e ardor da sua missão... Recentemente aqui notámos como o Sr. Mancel Viotti, no seu vasto e rico *Diccionário da Giria Brasileira*, incluiu termos que não haviam tido origem no Brasil e até alguns que não entravam na categoria da geringonça ou calão. A mesma observação se pode fazer acerca da *Geringonça carioca*, onde se encontram verbetes como por exemplo "abalar" (no sentido de fugir, escapar-se), "acachapado" ou "acaçapado" (achatado, abatido) "adereços" (objectos decorativos, de mobília ou quaesquer outros) "ancho" (amplo, gordo, inchado) "aperrear" (arreliar, apoquentar) "badameco" (sujeito insignificante, desprezivel) vocábulos êstes que, como português legítimo ou consagrado, andam nos dicionários, inclusivamente no do mestre purista Dr. Fr. Domingos Vieira.

O valor do presente trabalho, repetimos, é incontestável. Se, porém, Raul Pederneiras tivesse, como delegado de polícia, usado do mesmo rigor de julgamento, não faltariam inocentes no xadrez.

● ● ●

EMILIO DE MENEZES, O ÚLTIMO BOEMIO, biografia pelo Sr. Raimundo de Menezes — Livraria Martins, Editora — *São Paulo, 1946*.

Um livro sobre Emílio de Menezes e com o carater especialmente informativo não constituia fácil tarefa. A vida do poeta não foi rica de aventuras nem de acidentes notáveis; e não se lhe pode sequer aplicar o qualificativo de movimentada. Tirante o período em que êle se dedicou — e, ainda assim, não sabemos se ardorosamente — aos negócios de Bolsa, a sua existência decorreu sem maiores lutas ou agitações. Até se declarar, em toda a crueldade, a doença que o havia de vitimar, os seus dias deslizavam com ditosa ou, pelo menos, resignada serenidade. Afligiam-no, de vez em quando, dificuldades de dinheiro, não, porém, que se soubesse, de superior gravidade. Esses problemas, que a tantos rimadores teem mortificado, Menezes os resolvia com um soneto e até quatro versos apenas, dirigidos a qualquer amigo de algibeira suficientemente farta e generosa. A' meza mesa da Pascoal ou da Colombo, êle vencia a dificuldade do momento. Mandava o bilhete poético e a pecúnia vinha fielmente, quase sempre prazenteiramente ter com êle. Assim o autor da *Marcha Fúnebre* e dos *Poemas da Morte* deixava caminhar o tempo, sem se preocupar com o dia de hoje, muito menos com o de amanhã. Vinha de casa, depois de almoço, para a rua do Ouvidor; parava, em conversa de camaradas, a esta ou aquela esquina, à porta deste ou daquêle jornal; às horas habituais encontrava-se na confeitaria, com o seu grupo de amigos, quase sempre os mesmos, todos alegres, todos poetas, um por todos e todos por um... Os mais ardentemente rivais na glória das letras ou mais intransigentemente separados pelas opiniões políticas alí se irmanavam em impecavel harmonia. Harmonia que, a certa distancia, não raro pareceria tumultuosa, barulhenta e, no riso ou clamor que as frases provocavam, um tanto desafinada... Nem por isso a comunhão dos sentimentos e dos espíritos, de todos os "espiritos", deixava de ser perfeita. E quando Emílio de Menezes voltava daí para casa, de certo levava a consciência tranquila por bem haver empregado o seu dia.

Em verdade, bem pouco os biógrafos, no caso de Emílio teem que contar, como feitos de enérgia ou, no sentido prático, verdadeiras realisações. Quanto aos versos que êle fez a sério, por serem magnificos e não serem muitos toda a gente, a bem dizer, os conhece. E, excluida a intenção crítica, resta, para a pesquiza, para o empenho de encontrar alguma coisa menos sabida e o prazer de a divulgar, o acervo das sátiras literárias, políticas ou contra toda a gente; os epitáfios crueis ou simplesmente espirituosos; as anedotas inventadas ou aplicadas; as frases por algum ouvinte registadas na vivacidade das rodas de palestras; a feição boêmia que sempre acompanhava, se a não deminava, a nobre natureza do artista. O legado era opulento mas andava disperso. Só com longa aplicação e muita paciência se tornaria possivel reuni-lo metódicamente. Eis a tarefa executada pelo Sr. Raimundo de Menezes, que folheou livros; rebuscou em revistas e jornais; interrogou, tanto quanto possivel, de viva voz ou por escrito, amigos e conhecidos do poeta; recorreu a todos os meios em tal sentido aplicáveis; e assim logrou organizar o presente volume, que vai a perto de quatrocentas páginas. O seu esforço foi grande mas o êxito da obra o recompensa da maneira mais desejável. Tudo o que se deseje obter, como informação, acerca da vida de Emílio de Menezes seguramente se encontra neste livro precioso.

● ● ●

O RATO FIUZA, "um documentário", de Carlos Lacerda — Editora Moderna — *Rio de Janeiro, 1946*.

O Sr. Carlos Lacerda criou um gênero na imprensa: a reportagem-panfleto...

Não está na índole desta secção e muito menos na do trabalhador das letras a quem ela, há já bastante tempo, foi confiada, fazer política, na mais vulgarizada accepção do termo. Perante obras de cunho exclusivamente partidário, tudo nos aconselha, nos impõe... a política da abstenção. Fazemos de conta que se não trata de livros mas de pugilatos. Imaginamos, lá dentro, um cavalheiro desancando outro ou, então, uma confusa massa de cidadãos esbordoando-se uns aos outros e sem a maior parte deles poderem dizer ao certo porque é que estão dando ou apanhando. E, como o transeunte pacato que, avistando a distância um rolo dobra a primeira esquina ou volta para trás, assim trocam s aquele por outro livro à mão. Sobre tal sistema de conduta se podem, naturalmente, formar várias opiniões A nossa, porém, nos basta para continuar.

Se o presente volume, logo às primeiras linhas, em vez de nos afugentar, nos seduziu, foi por lhe notarmos requisitos que a todos os profissionais da escrita devem interessar. Na sua factura se aliam, como já dissemos, a técnica informativa e a orientação de combate. Trabalho composto dia a dia, para a exigência de sensacionalismo du jornal, ia, de maneira deveras curiosa, combinando as duas feições por que se havia de distinguir. O reporter é, por dever de ofício, imparcial. Parte do principio de que o seu julgamento não é para ali chamado. Procura o maior número possível de revelações, novidades, fatos desconhecidos e impressionadores; e, para que nada prejudique nem ligeiramente altere esse cunho da sua tarefa, renuncia a qualquer intenção ou desejo de comentário. O Sr. Carlos Lacerda, na sua empreitada quotidiana, busca o máximo de averiguações. Indaga, esquadrinha, pormenoriza — e critica. Da sua máneira de considerar e julgar os personagens a quem se refere, nada aqui diremos. *Ce n'est pas nôtre affaire*. Mas as qualidades do escrito nos regalaram, em não poucas passagens, a inteligência e o gosto. Apreciámos a espontaneidade, o ágil movimento, a clareza e a graça do seu estilo Apenas lamentaríamos que êste cultor das letras se não entregasse à poesia, o romance, a história ou a filosofia... Lamentaríamos, se não fora o preceito de Ramalho Ortigão, segundo o qual nunca se deve perguntar a um artista "porque" faz isto em vez daquilo e sim examinar "como" o faz. Com efeito, lendo tal reparo, teria o Sr. Carlos Lacerda toda a razão de, mentalmente, nos retrucar: "E que tem você com isso?"

● ● ●

FRÔ DE PENA, versos caipiras de Jacy G. Ricardo — *Rio de Janeiro, 1946*.

A Sra. Jacy C. Ricardo não se limita a conhecer por miudo o autêntica linguagem da gente caipira de São Paulo. Em verdade, êsse falar sobremaneira lhe agrada e a enternece. Sente-se nos seus versos aquela sedução do sentimento. Por isso mesmo os versos se revestem duma beleza enlevada. Surgem nêles imagens que outros elemento de expressão não poderiam traduzir. As idéias e as emoções da poetiza correspondem intimamente àquelas fórmulas que, desviando-se da boa gramática, nem por isso carecem de eloqu ncia comunicativa ou de graça pitoresca. E falando de gramatica, podemos assinalar que os caipiras dalgum modo teem a sua, quer dizer: normas gerais regras certas, sempre seguidas, inalteráveis. O mesmo se não dá com os individuos supostamente cultos, sobretudo com os homens de letras pretensamente inovadores, que ora se exprimem desta ora daquela maneira e em cujas irregularidades, se não há ignorância, há descaso — o que é mil vezes mais condenável.

Eis uma das lindas poesias do livro, intitulada *Quando eu morrê:*

No dia, Deus, qui eu morrê,
mecê manda mi isperá,
lá na pórta principá
do céo... pra mi lógo, eu vê
minha mãi, qui já tá lá?

Si mecê dissé qui sim,
amanhã me léve intão!
Os qui como eu é cristão,
cantando, chega inté o fim!
Pui, tem fé na sarvação!

Mai, meu Deus! Não alembrei
qui naterra mãi eu so!
Si amanhã pro céo eu fo,
é qui órfo arguem dexei!
Purisso iscuite, Sinho:

Si o céo dura tuda vida,
não perciso já morrer
pramór de, a Mãi, eu i vê!
Nem qui eu retarde a partida,
ela não vai me isquecê!

● ● ●

RECEBEMOS:

La Literatura de los Estados Unidos en 1944, artigo do anuário *Britannica Year Book*, da Enciclopédia Britânica, tradução para o castelhano d Lino Novas Calvo. Havana 1945.

Uma pintura de Wilton Diptych, do século XIV, escola francêsa, representando o rei Richard II, (1377-1399), diante da Virgem. Esta foi uma das télas adquiridas pela Galeria Nacional e até então pertencente ao Conde de Punbroke. Mas alem de télas, a Galeria também adquire e expõe gravuras, tapeçarias, tecidos raros, trabalhos em metal e de joalharia, cerâmica, vitrais, esculturas de antiguidade e da Renacença cerâmica incaica, esculturas e porcelânas chinesas e de outras procedências.

DINHEIRO PARA AS COLEÇÕES DE ARTE

POR JOHN STEEGMAN

(Especial para a REVISTA DA SEMANA)

Londres — Toda as nações civilizadas sabem que a influencia das belas-artes constitúi elementos vital para a sua existencia criadora e espíritual, desempenhando um papel básico na vida de tôdas as classes, de vez que todas as classes gozam, atualmente, de alguns momentos de fazer capaz de traduzir-se no enriquecimento trazido pelas artes à própria personalidade humana. Falando de modo um pouco crú, diriamos que as obras de arte constituem hoje uma sólida inversão para qualquer país. Trata-se, entretanto, de uma inversão bastante dispendiosa, cujos dividendos jamais poderão ser computados em termos exatos, — ou melhor, em termos outros que não o estimulo intelectual, a satisfação espiritual ou o deleite sensivel de multidões de seres humanos.

As coleções de obras de arte nacionais ou públicas existem hoje em todas as capitais e na maioria das grandes cidades de qualquer recanto do globo. Trata-se porém de instituições relativamente modernas, que assumem o lugar dos grandes colecionadores particulares, unicos responsaveis, no passado, pela preservação e transmissão de todo o legado artistico. Do século XVII ao século XIX, a Inglaterra foi o grande repositorio das coleções privadas. O país era estavel e seguro, os inglêses, ricos, ou melhor, havia numerosos inglêses de fortuna. Destarte, as coleções formadas pelo entusiasmo e bom gosto de várias gerações de pessoas altamente educadas tendiam a ficar em mãos dos seus descentendes.

Para os fins do século passado, contudo, a situação começou a mudar para pior. Certas coleções particulares começaram a ser vendidas, mas o Estado não exibia o menor sinal de interesse. O contrario é que sucedia. A Galeria Nacional de Londres, fundada em 1824, fora contemplada com uma dotação governamental de dez mil libras por ano, mas em 1890 tal dotação viu-se reduzida à metade.

Cada vez mais, os amantes da arte na Grã-Bretanha começaram a se sentir alarmados com o numero crescente de pinturas de valor que passavam das coleções privadas do país para as mãos dos colecionadores estrangeiros, especialmente americanos e holandeses. Muitos deploraram essa evasão de capital artistico, mas apenas um certo numero era realmente capaz de realizar alguma coisa de pratico e construtivo no tocante à materia. Embora poucos, a nação contraíu para com esses pioneiros uma divida inestimavel.

No ano de 1903, uma associação que si mesma se intitulou de Fundo Nacional para Coleções de Arte foi organizada por um grupo de 300 sócios. Dentro de um ano apenas esse numero havia duplicado. Decorridos 25 anos o Fundo contava com 4.500 membros e de anos depois, isto é, nas vesperas da segund Guerra Mundial, os sócios ascendiam à cifr de 12.000. Nos seus primeiros anos de exis tencia, o Fundo foi consideravelmente aju dado pelo Rei Eduardo VII, que se torno seu Patrono.

Desde cêdo, o Comité central vem incluir do os nomes mais conhecidos entre os critico colecionadores e intelectuais de realce n mundo artistico britânico. Eminentes esta distas empregaram a sua eloquencia em pro da instituição, e o Sr. Asquith (posterior mente Duque de Oxford), falando como Pre mier em 1911, teve a ocasião de referir-se a Fundo, com as seguintes palavras: "Este um terreno que deverá ser intensamente cul tivado a fim de salvaguardar a nação de per das irreparaveis. Não consigo imaginar for ma mais fecunda e mais esclarecida de serviç desinteressado."

Enquanto isso crescia a influencia do Fund em relação ao público. Em 1915, a instituiçã de que se trata já gozava de influencia sufici ente para juntar oficialmente os seus esforço à Galeria Nacional, como orgão consultivo em relação ao Tesouro.

Qual é o objetivo do Fundo Nacional para

Coleções de Artes? Por vezes, foi êle comparado aos "mis du Louvrea", mas, na realidade, abrange uma esfera mais ampla do que a congenere francêsa. A exemplo de organizações semelhantes, o Fundo britânico adquire ou ajuda a adquirir obras de arte para propriedade pública. Mas, ao invés, dos "Amis do Louvre", não limita as suas atividades em beneficio da Galeria Nacional de Londres, que, como se sabe, é o "Louvre" da Grã-Bretanha. O Fundo beneficia igualmente outros museus e galerias oficiais, não apenas em Londres, como na Escócia, Gales e Irlanda, bem como no Canadá e na Australia. O mesmo se verifica com respeito aos dois ilustres museus universitarios Fitzwilliams (Cambridge) e Ashmolean (Oxford) e aos meseus e galerias nacionais das grandes cidades provinciais inglêsas, a exemplo de Manchester, Liverpool Birmingham, Leeds, Leicester, Bradford, Nottingham, Bristol, etc.

Embora a maioria das obras adquiridas direta ou indiretamente pelo Fundo seja constituida de télas e desenhos dos velhos mestres, o seu numero também inclúi gravuras, tapeçarias, tecidos raros, trabalhos em metal e de joalharia, ceramica, vitrais, esculturas da antiguidade e da Renascença, ceramica inca, pinturas, esculturas e porcelanas chinêsas, da India, Mesopotamia, Egito, alabastros medievais inglêses, manuscritos iluminados, etc.

Em 1906, com apenas três anos de existencia, a famosa téla de Velasquez "Venus e Cupido" foi vendida à Galeria Nacional por 45.000 libras graças aos esforços do Fundo. Três anos depois, fato semelhante sucedeu com a téla "Christina da Dinamarca" de autoria de Holbein. Em 1911, o Fundo contribuiu parte das despesas para a aquisição da "Adoração" de Mabuse e em meio da primeira Guerra Mundial (1916) o patrimonio artistico nacional viu-se enriquecido com a soberba "Madonna" de Masaccio. Em 1924, o Fundo presenteou a Galeria Nacional com o "Retrato de Morosini" de Tintoretto, o mesmo sucedendo pouco depois no tocante a dois preciosos Rembrandts. A "Familia Cornaro" de Ticiano, uma paisagem de Rubens, os sete paineis de Sassetta intitulados "S. Francisco" e os quatro paineis do "S. João Batista" de Giovanni di Paolo, bem como dois exemplos da Escola de Sienna, também foram adquiridos com auxilio monetario substancial dispendido pelo Fundo Nacional para as Coleções de Arte.

No tocante à Escola Inglêsa, os donativos mais importantes foram as séries de retratos do famoso "Kitcat Club", presenteadas à Galeria Nacional de Retratos em 1945. O Fundo também contribuiu para a compra de notaveis pintura de Hogarth, Reynolds, Raeburn, Millais, Whistler, Wilson Steer e Augustos John. Um dos marcos mais salientes foi a aquisição pelo Fundo das famosas ilustrações para a "Divina Comedia" de William Blake. O ultimo donativo foi feito ainda este ano, à Galeria Nacional: uma das mais raras paisagens do grande Sir Joshua Reynolds.

Estes são apenas alguns exemplos tipicos relativamente à qualidade das obras adquiridas pela Grã-Bretanha com o auxilio do Fundo Nacional para Coleções de Arte. E' preciso, entretanto, lembrar que o Fundo não é uma especie de fada mágica distribuindo presentes inesgotaveis. Na realidade trata-se do seguinte: primeiro, uma organização que auxilia os museus e galerias publicas a adquirir obras primas, que não poderiam ser trazidas à Inglaterra de outra maneira; segundo, um canal através do qual as benemerancias particulares podem ser encaminhadas; e, finalmente, um orgão que tem estimulado continuamente a opinião publica e, por conseguinte, também a ação oficial.

Madona e a Virgem, com os anjos, em pintura de Masaccio, feita no seculo XV. A Art-Colection Fund contribue com metade do preço de cada compra efetuada pela National Gallery. O preço dessa obra foi de 9.000 libras esterlinas.

A menina Yolanda de Souza Clemente filha da Sra. Beluzina de Souza Clemente e do Sr. Vicente Jacintho Clemente que completou dois anos de idade no dia 23 de Junho, oferecendo aos seus amiguinhos uma lauta mêsa de dôces.

FIGURAS E FATOS

ENLACE HELIO ATHAYDE — ROSALINA PACHECO GUIMARÃES — Realisou-se no dia 16 de Junho ultimo o enlace matrimonial da srta. Rosalina Pacheco Guimarães, filha da viuva Manoel Antonio Pacheco Guimarães, com o escritor e jornalista Helio Athayde, secretario da Interventoria do Estado do Espirito Santo. O ato religioso teve logar na Igreja de S. José, servindo de padrinhos, por parte da noiva, o sr. Floriano Baptista de Paula e a sra. Jorinda de Souza Baptista, e por parte do noivo, o sr. Aristides Campos, interventor federal no Estado do Espirito Santo, e sua esposa, sra. Margarida Vivacqua Campos. Após a solinidade, foi oferecida recepção aos convidados na residencia da mãe da noiva, seguindo o casal para Petropolis em viagem de nupcias. O cliché acima fixa um flagrante do cerimonial liturgico, vendo-se no mesmo o interventor Aristides Campos.

Flagrante tomado recentemente no aniversário da Sta. Maria Amalia Poppovitch, filha do Sr. Kosta Poppovitch e Senhora Paula Poppovitch, elementos destacados de nossa sociedade.

MARY rodopiou diante do espelho, examinou o vestido, e procurou, com os olhos, as luvas. Estava pronta.

— Mary!

— Já chegou?

— Está esperando você na sala.

Ela chamou a irmã.

— Dê um pulinho aqui.

Anne apareceu na porta.

— Que tal?

— O'timo.

— Bem, nesse caso, vamos!

— Boa sorte!

Mary deu um risinho triunfante.

— Veremos, veremos.

Todo aquele luxo, todos aqueles preparativos resumiam-se numa frase: pegá-lo. Isso, confessado mais abertamente ou não, era o objetivo de muitas moças. Mas ela não queria perder: tinha que vencer, naquele combate. Era uma luta de palavras, hábeis jogos: no amor e na guerra, vale tudo...

Uma filosofia muito simples levava-a a combater. Afinal de contas, o mundo gira em torno dessa velha história: "êles" se encontram, "êles se unem". E, às vezes, um último episódio: "êles" se separam.

Quando a oportunidade se apresentara, ela decidira aproveitá-la. Dissera a Anne:

— Para falar a verdade, eu tenho remorsos por antecipação.

— Mas você não gosta dêle?

— Gosto.

— Então?! Não tenha medo.

— Ele é tão ingenuo...

O rapaz chegara do interior, havia pouco tempo. Possuia um rancho encravado na serra e raramente visitava a cidade. Ela o achava ingenuo e simpático. Apaixonara-se logo à primeira vista e êle demonstrara um certo interesse. Fora o bastante para que ela se animasse. Mas, acostumada à filosofia um tanto cínica das moças de seu meio, ela sabia que os homens não se deixam prender facilmente.

— Ele disse alguma coisa, perguntou a Anne enquanto desciam a escada..

— Não. Perguntou por você. Eu disse que ia chamá-la. Mandei-o entrar.

— Ele é muito calado.

— Gostei do jeito dêle. E' simpático.

— Silencio! Ele pode ouvir.

Sky esperava na sala. Sentara em uma poltrona e descansava, com as pernas estiradas, fumando placidamente seu cachimbo.

Anne rodeava Mary de todos os cuidados. Ageitava-lhe a capa, o vestido, enquanto êle, levantando-se lentamente estendeu-lhe a mão com um sorriso.

— Boa noite.

— Boa noite.

Ficaram um momento em silencio. Ela, terrivelmente embaraçada. Ele, segundo parecia, completamente indiferente à agitação de Anne.

— Vamos?

— Vamos.

Anne foi fechar a porta. Depois voltou para a sala, apagou a luz e subiu para o quarto. Decidira esperar Mary. Queria saber as novidades, que progresso ela fizera, se conseguira alguma coisa.

Por volta de meia noite, ouviu um ruido. Eram êles! Minutos depois Amary subia lentamente a escada com ar desanimado.

— Então, como foi?

Sem dizer uma palavra a moça deixou-se cair numa poltrona, ao lado da irmã.

Depois, começou a rir.

— Que isso? Você está maluca?

— Ai, esse cow-boy acaba de mata-lo. Dançou a noite toda vigorosamente, depois tomou um taxi, trouxe-me até a porta e, à despedida, disse simplesmente, bem, boa noite. Obrigado pela companhia. Agora se eu tivesse contado o número de palavras que êle pronunciou verificaria que essa foi a frase mais longa que êle disse toda a noite.

— Oh!

— E você quer saber de uma coisa? Eu tenho a impressão de de que êle quer simplesmente divertir-se um pouco. Qualquer dia, largará para as serras em que mora...

★

Naquela hora, Sky estava chegando ao quarto de hotel em que se hospedara com um amigo, vindo, com êle, divertir-se na capital.

(Continua na pág. 53)

CONQUISTA

Conto de MARGERY WILDING

os comerciantes, industriais e moradores, utilizam os dois mais eficientes veículos de publicidade do Estado da República, anunciando nos

ALTO-FALANTES LOCALIZADOS NA ESTAÇÃO D. PEDRO II,

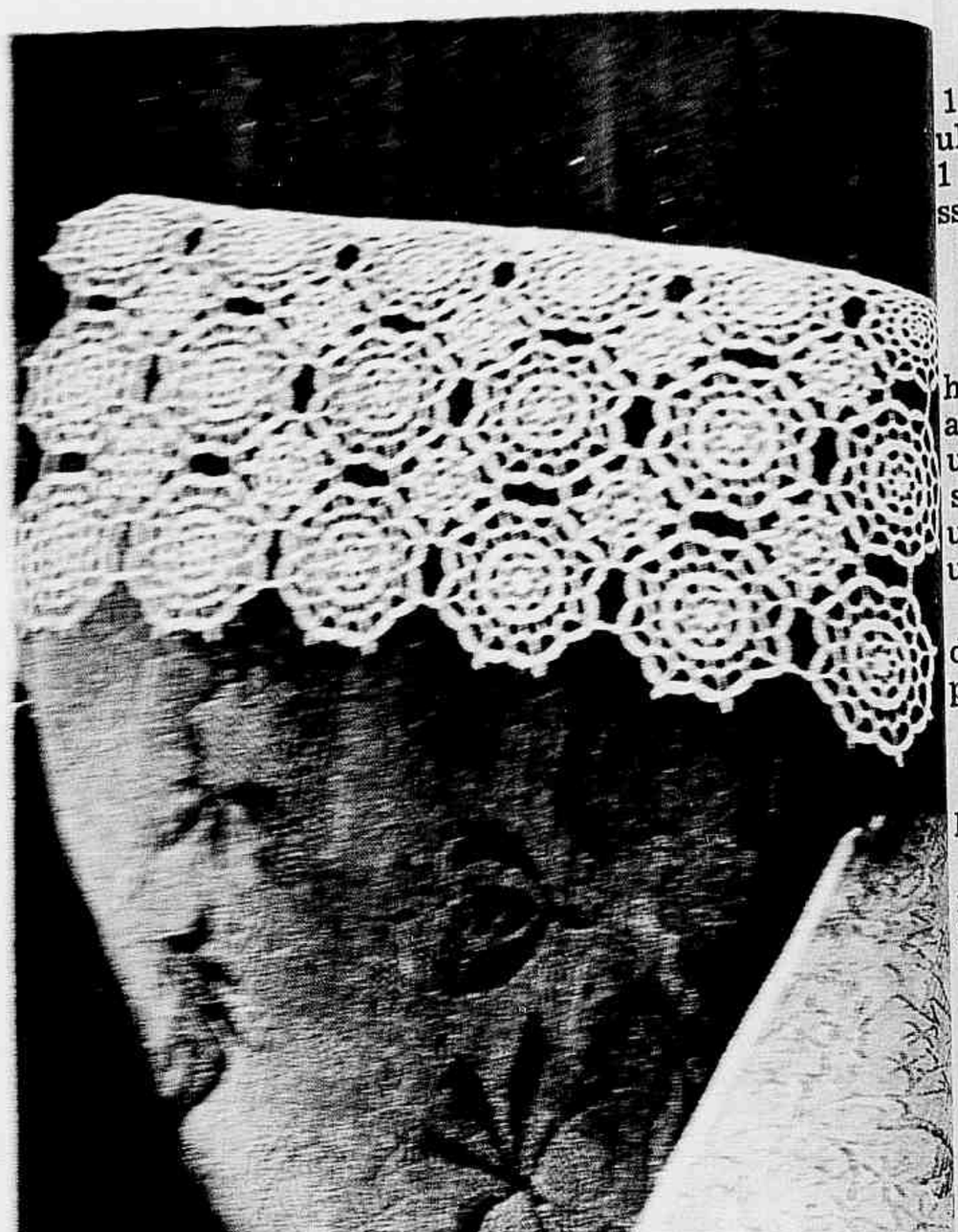
por onde passam, diariamente, 360.000 pessoas, e na Estação de Meier, e Restaurantes dos Serviços da Estrada de Ferro Central do Brasil (2.º and. da Estação D. Pedro II), Francisca Bicalho e Oficinas de Engenho de Dentro em irradiação feita simultaneamente.

INFORMAÇÕES:

SERVIÇO DE TURISMO E PUBLICIDADE DA ESTRADA DE FERRO CENTRAL DO BRASIL

(1.º andar do Edifício da Estação D. Pedro II)

Fones: 43-9561 e 43-9562



Trabalhos manuais

ESPALDEIRA

Material Necessário

Linha Mercer-Crochet marca "Corrente" n.º 4)

1 novelo de 50 gramas de uma cor escolhida

As pessoas que têm o ponto trocado devem usar uma agulha crochet marca Milward n.º 1½, e as pessoas que têm o ponto apertado devem usar uma agulha n.º 1½, da mesma marca.

Dimensão — 4 motivos e 4 motivos — 68,5 cm. x 68,5 cm.

Tensão — 1 motivo — 9 cm. aproximadamente, de diametro.

Abreviações — cc — cadeia cc — meio ponto de crochet — dc — ponto de crochet com 2 laçadas — tr — ponto triplo comum — ct — meio ponto triplo — ft — ponto de crochet com laçada puxando a linha através das três laçadas da agulha.

Primeira Roseta —

Começar com 7 ch. encontrar com ss para formar um círculo.

1.ª carreira — 3 ch. 15 tr no meio. encontrar com ss na 3.ª ch. 1 ch.

2.ª carreira — 1 ch. X unindo 1 tr. 1 tr no 2.º seguinte, 5 ch. pular 2 tr. X toda a volta. encontrar com ss na 3.ª das 5 ch.

3.ª carreira — X 4 tr na laçada seguinte. 5 ch. 1 ss no alto do 3.º ponto formando um picot. 5 tr na mesma laçada. repetir X toda a volta. encontrar com ss no primeiro tr.

4.ª carreira — 1 ss em cada um dos próximos 3 tr. 1 ss em um dos 5 ch seguintes. 1 tr no mesmo ponto. 7 ch. X 1 tr no 2.º seguinte. 7 ch. repetir de X toda a volta. encontrar com ss no meio do.

5.ª carreira — 3 ch. X 1 tr em cada um dos 7 do seguintes. no do seguinte repetir de X toda a volta. omitindo tr no fim de última repetição. encontrar com ss na 3.ª das 3 ch.

6.ª carreira — 10 ch. X unindo as próximas 3 tr. 1 tr no 2.º seguinte. 7 ch. repetir de X toda a volta. encontrar com ss na 5.ª das 10 ch.

7.ª carreira — Em cada alça em toda a volta fazer 3 dc. 1 picot 4 dc. encontrar com ss no primeiro dc.

8.ª carreira — ss no centro do primeiro picot. X 1 ch. 1 tr no mesmo picot. 1 ch. 1 tr no 2.º seguinte repetir de X toda a volta. terminando com 1 ss no primeiro tr. cortar a carreira interior.

9.ª carrei
1 dc, 1 ss no
ultimo tr, 4 c
1 dc, 1 h, 9 t
ss no primeir

2.ª Roset

Fazer igu

9.ª carre
h, 1 dc, 1 ss
ao picot corr
ultimo tr na
seguinte de
uma vez, co
unir mais).

Fazer m
da roseta ad
primeira.

Roseta

1.ª 2.ª e
primeira ros

4.ª carr
mo picot, 6
X toda a vo

5.ª carr
qualquer u
6 dc na mes
timo dc, 3 c
com ss entr
6 dc na mes
alto do ulti
com ss no
omitindo 7

Cortar
mesma ma

Humed
netes, nas

9.ª carreira — X sobre a alça de 8 ch fazer 1 dc, 1 h, 9 tr, 1 h, 1 dc, 1 ss no b seguinte, 4 ch, 1 tr no mesmo b, 3 ch, 1 ss no alto do ultimo tr, 4 ch, 1 ss no alto do b, sobre a seguinte alça de 8 ch, fazer 1 dc, 1 h, 9 tr, 1 h, 1 dc, repetir do X toda a volta, encontrar com ss no primeiro dc. Arrematar e cortar a linha.

2.ª Roseta; —

Fazer igual a primeira roseta até a 8.ª carreira inclusive.

9.ª carreira — X sobre a argola de 8 ch fazer 1 dc, 1 h, 9 tr, 1 h, 1 dc, 1 ss no b seguinte, 4 ch, 1 tr no mesmo b, 1 ch, unir com ss ao picot correspondente da primeira roseta, 1 ch, 1 ss no alto do ultimo tr na segunda roseta, 4 ch, 1 ss no alto do b, sobre a alça seguinte de 8 ch, fazer 1 dc, 1 h, 9 tr, 1 h, 1 dc, repetir do X mais uma vez, continuar como a 9.ª carreira da primeira roseta. (não unir mais).

Fazer mais 22 rosetas, encontrando 2 pontas de cada ás 2 pontas da roseta adjacente do mesmo modo como a 2.ª roseta foi ligada á primeira.

Roseta suplementar;

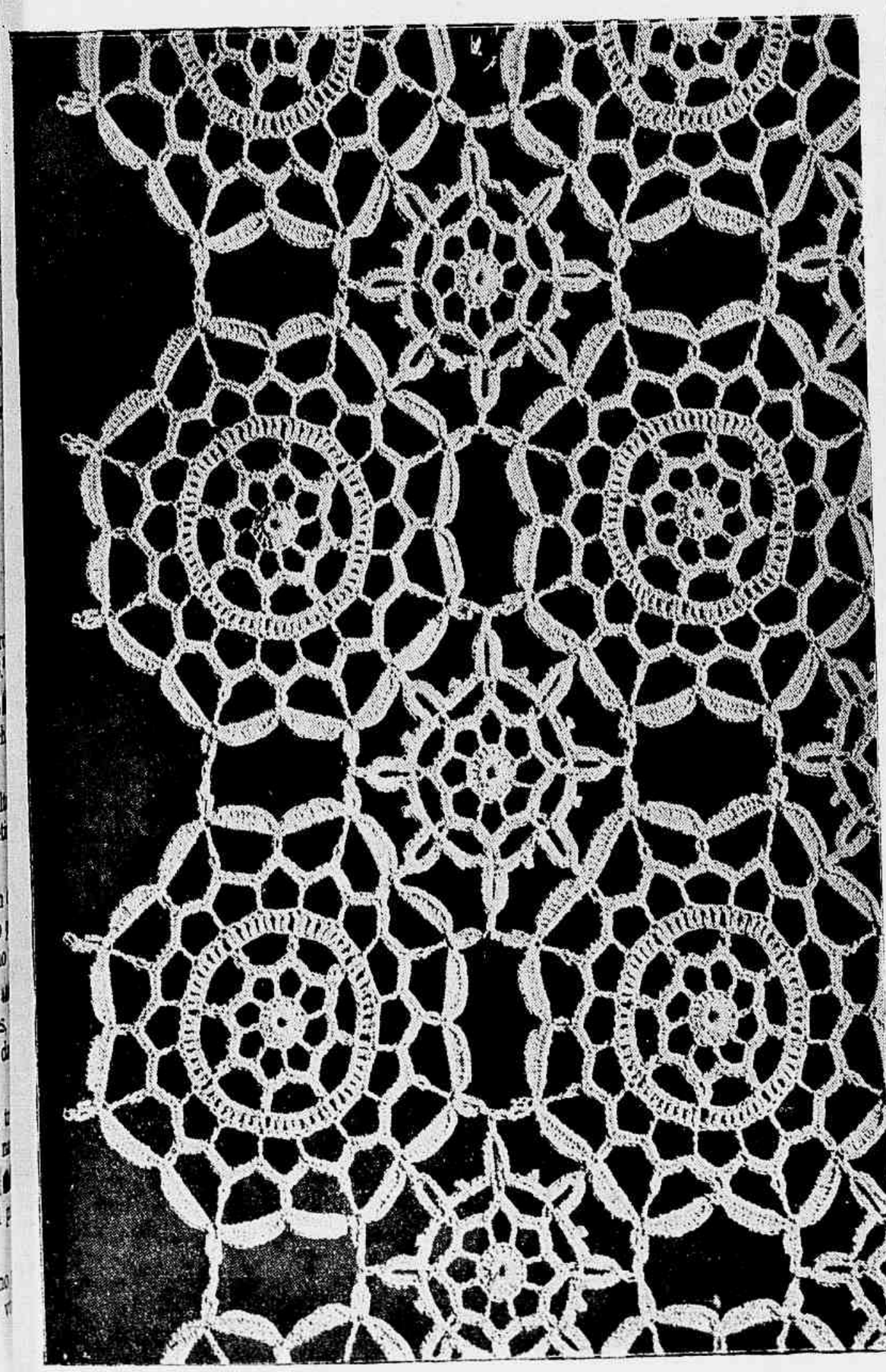
1.ª 2.ª e 3.ª carreira — Fazer iguaes ás 1.ª 2.ª e 3.ª carreiras da primeira roseta.

4.ª carreira — ss no centro do primeiro picot, 9 ch, 1 ss no mesmo picot, 6 ch, X 1 ss, 9 ch, 1 ss no picot seguinte, 6 ch, repetir do X toda a volta, encontrar com ss na base da primeira laçada de 9 ch.

5.ª carreira — 7 dc na laçada de 9 ch, 1 ch, encontrar com ss para qualquer união entre as rosetas. X, 1 ch, 1 ss no alto do ultimo dc, 6 dc na mesma laçada, sobre 6 ch fazer 4 dc 3 ch, 1 ss no alto do ultimo dc, 3 dc, na laçada seguinte de 9 ch fazer 7 dc, 1 ch, encontrar com ss entre os dois proximos bicos, 1 ch, 1 ss no alto do ultimo dc, 6 dc na mesma alça, sobre os seguintes 6 ch, fazer 4 dc, 3 ch, 1 ss no alto do ultimo dc 3 dc, 7 dc no seguinte alça de 9 ch, 1 ch, encontrar com ss no proxima união entre as rosetas, repetir do X toda a volta omitindo 7 dc ao fim da ultima repetição.

Cortar a linha. Aplicar em todos os preços entre as rosetas dessa mesma maneira.

Humedecer e esticar para secar, prendendo as pontas com alfinetes, nas dimensões dadas anteriormente.



LINGERIE

1 — Camisola de seda "salmon" com incrustações de renda. O mesmo motivo na "lisense" que acompanha a camisola.

2 — Combinação de sêda branca com bordado em côres fino trabalho de nervuras.

3 — Jogo de sêda rosa, com incructações de renda.

4 — Camisola bastante "chic", em sêda amarelo-claro com gola e punhos em renda irlandeza.

5 — Combinação de crépe celeste. A parte superior é de "georgette" com nervuras e renda ôcre.

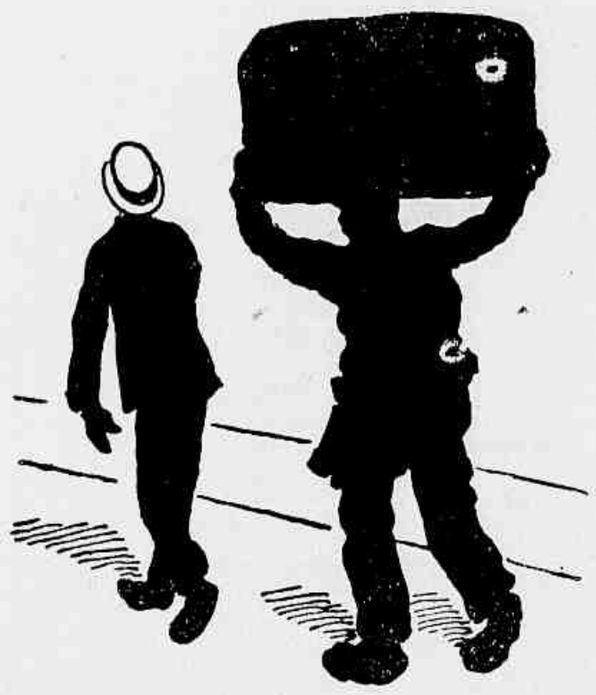
6 — Pijama em sêda verde-claro, com grupos de tiras em setim aplicadas no casaco.

7 — Luxuosa combinação de mongol branco. A parte superior é de renda. Aplicações de setim.

8 — Camisola de setim côr natural. Mangas em forma de capa aplicações de rendas.

A MÁLA ASSOMBRADA.

Manhã cedo. Terencio e Tibúrcio, neófitos reporters e veteranos boémios, no "apartamento" incomodo comum, a custo despertavam. Tibúrcio estranhou a cara do colêga; — era tal qual um maracujá de gavêta. Da cama de ferro indagou: — "Que bicho foi que te mordeu?" — Terencio sentou-se no "leito" de taboa apoiado em dois caxotes e, depois de um bocêjo, murmurou tristonho: — "Fim de mez. — Péssima invenção o fim de mez! Sem um ceitil para semente". — "Mal de muitos consôlo é", disse o companheiro, "a verba evaporou-se e a chusma de vales não favorece um adiantamento na fôlha. Quebradeira em duplicata e lá do mato do caixa não sae



vado com distinção, gráu dez", exclamou Tibúrcio, que era estudante nas horas vagas. Resoluto, Terencio vestiu o unico fáto, que de fáto só tinha a reminiscencia, e saíu em búsca de um carregador. Pouco depois voltou com o homem do ganho, um brutamonte, que não receiava o peso dos trastes vem o da sorte. Levou a mala á cabeça

côalho; o homem da búrra não aguenta mais fxcádas..." Cada qual paralusáva sobre a solução do problema do abastecimento da algibeira em branca nuvem. Grave problema. O periódico em que labutavam e lá botavam suas notas de reportagem policial, mourejava do mesmo modo, com quinzenas sovinas numa semana e noutras seguidas,

e partiu acompanhando o freguez, enquanto o Tibúrcio torcia mentalmente pelo bom sucesso da empreza. Nessa época, a rua da Carióca era famósa pela quantidade de belchiores e outras casas do genero roupavelheiro. E lá

armazem abarrotado de trapos e cacarécos. Continuou Terencio a perequinação sem resultado pratico, até chegar a uma porta estreita de loja escúra, cheirando a bafio. Era o ultimo belchior da zona, quasi proximo á praça Onze. Alí reproduziu a proposta. O dono da casa torceu o nariz, — isso não dava nada, somente servia para entupir lugar, estava fóra da moda. Terencio confessou, com tremulos na voz, que seria uma tragédia regressar com a mala e as mãos abanando; o "aperto" era enorme... O adélo, complacente, ofereceu cinco mil réis pelo trambolho. Sentindo o arame farpádo do descontrôle, Terencio foi "consultar" o carregador sobre o prêço do carrêto. Este, "para ficar fregues", pediu a modicidade de oito mil réis. O reporter voltou ao somitego, com o coração aos pinotes, e implorou, em voz baixa, que lhe désse os oito mil réis, para "indenisar" o trabalho do homem do ganho. Este recebeu a verba e retirou-se. O misero e mesquinho reporter de policia, seguiu "cabisbundo e meditabaixo", para o modesto apartamento. Em caminho, um mendigo abordou-o, pedindo uma esmóla, um níquel. Terencio, quasi choroso, murmurou: — 'Se eu tivesse um níquel não iria a pé até lá longe"... O pedinte, generoso, deu-lhe dois tostões para o bonde...

Que fazer, quando o estomago banca o despertador para levantar a fome? Depois de pequeno silencio, vagando o olhar faminto pelo cochichôlo, Terencio viu a mala vetusta escondida sob a cama do colega. Acudiu-lhe a inspiração salvadora e indagou: — "Que tens aí, nesta canastra?" — "Brisa faqueira e têias de aranha". — "Deve dar bons cobres no belchior, que dizes?" — "Apro-

foram os dois em busca da liquidação forçada da canastra e salvação da quebradeira. Depois de grande marcha a pé, uma estopáda, Terencio topou a primeira loja e ofereceu o traste á venda. O sêbo recusou; isso era encáilho certo,

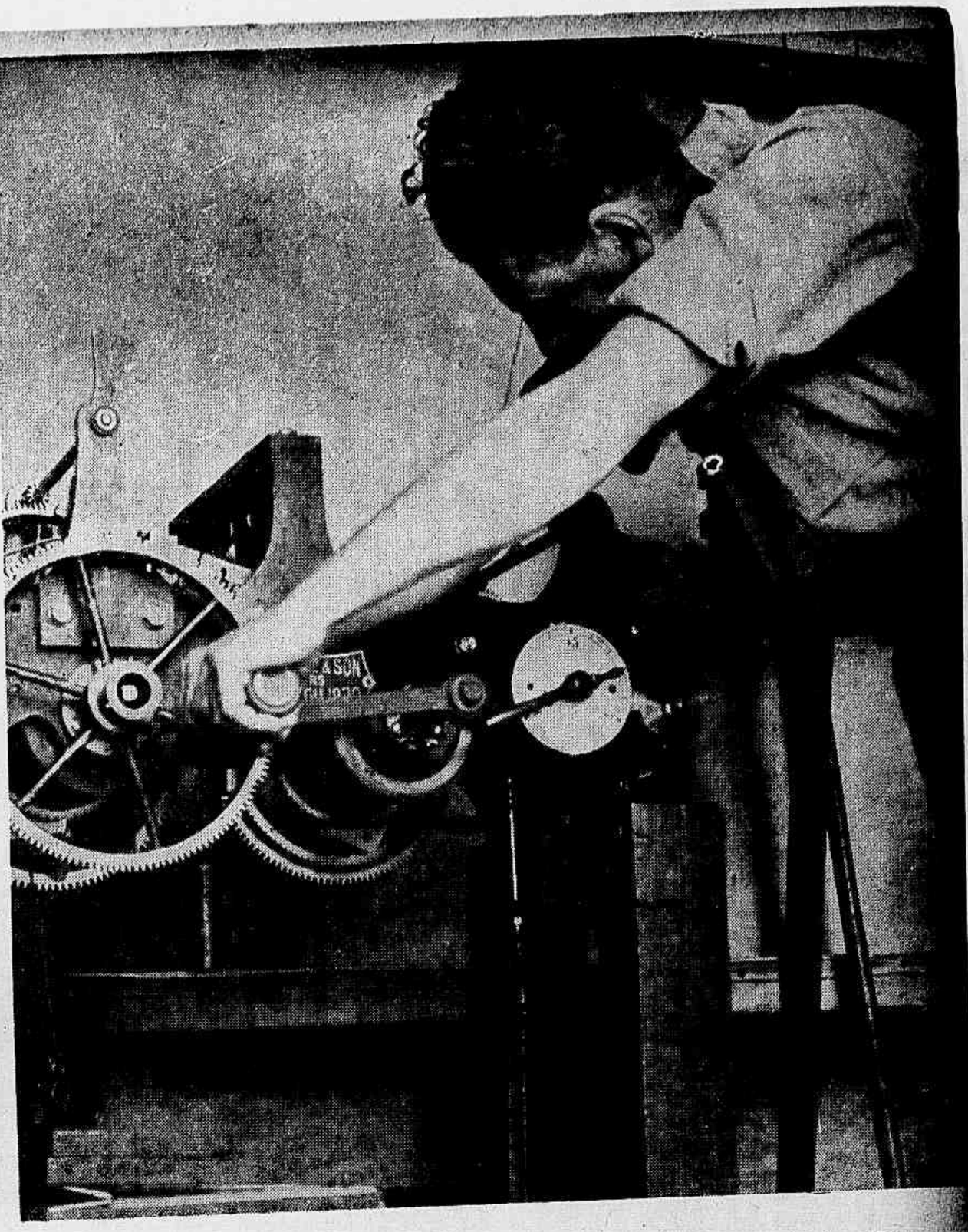
Damos abaixo a fotografia de Michael Balcon, um homem de longa pratica nos estúdios cinematográficos, contando cêrca de duzentos e cinquenta filmes a seu credito. Êle é hoje um lutador pela emancipação do cinema britânico. Durante oito anos esteve á testa da maior unidade de produção independente da Grã-Bretanha, os "Ealing Studios", que produzem seis a déz filmes anualmente. A caracteristica de suas peliculas está na originalidade: a busca de variedade de material humano é outro predicado. Êle fêz "Woman to Woman", filme onde Betty Compson, de Hollywood, figurou ao lado de Clive Brook. Foi o diretor da Famous-Players-Lasky da Grã-Bretanha, e a mr. Balcon deve-se a descoberta do diretor Alfred Hitchcock. Neste momento esse homem vem de iniciar uma campanha rehabilitadora do cinema europeu, e particularmente do inglês, garantindo que dentro de cinco anos a produção de sua patria ha de comprir em igualdade de condições artisticas e comerciais, á dos EE. UU., si não levar a melhor. É, pelo menos, um cidadão empreendedor, e só extranhamos que Hollywood ainda não tenha conseguido seduzi-lo para os seus dominios...

★

Mulheres indianas, que serviram em diversos setôres militares durante a guerra, desembarcam em Liverpool, para participar do Dia da Vitoria recentemente comemorado na Inglaterra. Elas também contribuiram para a causa da humanidade, e, embora procedentes de rincões disdantes, menos civilizados, seu trabalho foi perfeitamente igual ao das suas semelhantes européas. O grupo que se vê na gravura á esquerda, viajou pelo "Mauretania". — Em baixo, á esquerda, a mascote da RAF, de nome "Lewis", parece pouco disposta aos exercicios a que foi submetida para a grande parada de junho em Londres. — E á direita, o cinematográfista britânico Michael Balcon, financiador de "A Cidadela", "Adeus, mr. Chips" e outros filmes de igual vulto, que agora anuncia seus propositos de realisar um cinema inglês capaz de competir e suplantar qualquer outro.

ATUALIDADES MUNDIAIS

Aqui está uma das mais recentes e interessantes fotografias da rainha da Inglaterra, que nos permite observar o elevado gráu de sua simpatia, irradiando de dois olhos calmos e serenos. A chapa foi batida quando a rainha Mary assistia, debaixo de um sól causticante, aos exercicios preparatorios para a grande parada da Vitoria em Londres. Essa foi a soberana que nas horas mais dramaticas da guerra, nivelou-se aos seus suditos e com êles participou de todos os perigos.



O mecanismo do famoso "Big-Ben" é realmente complicado. Trata-se do rélogio cujas badaladas são transmitidas, pelo rádio, para os quatro cantos do mundo, e que se considera o mais certo do planeta. No entanto, seu funcionamento opera-se por um processo primário, que tem apenas a participação de um homem, embora um perito na matéria... Aqui o vêmos, procedendo ao seu exame diario, como si na realidade estivesse concertando um maquinismo qualquer, e não o "miolo" de um "Big-Ben...

A Legião Arabe fêz uma bonita figura no desfile monumental de Londres. Homens afeitos á luta, guerreiros típicos da Arabia, desfilaram pelas ruas de Londres em belo estílo, arrancando explosões do entusiasmo da multidão. Êles aqui estão, desembarcando, ainda mal refeitos da longe viagem, a péle escaldada pelo sól dos desertos, os olhos penetrantes, e os uniformes formando um paradoxo com a sua indumentaria classica. O Dia V foi uma data histórica, e a parada de Londres teve a colaboração de varios contingentes estrangeiros, inclusive o que partiu do Brasil.

A CIDADE CONTA COM MAIS UM MODERNO ESTABELECIMENTO

Realizou-se no dia 1.º do corrente, ás 14 horas, a solenidade inaugural da Casa Ferragens Dias Pinheiro Ltda., que vêm de estabelecer-se á rua do Riachuelo n.º 9, contando, assim, a praça desta capital com mais um moderno e bem aparelhado estabelecimento comercial especialisado em artigos de ferragens, tintas, louças, utensilios sanitarios, etc., tudo das melhores fábricas do país e do estrangeiro.

A benção da casa foi dada pelo vigario da paroquia de Santo Antonio dos Pobres, monsenhor Magaldi, tendo comparecido á cerimonia diversos engenheiros, construtores, senhoras da sociedade carioca e figuras destacadas do nosso meio comercial.

Após o ato religioso, em comemoração a tão auspicioso acontecimento, a firma ofereceu aos presentes um fino lanche, tendo na ocasião, usado da palavra varios oradores.

Estampamos nesta página dois aspectos da solenidade, colhidos pela nossa objetiva.

A FEDERAÇAO NACIONAL DOS MARITIMOS e o INSTITUTO DE APOSENTADORIA E PENSÕES DOS MARITIMOS, comemorando o 10.º aniversário de fundação da primeira das entidades, e o 13.º da criação da Casa de Previdencia dos Homens do Mar do Brasil, fizeram celebrar, no dia 29 de Junho, ás 10 horas na igreja da Candelaria, com a presença do Exmo. Snr. Octacilio Negrão de Lima, Ministro do Trabalho, e varias autoridades civis e militares, uma missa em louvor aos heróicos e dedicados maritimos, por cuja atividade no quadro do progresso nacional, tornam-se credores da admiração e respeito da Patria agradecida. O ato religioso foi oficiado por D. Joaquim Mamede da Silva Leite, Bispo de Sebaste, havendo Monsenhor Mac Dowell feito o sermão. Ás 13 horas, na Quinta da Bôa Vista, teve lugar um monumental churrasco para duas mil pessôas, de feição nitidamente democratica, em homenagem ao eminente Chefe do Governo, General Eurico Gaspar Dutra, que honrou a solenidade com a sua presença, tendo usado da palavra, entre outros oradores, o Snr. Milton Soares Sant'Ana, Presidente do I.A.P.M. Ás 20 horas, realizou-se na séde da Federação Nacional dos Maritimos uma conferencia que igualmente se desenvolveu num ambiente de vibração cívica. A fotográfia que acima estampamos, foi colhida por ocasião do almoço, vendo-se ao centro o General Dutra ladeado pelo Snr. Milton Soares San'Ana, quando usava da palavra.

MUSICA

SILFIDES, PAGANINI, DANÚBIO AZUL

Está se tornando quasi tradicional iniciar a temporada de bailado com as Sílfides, ballet conhecido do público, que funciona como uma espécie de cavalo de batalha das companhias bem formadas, afim de tornar possivel uma demonstração dos recursos de seus principais elementos. Bailado clássico, dependendo em grande parte, senão totalmente, para seu sucesso, de uma perfeita coordenação de movimentos, leveza e precisão na combinação complicada dos passos, sem o recurso, muitas vezes mais acessivel, da pantomima, que domina um índice geral da qualidade dos bailarinos.

Não se pode dizer que o espetáculo de estréia, em sua primeira parte, tenha sido um fracasso: houve suficientes manifestações de valor artístico, para que possamos chegar a essa conclusão. Mas a verdade é que estava aquem do que esperávamos. Em primeiro lugar, perdeu-se, a harmonia do conjunto, em muitas ocasiões, desequilibrando um pouco o bailado. Não faltou siquer o infeliz acidente do tombo da bailarina para completar o quadro de nervosismo de estréia. Nas Sílfides predominou, decididamente, o bailarino Oleg Tupine, que estava mais enquadrado no espírito daquela fantasia de Fokine do que qualquer das bailarinas. Contudo, não seria justo esquecer Baronova e Streganova, que também se destacaram.

Paganini, a criação magnífica de Doubrovski, foi o ponto alto da noite. Bem valorizada a dramatização, o conjunto bem mais afinado, numa coreografia rica de valores plásticos e sugestões dramáticas, Paganini foi muito aplaudido.

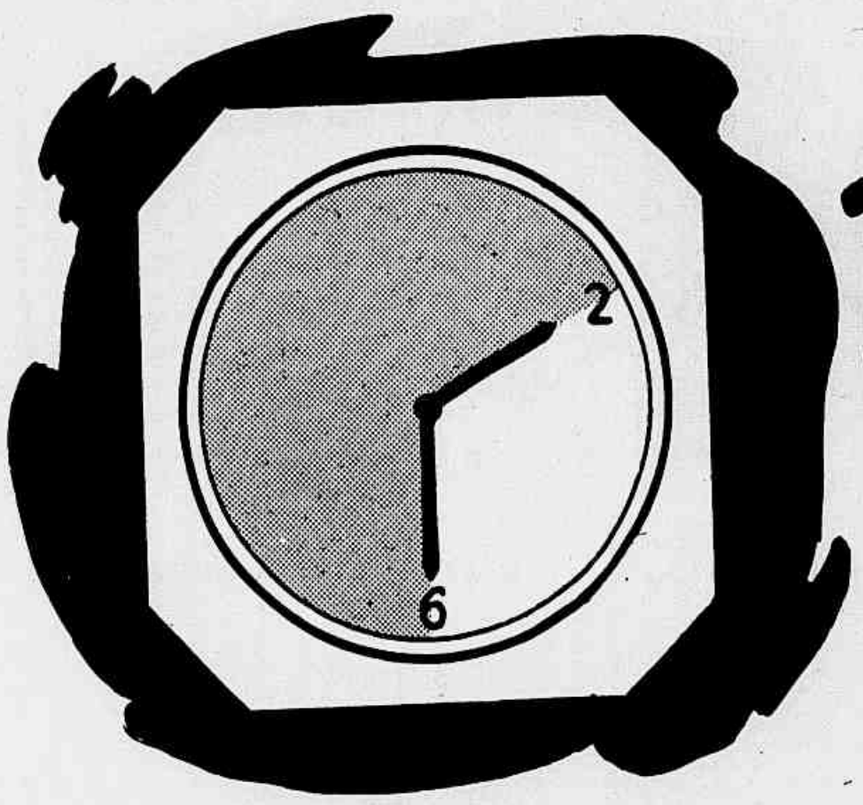
Cumpre citar, logo, o nome de Genevieve Moulin, que como a Jovem Florentina, confirmou a impressão que nos deixara em temporadas anteriores.

Danúbio Azul, um "divertissement" ligado por um arremedo de enredo, serviu de veiculo para demonstrações virtuosísticas, com a intervenção de Genevieve Moulin e sobretudo de Roman Jasinski.

A impressão causada pela estréia do conjunto foi, de modo geral, favoravel, com especial louvor a algumas figuras, porém, de fato, a campanhia está longe de manter aquele alto nivel que esperávamos. Não poderemos conferir aplausos irrestritos, desde que não adotemos o critério do famoso professor de anatomia que, persuadido pelos amigos a assistir a um bailado, confessou-se muito impressionado... com os músculos maravilhosamente desenvolvidos da bailarina, esquecendo-se de se deter nas qualidades mais propriamente artísticas do espetáculo...

Evidentemente, não desejamos adotar a atitude daqueles truculentos críticos que aparecem no primeiro quadro de Paganini, ouvindo e anotando os defeitos, ranzinzas e despeitados. Por isso mesmo, esperamos outras récitas afim de confirmar essa primeira impressão.

Roberto Lyra Filho



PRA-9

Radio

MAYRINK VEIGA

TODAS AS TERÇAS, QUINTAS E SABADOS UM NOVO HORARIO PARA UMA GRANDE NOVELA

DUAS E MEIA DA TARDE

PECADO DE AMOR

de: Antonio Guimarães

Radiofonização de: Otavio Augusto Vampré

A ESCOLA REMINGTON EM COPACABANA

Realizou-se recentemente a solenidade de inauguração da sucursal da Escola Remington, instalada na rua Miguel Lemos, 44 — Edificio Mauá, — em Copacabana.

Este novo departamento de uma das nossas mais antigas escolas praticas é uma organização moldada nos mais modernos processos da técnica lo ensino esteno-datilografico.

As salas amplas e arejadas, as máquinas empregadas que, graças a um grande esforço, são do ultimo modelo lançado pela Remington, havendo sido importadas recentemente dos Estados Unidos, a iluminação para as aulas noturnas, o aparelhamento didático e tudo mais, foi estudado pacientemente e baseado na experiencia adquirida em 35 anos de ensino. Estamos certos, pois, que esse novo e modelar estabelecimento conseguirá alcançar um lugar destacado nos meios educacionais brasileiros, continuando a elevar bem alto o nome já firmado da Escola Remington.

Aspectos da inauguração da sucursal da escola Remington na rua Miguel Lemos, 44, esquina da Av. N. S. de Copacabana, para o ensino da DATILOGRAFIA e da TAQUIGRAFIA.

Jockey Club Mundano

Realizou-se domingo ultimo mais uma tarde de alegria e elegância no Hipódromo da Gávea.

Como sempre, estiveram presentes a êsse centro de diversão, elementos da mais alta sociedade brasileira e estrangeira quando em visita á nossa capital, que alí se reunem para gozar a emoção das corridas alí realizadas.

Durante os intervalos das corridas foram colhidos os sugestivos flagrantes que ilustram esta página.

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!

PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

Metrolina

antisséptico
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas senhoras modernas para a sua HIGIENE INTIMA.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface (Brilhante", ultra-concentrado, que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar êste creme, observe como a sua cutis ganha um de de naturalidade encantadora à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrìvelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respira, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Crem de Alface "Brilhante". Experimente-o. E' um produto dosL aboratórios Alzira de Freitas.

CONFISSÃO

(Continuação da pág. 23)

to do cadaver, há um pequeno revolver com o cabo de madrepérola. E' meu. Lá encontrará as minhas impressões digitais.

Já naquele momento havia muita gente no escritório do coronel. Inclusive um reporter que farejara a notícia sensacional e viera, com fotógrafo, obter os dados para uma reportagem.

De repente, numa pausa, um dos presentes disse:

— E' Humphrey Lambeth!

Desde o primeiro momento, todos haviam sentido alguma coisa de familiar na fisionomia do rapaz. Era um dos milionários mais conhecidos, cuja fotográfia estava frequentemente nas capas das revistas e cujo nome figurava sempre nas notas sociais de maior relevo.

Era êle. Calmo, sorridente, aparentemente superior a tudo aquilo, êle contava com minúcia como matara Dover Wilson. Um reporter assobiou:

— Menino! Que reportagem!

Lambeth sorriu, condescendente:

— Deseja mais algum detalhe?

O reporter aproximou-se, afoito:

— Não há rabo de saia em tudo isso? E' o que estava faltando para completar...

Lambeth respondeu cortezmente:

— Sinto ter que desapontá-lo, mas esse crime é uma história de homens.

Senhoras! Se a Natureza Falha

MENAGOL

REGULA!

— Por que matou esse h
mem, mr. Lambeth? Pergunt
o coronel.

— Eis aí uma coisa que o s
nhor não pode-me forçar a diz

— O senhor compreende
gravidade da sua posição...

— Perfeitamente. Calcul
tudo.

— E mantem a sua recusa?

— Decididamente.

O coronel suspirou:

— Qual era a profissão da v
tima?

— Usurário.

O reporter assobiou novame
te. Lamberth voltou-se pa
êle.

— Sinto ter que desapontá-
mais uma vez. Não é questão
dinheiro tão pouco.

— Nesse caso, matou-o por u
capricho, um impulso?

— Evidentemente isso ser
confessar-me louco. Não. Tinh
meus motivos. Simplesment
não desejo revelá-los.

— Mas...

— Se duvida de minha sa
dade mental, submeta-me a
xame.

O coronel suspirou:

— Inacreditavel!

E assim principiara o coro d
exclamações. A justiça volta
de pernas para o ar, não procu
va dado um crime, o respons
vel por êle, mas, tendo a s
frente um suposto criminoso,
investigar, em sentido inver
se de fato êle era responsa
por um crime citado. O coron
suspirou mais uma vez. De
gradavam-lhe aqueles casos
tranhos que fugiam à roti
Mandou chamar os auxiliare

★

— Em resumo, então, que de
cobriu lá?

— O corpo e a arma, confo
me anunciado.

— Mais alguma coisa?

— Sim. Um lenço.

— Lenço de homem?

Aos 50 como aos 20 anos

UM HOMEM PERFEITO

O homem deve alcançar a maturidade em plena posse de todas suas funções Quando por excessos físicos ou intelectuais, seu sistêma nervoso se desiquilibra, sérios transtornos se manifestam, criando situações embaraçosas e desagradáveis Entretanto, estes distúrbios não devem ser tomados muito a sério Basta fortalecer o sistema nervoso com as Pilulas Maratú para que o organismo recupere seu vigor consumido, restituindo-lhe todos os predicados de um homem perfeito

PILULAS MARATÚ

Desperte a Bilis do seu Figado

e saltará da cama disposto para tudo

Seu figado deve produzir diariamente um litro de bilis. Si a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martirio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pilulas Carters para o Figado são extraordinàriamente eficazes. Fazem correr êsse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente Peça as Pilulas Cartere para o figado Não aceite outro produto. Preço, Cr$ 3,00

a verdade e joga verdes para colher maduros.

— Não estou blefando. Tenho as informações.

— Cite-as, então.

— Um lenço e um revolver.

— Como?

— Um lenço que não é de homem, mas de mulher e um revolver que não é seu mas de...

— E' mentira.

— ...de Lady Catherine Marlowe.

— E' mentira.

— Não pensei que, hoje em dia, ainda houvesse espécimens de galanteria medieval. O senhor estava disposto a morrer por ela...

— Nada disso é verdade. Juro que é mentira.

— As provas indicam o contrário.

TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE AO SEU CABELO

Em poucos minutos a côr natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agradar.

APLICAÇÃO FACILIMA:

Peça ao nosso serviço tecnico todas as informações e solicite o interessante folheto *"A Arte de Pintar Cabelos"*, que distribuimos gratis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 40 Sob. Nº

Nome .....

Rua .....

Cidade ..... *Estado* .....

R5

— Mas... as provas mentem.

— Tudo isso é inutil, mr. Lambeth. Eu já mandei prender Lady Catherine.

— Nega, então, tê-lo assassinado?

Uma expressão de espanto passou pelo rosto de Lamberth.

— Não. Lenço de mulher.

— Com iniciais?

— Infelizmente, não.

— Só.

— Que chamasse a atenção, o. O lenço estava caido num ivan, a um cabto da sala.

O coronel mexeu-se na caeira.

— Mande a arma para os petos. E depois quero falar com prisioneiro.

— Sim, senhor.

★

— Alguma novidade?

— Mr. Lamberth, tenha a ondade de sentar-se.

— Obrigado.

— Queria falar-lhe a sós. fim de estarmos mais à vonade.

— Com um preso tão... obiente como eu, não é preciso mer a fuga.

— Sem dúvida. E era sobre so que eu desejava falar-lhe. senhor não calcula como a a atitude me tem pertubado. onfesso-lhe que já passei noies em claro, pensando sobre do isso.

— Não há motivo para essa quietude. O senhor deve cumrir seu dever.

— E' verdade. Contudo, eu nto que há alguma coisa erra- em tudo isso.

— Não se preocupe. Tudo está erto. Matei um homem. Parei por isso.

Naquele momento, entrou um olicial e colocou sobre a mesa coronel um relatório. Um har foi o bastante para que a sionomia deste se transformasubitamente. Voltando-se ara Lamberth disse, com imenalívio, como quem finalmente egou onde queria.

— E' inutil fingir mais, mr. amberth. Acabo de receber toas as informações.

— Como?

— Sei que não foi o senhor ue matou.

— Esse truque é velho, coroel. Quer me forçar a contar guma coisa que pensa que é

RUGOL

O CREME EMBELEZADOR DA PÉLE

que eu conhecia. Pensei que fosse você a cu pada. Tomei a arma. Pus nela as minhas impressões digitais e vim confessar o crime. Não queria que você pagasse por aquela morte.

O coronel estava comovido. Cenas como aquela só as conhecia dos romances. Um homem disposto a dar a própria vida por uma mulher que ama. Uma mulher perseguida por um usurário pensa matá-lo, não pode vencer seus escrúpulos, e foge...

— O relatório do perito revelou que a ferida da vítima não foi feita por detonação da arma apreendida.

★

Nunca o coronel tivera a impressão tão nitida de que um caso, apenas começado, já tinha chegado ao fim.

Não fora aquilo, contudo, que acontecera? Humphrey partira com a noiva e o criminoso ainda era um incógnita, provavelmente continuaria a se-lo sempre, uma vez que difícil era determinar culpado, uma vez que as provas tinham sido baralhadas com intenção generosa, pelo milionário.

O coronel, como era seu hábito, em momentos como aquele, suspirou. Mandou chamar os auxiliares.

★

Passando pelo Tamisa, Humphrey tomou um embrulho que trazia e atirou-o n'água.

— Pronto.

Catherine olhou-o arrenpendida.

— E' verdade, Catherine. Matei-o. Quando eu entrei lá e o vi, ainda insolente, depois de ter

DIABETE-OBESIDADE-MAGREZA

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO, DIABETE e PRISÃO DE VENTRE

Aparêlho digestivo e Nutrição (regimes). Glândulas da secreção interna METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL

CLÍNICA ESPECIALIZADA DO

DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe da Secção de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro. Consultório: Edi. Góes — R. Alvaro Alvim, 27-3.º and. sala 33 — Cinelândia. Fones: 22-5110 ramal 33 e 25-4380 — Consultas: Das 13 às 16 horas

tentado cobrar a sua dívida de maneira vergonhosa, servindo-se de você, não pude conter-me. Matei-o. Estava armado, mas minha arma não estava registrada. Ninguem poderia dizer que é minha. Coloquei seu revolver que estava a um canto preto do corpo, deixei sobre êle minhas impressões digitais e fui à polícia. Eu sabia que êles não poderiam condenar-me pelo crime. A arma não era aquela.

— Você não o matou?

Ele não tinha podido conter-se.

O coronel interveio.

— Creio que é para o interesse de todos que se use a maior franqueza. Tudo o que for dito aqui não passará destas quatro paredes.

Lady Catherine adeantou:

— De fato, eu lá estive. Ele me exigia o pagamento de uma velha dívida. Eu não ousava recorrer a Humphrey. Queria que nossa vida em comum começasse sem lembranças do meu passado. Iamos ficar noivos.

— Mas eu suspeitava de tudo. Segui-a à casa de Dover. Via-a sair de lá, perturbada, tomar um taxi. Entrei. Lá estava o corpo de Dover. O seu revolver

VIVER ALEGRE!

Basta conservar normalizado o funcionamento do fígado e prevenir a preguiça intestinal. As "Pílulas de Reuter", combatendo a insuficiência hepática, protegem a saúde e garantem a alegria de viver.

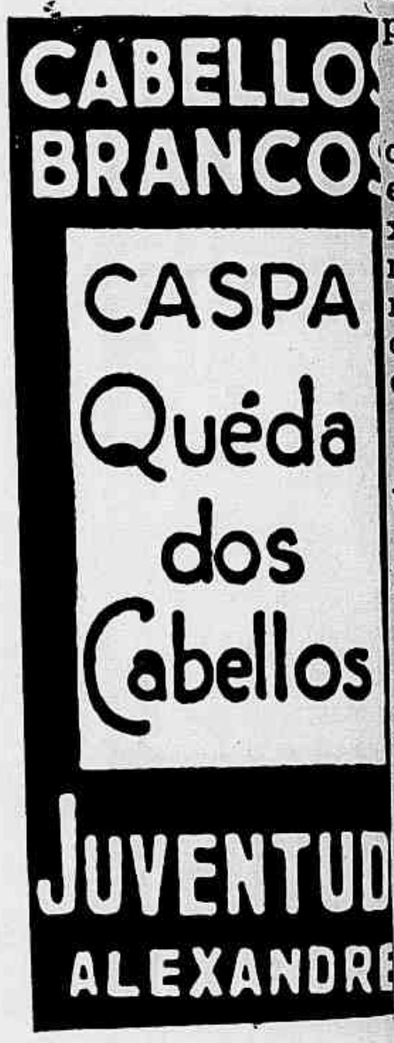
PÍLULAS de Reuter
PARA O FÍGADO

— Mas onde estava escondida a verdadeira arma?

— Não viu a minha bengala de castão de ouro, um castão excepcionalmente grande?

— S... sim.

— Estava alí. A polícia encontrou na saída.



O salão e o ditador

(Continuação da pág. 15)

combatendo o sr. Osvaldo Teixeira. Mas o fato é que se não o fizermos, ficaremos reduzidos à situação de peaintes. Dependeremos do diretor do Museu para tudo o que disser respeito ao Salão. Já não estamos nos bons tempos dos manda-chuvas e não serão os artistas que vão abrir exceção. Quanto ao regulamento? Foi um parto infeliz. Não durará muito. O Ministro logo reconhecerá que foi enganado.

"TEMPESTADE EM COPO DAGUA"

Mas eu não sei por que se faz tanto barulho em torno deste assunto — disse Alfredo Galvão, medalha de ouro e professor da E.N.B.A., quando o interrogámos.

Então acha que não há motivo para os protestos diários dos pintores?

— Não. O regulamento do Salão tem erros, não só quanto à orientação que deve presidir à constituição do Conselho de Organização mas, ainda, erros de redação. Não parece ter sido feito por quem esteja habituado ao ofício de legislar.

— Que acha quanto às atribuições do Presidente e das Comissões?

— Bem, como eu já disse, o regulamento tem erros e nessa parte, principalmente. Mas, num regime democrático, qualquer erro é facilmente corrigível. E daí a minha opinião de que tanto barulho em torno de um assunto que pode ser resolvido de um dia para o outro é tempestade...

E subitamente:

— Mas, escute aqui, meu caro. Vá embora depressa. Não posso mais atendê-lo.

O reporter ficou espantado mas compreendeu de que se tratava: enquanto o professor falava, as alunas, empenhadas numa prova iam aproveitando a oportunidade para uma consulta mútua sôbre detalhes que naturalmente ficaram esquecidos, durante as suas **longas horas** de estudo...

Quisemos resistir ao "bilhete azul" do professor, mas não foi possivel. E a solidariedade do antigo adpto da "cola" ficou sómente na intenção.

Perdôem-nos as jovens estudantes.

"ESTÁ ENTERRANDO A ARTE NO BRASIL"

Sigaud nos levou ao estúdio de Honório Peçanha, no Liceu de Artes e Ofícios.

O escultor, medalha de ouro, trepado num banco, dava uns retoques no modêlo do seu Almirante Ary Parreiras, encomendado pelo govêrno do Estado do Rio.

Proporcionalmente dada a diferença de estaturas entre Honório Peçanha e a massa enorme do gesso com que êle moldara a estátua, a cena dava-nos a impressão de um filho acariciando o ombro do pai. Mas era justamente o contrário. O pai consertava a roupa do filho que deve sair de casa sem fazer vergonha à família.

E quando começávamos a entrevistar Peçanha, chega Adalberto Matos, com a sua figura romântica e meio destabanada de pintor parisiense de 1870, gravata lavaliére, gestos largos e conversa ruidosa.

Foi uma entrevista alternada. Ora falava o escultor, ora o pintor. Só havia coincidência nos seus pontos de vista. E Adalberto Matos rompeu fogo:

— Deixei de expor no Salão há uns quatro anos, por causa de Osvaldo Teixeira, por causa da sua política que foi sempre o que êle mais fez. Toda a sorte de arbitrariedades já se cometaram naquêle Museu e nos Salões.

Quando êle foi nomeado fez um album para demonstrar que havia desorganização na casa. Pois bem, sabe o que aconteceu agora? "O Progresso", uma das maiores obras de Almeida Reis, foi retirada do local em que se achava e abandonada no porão, exposta às intempéries e escondida dos visitantes. Se isso é organização, macacos me mordam.

— Melhor seria, intervem Honorio Peçanha, que se acabasse com essa história de ser o diretor do Museu obrigatoriamente o Presidente do Salão. Não vejo motivos para isso. O Salão é uma cousa absolutamente independente.

Antes da Revolução de 30, quando a nossa exposição oficial era dirigida pelo Conselho Superior de Belas Artes, os membros dêsse organismo eram escolhidos pelas classes e nós sempre soubemos escolher os que nos mereciam inteira confiança.

Na época do grande Rodolfo Bernardelli, por exemplo, figurar no salão era uma distinção de que se orgulhava qualquer artista.

Mas hoje, o Salão está desmoralizado, apartes Adalberto Matos. Qualquer troca-tintas expõe lá os seus trabalhos.

— E no Museu? — interrompe Peçanha, espiando por um momento Ary Parreiras. Quanta cousa vergonhosa não existe naquelas paredes, ao lado de grandes obras...

O reporter recorda que o mesmo tem acontecido no Municipal em cujo palco só pisavam, outrora, os artistas de mérito fora de discussão. E vai recapitulando as temporadas de artistas brasileiros nos três últimos anos quando Adalberto Matos o tira dessas cogitações:

— A verdade é que o sr. Osvaldo Teixeira está enterrando a arte no Brasil. Para que você não pense que é despeito digo-lhe que tenho todos os prêmios de viagem, desde a menção honrosa à grande medalha de ouro.

E esclarece:

— Mas não voltarei a expor, enquanto o sr. [illegible] mandar e desmandar lá dentro.

— Que solução o amigo sugeriria para o caso?

Os dois falaram quase ao mesmo tempo:

— Afastar o salão da dependência do Museu. A exposição dêste nada tem a ver com a organização e funcionamento da exposição oficial. O que convinha fazer era restabelecer o Conselho Superior de Belas Artes (ou Conselho Nacional de Belas Artes, como se chamou mais tarde — o nome não interessa) constituido mediante eleição de cada classe e a êle entregar a organização do Salão.

— Da forma que está sendo encaminhada a coisa, concluiu, por fim Honório Peçanha, agora ajeitando as mangas da blusa do Almirante, o Salão, o antigo Salão dos pintores, será muito breve uma vala comum de pintura... O cemitério dos artistas.

AGUA DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme Campos
LIMPA E FECHA OS POROS
A VENDA EM TODA A PARTE

CONQUISTA

(Continuação da pág. 39)

— Então? Prestou?

— A menina não é má. Mas pinta-se de mais. Faz tregeitos horriveis. Requebra-se toda. Se não fossem determinadas particularidades anatomicas, não seria possivel distinguir entre ela e o todo o resto de moças que enchia o salão. Gatinhas pintadas e assanhadas.

— Que é que você pretende fazer?

— Aproveitar enquanto estou aqui. Depois, despeço-me e parto.

★

Naquele dia da despedida, ela quasi chorou. Afinal de contas era uma moça simples e apaixonada e todo aquele aparelhamento artificial, imposto pelo meio, era a sua maneira ingenua de seguir os conselhos que lhe davam para conquistá-lo.

Ele informou-a de sua partida.

— Volto para as minhas montanhas amanhã.

E ela não encontrou palavras para responder.

★

Ela nunca poderia imaginar que êle tornaria a vistá-la. Acordou, naquela manhã, cheia de um profundo desanimo. Todas as belas roupas, aqueles perfumes e aquelas pinturas não tinham sabido conquista-lo. Com um suspiro, ela voltou a envergar os trages caseiros, uma velha calça e blusão.

De repente tocou a campainha. Quem seria. Ela foi abrir e, espantada, verificou que era êle.

— Bom dia...

Com um gesto de tristeza ela viu que êle a pegara desprevenida. Sem pintura, sem nada. Mas êle não parecia ter notado aquilo.

— Bom dia. Eu vim despedir-me definitivamente. Parto ao meio dia.

— Não quer entrar um pouco...

Que tinha ela de diferente aquele dia? Sim, certamente seria a aparencia caseira que êle nunca suspeitaria sob a capa de moça da sociedade. Um ar mais natural e mais puro, no rosto bem feito, mas, naquele momento, sem pintura.

— Você está muito bonita, hoje.

Era a primeira vez que êle dizia aquilo. Ela ficou espantada, Bonita? Assim? Despenteada, suja...

Ele sentou-se a um canto, estirou as longas pernas, puxou o cachimbo e ficou quieto, como gostava de estar admirando-a. Ela continuava o trabalho.

De repente disse:

— Vou fazer um café para você.

— Você sabe fazer café?

— Claro que sei.

Ele sorriu.

— Melhor. Melhor.

Quando ela trouxe o café cheiroso e quente, êle disse:

— Hum, está bom...

Depois acrescentou:

— Você sabe que era capaz de dar uma boa esposa?

— Acha?

— Acho. Bem, eu vou indo para á minha montanha. Escute...

— Hum?

— Eu vou voltar. Dentro de dois meses eu volto para ver voce. Mas quero ve-la assim. Sem coisas meladas no rosto. Todo esse negócio de pintura.

Depois, antes que ela pudesse protestar êle inclinou-se e beijou-a. Quando ela começou a acalmar-se êle já ia longe, descendo as escadas de dois em dois degraus, assobiando. Da esquina, êle acenou com o chapelão...

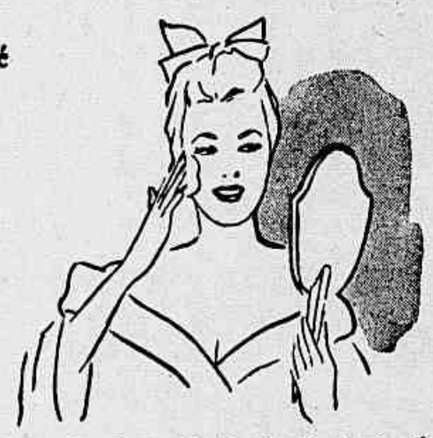
— Até breve.

DEPURE O SEU SANGUE
Salsaparrilha de Bristol é uma excelente medicação auxiliar no tratamento da sífilis. Depurativo vegetal, sem contra-indicação, seu uso é de efeito benéfico a todo o organismo.
SALSAPARRILHA DE BRISTOL
(Medicação auxiliar no tratamento da Sífilis)

Agóra muitos usam
DENTADURA POSTIÇA
com perfeita comodidade
Como, talvez, eu ou outro, com medo de que sua dentadura postiça se desprenda ou caia é triste. FIXODENT conserva as dentaduras postiças mais firmes e torna-as mais cómodas ao falar. Este pó de sabor agradável não deixa na boca nenhuma sensação desagradável. Não provoca náuseas. É inócuo (não tóxico).
Compre FIXODENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.
Distribuidores para todo o Brasil:
[illegible] A AMERICANA LTDA.
Av. Rio Branco, 14, 1.o - Rio de Janeiro
52

Dê à sua pele
aquela fascinante
Beleza de Adolescente
Para conseguí-la,
não oculte...
Corrija
as imperfeições
do seu rosto com
LEITE DE COLONIA

A pele macia, alva e sem imperfeições não é exclusiva das adolescentes. Há mulheres que a mantem por longos anos... Se a Sra. ou senhorita também quer conservá-la ou conseguí-la, nunca utilize o "maquillage" excessivo para ocultár as possíveis imperfeições da sua cutis. Isso é um erro. O mais simples e mais prático é corrigí-las e evitá-las com Leite de Colonia — um produto de toucador mas de base medicinal. Leite de Colonia remove manchas, sardas, cravos, espinhas e erupções da cutis. E é também um excelente fixador do pó de arrôs. Use-o diariamente! E seu rosto terá aquela beleza das peles que se mantêm sempre lindas e sempre jovens.



CONQUISTE PARA SUA PELE A BELEZA DE ADOLESCENTE.
Ao levantar-se, limpe sua cutis com Leite de Colonia. Durante o dia, use-o como fixador do pó e como protetor da pele. Ao deitar-se, para remover o "maquillage" e limpar novamente a cutis.

Leite de Colonia
Limpa... Alveja... Amacia a Pele

Record Propaganda

O pupilo do maestro

(Continuação da pag. 34)

Pobre "maestro" que procura iludir-se, iludindo o aluno.

Pobre aluno que não duvida uma palavra siquer de tudo quanto lhe diz o "maestro". E nesses momentos de narrativa a admiração do pupilo pelo mestre cresce espantosamente. Seu desejo unico naqueles instantes é vir a ser o que foi o "maestro". E na cabeça do mestre mais se afirma a ideia de fazer do pupilo o que êle não poude ser. Realizar-se no aluno, ter glorias com a sua gloria.

Eis aí a neuróse de todos os cantores fracassados que na velhice se tornam "maestros".

E fazem tudo por aquele aluno. Principiando que ao contrario dos outros, este não paga as lições (maneira sabia de comprometer o aluno consigo). Os outros alunos têm lições de meia hora, que aliás são religiosamente cronometradas pelo "maestro". Quando marca o relogio o fim da aula, a lição se interrompe esteja onde estiver, mesmo que o aluno tenha iniciado um agudo. Pára. Pára tudo. Ele interrompe: "Basta! Basta! Domani prossiguiamo." E fecha o piano.

Mas com o pupilo é diferente. Pricipiando que as horas são esquecidas. Suas aulas abrangem horas, o dia inteiro às vezes. Suas lições são entremeadas de palestras comentarios e sonhos de grandezas. Frequentemente o aluno almoça e janta com o mestre. As lições decorrem sob aquela atmosfera de admiração mutua, onde o "maestro" se confunde com o alu-

no e vice-versa. Mas de vez em quan
mestre explode em dramaticas severid
em zangas quixotescas e nos lamentosos
ros, se por acaso o pupilo não coloca uma
direito ou se canta com pouca alma, com
timento raciocinado. E grita. "Piú entu
mo! Piú força! Faça assim. Guarda. Ve
E levanta-se do piano, vai para o centr
sala, pisa forte no chão, abre os braços e b
com sua voz de tenor aposentado:

— LIBIAMO!! LIBIAMO!!! LIBIAM

E fica vermelhão pelo esforço feito. E
em seguida ao aluno admirado.

— Vede? Sei cosi que tem de ser. Tu
cantando senza entusiasmo, senza vida, s
calor! Estai cantando cosi. Guarda.

Volta ao meio da sala, diminue-se, enc
se, acanha-se, abaixa a cabeça e solta um
te de voz, como se estivesse rezando:

— Libiamo... libiamo... libiamo...

E o aluno se impressiona profundam
com essas imagens e lá bem no intimo
que o "maestro" tem toda razão, embo
considere um pouco ridiculo e exagera
Mas a lição pressegue. Vêm depois os e
cicios abdominais, toraxicos, os livros na
riga, as respirações profundas, as massag
no estomago e todas as torturas por que
de passar um candidato à gloria.

★

Senhores, todos os "maestros" são mais
menos assim. Existem variantes é claro,
isso não impede que se conte a pequena
tória de um deles, que como sempre t
um pupilo.

★

Chamava-se Claudionore Tovaro Scop
E o pupilo: José Maria Ferreira Brandão.
os nomes não importam.

José Maria era empregado no comerc
o "maestro" tinha seu apartamento comp
de uma sala, uma... Bom, era só. Ficav
terceiro andar dum desses predios velh
mos, de escadas rangentes. Sim, esses
dios do tempo dos Afonsinhos, conden
pela Prefeitura. Pois é, a sala era simulta
mente dormitório, refeitório, salão de c
escritorio e palco. A cama, a mesa, a est
a mala de roupa, duas cadeiras e o pian
róca. Perto da janela, um retrato dele q
do era jovem. Numa das paredes, "la
grafia de la mãmata".

Eis como se compunha o apartament
"maestro" Claudionore Tovaro Scopeta,
digno representante do bel canto, que se
rou das grandes plateias mundiais em
auge de sua carreira, para dedicar-se à t
ardua de iniciar jovens de talento, numa
longinqua e barbara chamada Brasil.

Dois anos depois veiu a conhecer José
ria, um caruso em embrião. E o "mae
Claudionore garantiu que em cinco ano
estaria apto a cantar até no Metropol

As aulas comecaram.

Grandes dificuldades: Mas sempre v
das pela boa vontade do aluno e a sabe
do mestre. A garganta de Zé Maria tin
mesmo costume das mulas empacade
quando chegava no momento dos agudos,
tava-se no chão, embirrava e não havia
tão que a fizesse alcançar. Mas Claudio
era invencivel! Lutava com a mula ou me
com a voz e sempre saía vencedor.

Outra grande dificuldade era a ignora
do aluno a respeito da música. Comp
mente hermetico, supinamente fechado.
isso é mal de brasileiro. Ha por aí um
corrente, o qual diz que nós brasileiros
materia de música somos capazes de c
um rouxinol assado.) E José Maria não
à regra. Mas aos pouquinhos o "maestro
lhe iluminando o celebro com todas as
lidades de "sóes". Tinha também o pupi

ouvido um
vam da m
do es: de
ziam um
picamente
do que a

Todos estamos convencidos!
este creme dental antissético ...

limpa mais

A generosa espuma de Kolynos limpa completamente os dentes, e lhes restitue seu brilho natural, sem arranhar o esmalte. É que Kolynos é um creme dental antissético.

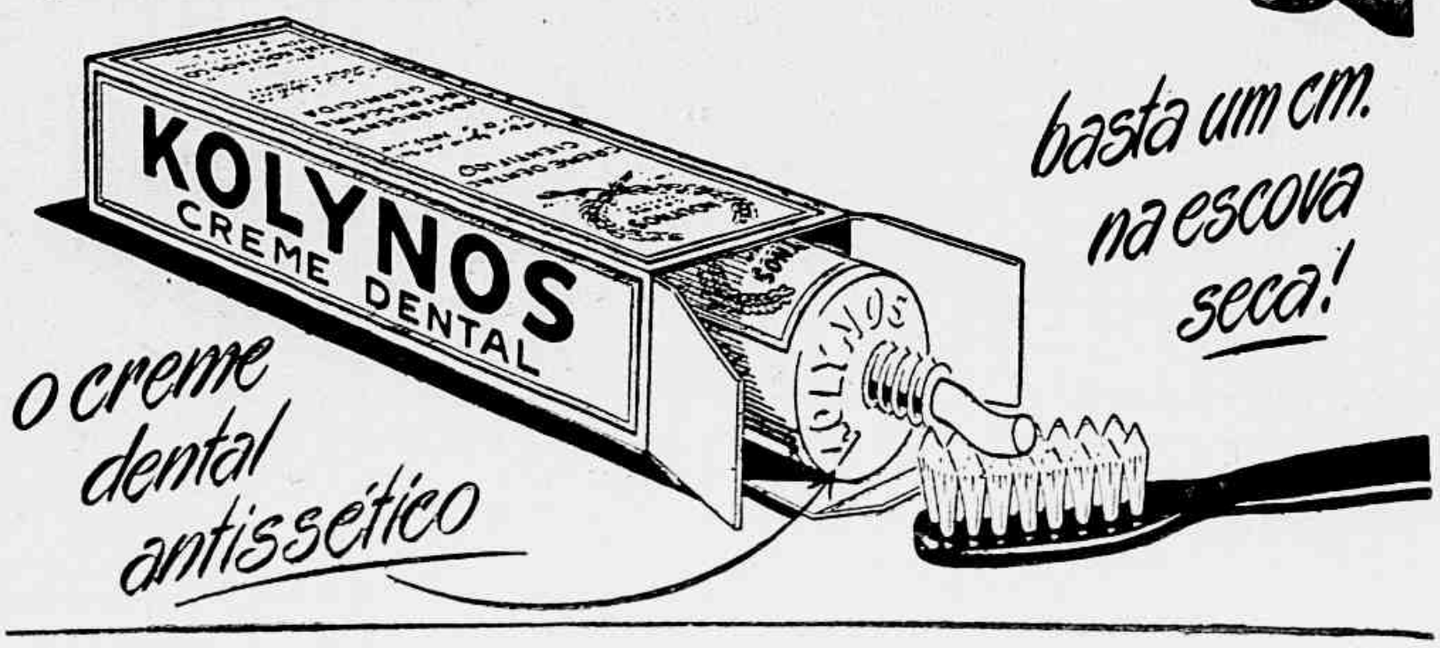
agrada mais

Não há a menor dúvida: o sabor de Kolynos agrada a todos; deleita, perfuma o hálito, deixa no paladar uma incomparavel sensação de frescor.

rende mais

Kolynos é um creme dental concentrado: com uma quantidade menor de creme se obtem uma limpeza maior. Kolynos custa menos porque rende mais.

...todos estão de acordo:
para um belo sorriso não há como Kolynos.



ouvido um bocado duro. Suas orelhas gozavam da mesma propriedade dos transformadores: de um lá faziam um ré e de um si faziam um mi. E o "maestro" ficava olimpicamente furioso! Mas acabou se convencendo que a furia não amolece ouvidos. Mudou de tática. Fazia-o ouvir música por atacado. E não é que acabou educando os rebeldes ouvidos de Zé Maria?

Mas surgiu outra dificuldade. O aluno não sabia uma palavra em italiano, de modo que não podia estudar os libretos e partituras. Enfim, o talento de José Maria era um microscopio diamante. E olhe lá: a lapidar!

Mas o "maestro" bramiu com fé a picareta da obstinação nessa ganga bravia, disposto a fazer brilhar o diamante.

Não sei se conseguiu ou se entortou a picare-

CABELOS BRANCOS?
LOÇÃO
Brilhante

A TOSSE
REBELDE
ENFRAQUECE
OS PULMÕES
Evite êsse risco! Para bronquite, tosse e coqueluche, use
PEITORAL DE
ANACAHUITA
DE KEMP Composto

Óleo
Elétrico
O INIMIGO DA DOR!
Efeito instantâneo nas dôres reumáticas, nevrálgicas, torceduras, inflamações, ciática, lumbago etc.
Peça Óleo Elétrico
do Dr. Charles de Grath

Uma joia no toucador

Faça de sua beleza um desafio ao tempo! Conserve a formosura e o esplendor dos seus cabelos! Ondulados ou lisos, louros, castanhos ou pretos, proteja-os sempre com o famoso **Tônico Oriental.** Revigora, amacia, evita a queda e prolonga a vida dos cabelos. É delicadamente perfumado.

Tônico
ORIENTAL

ta, mas o fato é que um ano depois o aluno já cantava trechos de operas, conseguindo arrancar espalhafatosas exclamações do "maestro": "Magnifico! Estupendo! Molto bene!!"

Segundo Claudionore, José Maria Ferreira Brandão era uma autentica revelação. Segundo Zé Maria, Claudionore Tovaro Scopeta era maior professor de canto do mundo. Mas segundo a realidade, ambos não passavam de simples visionarios, empenhados em fanatica luta contra o anonimato.

E se por acaso o "maestro" visse no semblante do aluno sombras de desanimo, imediatamente contava uma história, um fato, afim de estimulá-lo. Por exemplo. "O professor de canto de Caruso um dia lhe disse: quando você fôr cantor eu serei Papa." E o aluno reanimava-se, estufava o peito, abria a guela e cantava uma aria inteira da Cavaleria Rusticana ou da Manon Lescaut.

Claudionore exultava. Toda sua esperança se resumia naquele pupilo. Havia de ser o "maestro" mais famoso do mundo, o "maestro" Tovaro Scopeta, confeccionador do maior baritono do mundo: José Maria Ferreira Brandão! — o cantor da voz mais potente, mais colorida, mais sentimental de todos os tempos. E por que não? O rapaz tinha talento.

Numa quente tarde de sabado, prefessor e aluno atacavam de rijo uma passagem dificil da Traviata. "Maestro" no piano e aluno na guela, tudo ia indo muito bem. Devido ao calór a janela da sala estava aberta e a vóz de Zé Maria saia por ela, caindo lá em baixo na rua. Aquela era sem duvida uma tarde de inspiração vocal! Voz bem empostada, pronuncia perfeita, compasso certo. O aluno cantava, cantava e o professor olhava-o como só a coruja sabe olhar o filhote.

De repente, passa os olhos na rua lá em baixo e vê que se ajunta gente, olhando pra cima, na direção da janela. Faz sinal ao aluno. Zé Maria olha e tem um instintivo gesto de recuo, mas o "maestro" o intima com os olhos e manda que chegue à janela e continue cantando. O povo se sente atraido pela voz. Bate com redobrado furor às teclas do piano. E cada vez vai ajuntando mais gente. Era a consagração popular! E o aluno dá o maximo então. Estoura nos agudos, equilibra-se nos sustenidos e cambalhota nas inflexões dificeis. O povo lá em baixo admira embasbacado, olhando atento para cima. Claudionore está em ponto de explodir de alegria. Nunca ousara esperar que o povo, esse povo tão rebelde à arte, fosse capaz de compreender o bel canto. Principalmente esse povo daqui "che soni tutti macaco". E os automoves e bondes iam-se aglomerando em torno daquele bolo de gente que olhava para cima e ouvia religiosamente. E José Maria dava tudo o que tinha, jogando a Traviata sobre o povo. Era a consagração prematura! Era a opinião expontanea do povo! O povo que nunca erra nos seus julgamentos! Oh, povo bendito, verdadeiro juiz dos verdadeiros valores!

Mas de repente um vulto negro passa rapido pela janela. Enorme exclamação do povo!

★

O corpo de um preto esborrachou-se na calçada, como um tomate maduro. O povo rodeou o lugar. Era um desses suicidas que se exibem antes do pulo na morte. Atirara-se do ultimo andar, tendo antes satisfeito a vaidade de sentir-se admirado. Primeiro fez uma porção de malabarismos arriscados no peitoril da janela. Depois mergulhou. Era isso que o povo olhava. E lá estava o preto na calçada, empastelado, disforme.

★

Decepcionados, irritados, "maestro" e aluno desceram para vêr o corpo. Entraram no meio do povo. Ouviam-se comentarios excitados

— Esmigalhou a cabeça! O miolo voou longe!

— Não acreditei que êle pulasse...

— E por que será que fez isso?

— Eu "vi" dizer que foi por causa d mulher.

— Ou de cachaça?

— Então dizendo que deixou uma carta escrita...

— Dizendo o que?

— "A vida com saúde é outra coisa."

— Deixa de brincadeira! Respeita o "mortos".

— E você viu aquele idiota cantando janela?

— Acho que era louco, não? E que voz seravel...

"Maestro" e aluno trataram de ir saindo meio do povo. Claudionore estava furioso. José Maria não dizia nada. Pálido, decepcionado. Mas o mestre o consolou:

— Esse povo não entende de arte! "Lacrimorante"! E negro é negro: quando não é entrada é na saída...

O que tôdas as mulheres devem saber

Famosos e acatados ginecologistas afirmam que grande parte das moléstias que afligem a mulher têm como causa principal o mau funcionamento de seus órgãos genitais. Muitas vêzes a mulher parece sofrer do fígado, estômago, intestinos, coração, rins etc., mas o mal está no útero e nos ovários. Observe a mulher as suas regras: elas são o espêlho de sua saúde. As regras são poucas? São muitas? Regularize-as usando Regulador Xavier — o N.º 1 ou N.º 2. O N.º 1 só se aplica nos casos de regras abundantes prolongadas repetidas hemorragias e suas consequências. O N.º 2 só se aplica nos casos de falta de regras regras diminuidas atrasadas suspensas e suas consequências. O Regulador Xavier tem em cada número a sua aplicação diferente distinta. Não é um regulador só que pretende tratar tôdas as moléstias da mulher ao mesmo tempo não! São dois Reguladores em duas fórmulas separadas diferentes e scientificas

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 88 — 2.º Loja

Seja contribuinte da Sociedade de Assistência aos Lázaros, que ampara e educa os filhos de hansenianos, no Educandário Santa Maria Jacarepaguá, Rua Santa Luzia, 799 — Fone 42-8264.

JULIA — Sei, Nadir. Sei tudo. Eu não sou, como pareço, uma simples empregada de Sonia. Sempre a acompanhei. Ela tem sido como uma filha para mim...

NADIR — E que pretende me dizer?

JULIA — Contar-lhe a história duma creatura que tem sofrido muito.

NADIR — O que me interessa é a minha propria história.

JULIA — Ouça que nesta história você encontrará o segredo que procura. Eu conheci Sonia logo depois que que ela partiu para a Europa. Na primeira vez que regressou ao Brasil eu me encontrei com ela e até hoje tenho-a seguido.

NADIR — Mas que tem isso a ver com a história de minha mãe?

JULIA — Ouça. Por intermedio de Sonia eu soube a história de sua mãe, Nadir. Sua mãe éra uma creatura moça, bonita, um tanto ingenua. Em Poços de Caldas.

NADIR — Já sei. Conheceu um violinista. Viveram alguns mêses juntos. Depois êle seguiu para a Europa e ela ficou no Brasil.

JULIA — Sim. Você nasceu. Ela entregou você à sua Tia e embarcou para a Europa na esperança de encontrar o homem que amava...

NADIR — E nunca o encontrou?

JULIA — Encontrou sim. Mas êle passou por ela sem a reconhecer. Nadir — ela também se chamava Nadir — ficou desesperada. Estava só, com fome, frio e perdera a última esperança que lhe restava. Que poderia fazer? Pensou no suicidio.

NADIR — Mas minha mãe vive?

JULIA — Ouça com paciencia. Nadir, sua mãe debruçou-se sobre a amurada do Sena. E quando ía se atirar ás aguas profundas, um braço a deteve. Era um magico de feira. Os dois se uniram pela miséria. E ela reagiu. Pensou em você. E para evitar que você viesse a sofrer o que ela estava experimentando, resolveu ganhar dinheiro...

NADIR — Ganhar dinheiro?

JULIA — Sim. Iludindo a humanidade. Nadir morreu naquele instante. E desde essa hora nasceu Sonia. a Vidente...

NADIR — Não! Não pode ser! Ela... minha mãe!?

Controle — Sobe a música e desaparece

NADIR — Não! Não póde ser! Ela... minha mãe!

JULIA — E' a verdade, minha filha. Toda a verdade. O que acabo de lhe contar é a sua história.

NADIR — Eu, filha de madame Sonia... A Vidente! Então, os meus vestidos, estas joias, os meus estudos, a fortuna que possuo... são esmolas de madame Sonia...

JULIA — Esmolas, não. Tudo o que você tem é o trabalho dessa creatura, dessa Sonia a quem você tem feito sofrer tanto.

NADIR — (REVOLTA) — E é ela, a minha mãe, ela quem lutou para me fazer rica e que vem roubar-me o homem que amo!

JULIA — Ela não o rouba, Nadir. Sonia, apenas continua lutando pela sua felicidade.

NADIR — A minha felicidade é Roberto.

JULIA — Roberto não é digno de você, menina. Você não o conhece Roberto...

NADIR — (CORTANDO) Não fale mal dele!

JULIA — Descanse. Eu não vou falar. Algum dia você mesma compreenderá. E queira Deus que não seja tarde.

NADIR — (CUJA AGITAÇÃO VAI CESSANDO A MEDIDA QUE FALA) — Então ela... Ela é minha mãe. Não compreendo. Não posso compreender que me querendo tanto, como a senhora diz que ela me quer, teime em me roubar Roberto.

JULIA — Eu já lhe disse que ninguem lhe rouba Roberto!

NADIR — E ela... ela poude ouvir todos aqueles insultos! Eu cheguei a lhe oferecer dinheiro uma vez... Dinheiro para que ela deixasse Roberto. E ela riu... (RI TRISTEMENTE).

NADIR — O meu dinheiro a ela... Eu estava querendo lhe devolver uma parcela minima de tudo o que ela me dera. Ela poderia ter me dito tudo e não o fez. Porque?

JULIA — Você é tudo na vida de Sonia.

NADIR — E ela me quer ainda? Será que ainda pode me querer?

JULIA — As mães sabem perdoar.

NADIR — Era por isso, talvez, que eu não podia odia-la. Como eu desejei odia-la! Mas uma estranha simpatia arrastava-me para ela. E agora vejo, que apesar de tudo, eu lhe quero bem.

JULIA — Assim já é possivel encontrarmos uma solução para o nosso caso.

NADIR — E que devo fazer, Julia?

JULIA — Ouça, Nadir...

Cigarra de porta

JULIA — (A NADIR QUE SE ASSUSTA) — E' ela quem chega.

NADIR — E como vou fazer para sair? Ajude-me Julia.

JULIA — Espere... Entre para aquela saleta. Venha. Ela daqui á pouco irá se deitar. E eu voltarei para leval-a até a porta.

Cigarra mais insistente

JULIA — Esconda e não saia antes que eu a avise. Vá... Vá enquanto vou abrir a porta.

Porta

JULIA — Prepare as malas, Sonia? (SORRI)

SONIA — (EXTRANHANDO) Malas? Para que?

JULIA — Julguei que iriamos viajar. Depois de tudo, um passeio à America não seria mau...

TAG — Madame Sonia na America...

SONIA — Não, Tag. Madame Sonia morreu. Agora vou envelhecer feliz, esperando que Nadir se case e que venham os netinhos...

JULIA — Tag, você não conseguirta passagens no Araré que parte dentro de oito dias?

SONIA — Mas porque essa pressa? E porque esse navio?

C/ regra campanhia de telefone — passos

TAG — Alô... Sim... A senhorita Nadir? Um momento, por favôr... Nadir, para você...

NADIR — Obrigada. Alô... Sim é ela. Quer se despedir? Mas porque... Ora, Carlos, o seu navio só parte dentro de oito dias. Não... Não, Carlos... Não será adeus para sempre. Ainda é possivel que eu venha a ser a sua companheira de viagem... Sim... Depende de arranjarmos as passagens. Mas eu confio na habilidade de Tag. Amanhã explicarei tudo... E' uma historia longa... Bôa noite. (DESLIGA)

JULIA — E então Sonia?

SONIA — Vejo que madame Sonia é apenas uma aprendiz. Você e Teo que são videntes.

TAG — Aqui na bola de cristal eu vejo tanta coisa!

SONIA — O que vê, você, Teo?

TAG — Um vapor... Uma noite cheia de estrelas... O capitão fazendo um casamento. Mais tarde, Julia com uma criança ao colo, cantando nana-nene...

SONIA — E você, Teo?

TAG — Sombra silenciosa e feliz, envelhecendo ao lado da creatura amada, sem esperanças e mesmo assim, contente.

SONIA — Teo, meu bom Teo.

Fim

JULIA — Escolha um penso, Sonia.

SONIA — Bem, pode ir se deitar, Julia.

JULIA — Espero para ajudal-a a tirar o vestido.

SONIA — Não, Julia. Pode se recolher. Ficarei até mais tarde acordada. Estou á espera de Roberto.

JULIA — (NUM SUSTO) — Roberto!? O Sr. Roberto ainda vem aqui?

SONIA — Vem... Pode ir se deitar.

JULIA — Com licença Sonia.

Passos — Porta

TAG — Porque chamou o Roberto, Sonia?

SONIA — Você não viu? Chegamos ao Teatro e êle estava na plateia. Viu-nos na frisa. E' impossivel que não me tivesse visto.

SONIA — Todo o Municipal se voltou para olhar o seu turbante, Teu. E, no entanto, depois do segundo áto Roberto não voltou para a sua poltrona.

TAG — Foi pos isso então que você esteve ausente todo o segundo áto?

SONIA — Foi. O Fausto com aquela Margarida gorducha não pode interessar a ninguem.

TAG — Falou com Roberto?

SONIA — Não... Quando fui procural-o êle tinha saido do teatro. Mandei o Jaime segui-lo. E antes do inicio do terceiro áto o chaufeur voltava informando-me que Roberto fôra para o Club. Telefonei na certeza de encontral-o.

TAG — E o que pretende, Sonia?

SONIA — Dizer-lhe que é inutil ficar fugindo de mim. Liquidarei esta historia hoje mesmo.

TAG — Não acha que é um pouco tarde para um assunto desses?

SONIA — Nunca é tarde para mim.

Cigarra da porta

SONIA — E' êle! O medo o faz pontual. Deixe-me, eu vou abrir. Deixe-me só, Tag.

TAG — Ficarei aqui na saleta...

SONIA — Não!

TAG — Você pode precisar!

SONIA — Não, já disse! Quero estar só!

TAG — Você manda, Sonia... Até já.

Passos — porta

SONIA — Bôa noite fujão!

ROBERTO — Aqui estou Sonia, cumprindo suas ordens. Não compreendo porque me mandou chamar.

SONIA — Porque você vive fugindo e já é tempo de [illegible]

[illegible]

SONIA — [illegible] nossa historia. Esta historia que já está durando ha tanto tempo. Cinco anos já...

ROBERTO — Felizmente você compreendeu, Sonia que é impossivel continuarmos. Quando o amôr morre, nada mais resta que dizer adeus sem odios e sem rancores.

SONIA — Sim. E é justamente isso o que desejo. Quero dizer-lhe adeus sem odios e sem rancores.

ROBERTO — Fico satisfeito em vêr que você está disposta a devolver-me a liberdade.

SONIA — Eu nunca lhe tolhi os movimentos, Roberto.

ROBERTO — Compreendo, no entanto, eu, de qualquer forma, me sentia preso a você, com certas obrigações de uma união, de um compromisso.

SONIA — Foi por isso que eu o chamei. Você está livre, Roberto. Aqui tem a minha mão. E na minha mão um presente.

ROBERTO — (EXAMINANDO) — Um cheque? Cem contos? Eu não devia aceitar Sonia. Finalmente, eu não vendi amôr.

SONIA — Roberto, não é o passado que eu pretendo pagar. Estou tentando comprar o futuro.

ROBERTO — Ah! vae me exigir alguma coisa em troca. Eu já devia esperar.

SONIA — Não lhe pedirei muito.

ROBERTO — Vejamos.

SONIA — Creio que lhe faria bem deixar o Brasil por uma temporada. Em Buenos Ayres existem mulheres lindas!

ROBERTO — Sejamos claros, Sonia. Com este pagamento você pretende que eu deixe Nadir, não é isso?

SONIA — Exatamente.

ROBERTO — E si eu me recussar?

SONIA — Serei obrigada a tomar outro caminho, mais agradavel, porém necessario...

ROBERTO — Sonia, você não acha que 100 mil cruzeiros é muito pouco para quem está com uma fortuna ao alcance da mão?

SONIA — Acho que é preço muito alto para comprar um canalha.

ROBERTO — (RI) — Francamente, Sonia. Eu não compreendo o seu gesto.

ROBERTO — Você não quer. E a melhor prova é que deseja a minha partida para o extrangeiro.

SONIA — Sim... E que tem isso?

ROBERTO — Si não me quer, que mal existe em que eu me case com Nadir?

SONIA — Não quero. Disso basta.

ROBERTO — Apenas vingança, então? Nada mais que maldade. Quer tão somente prejudicar essa moça que nenhum mal lhe fez...

SONIA — Isso diz você. Mas sabe muito bem que

SONIA — Então porque teima em se casar com ela?

ROBERTO — Você não é vidente?... Eu não tenho o poder de adivinhar, Sonia. Por isso andei indagando. E soube que ela possue 3 mil contos em depositos bancarios.

SONIA — Miseravel!

ROBERTO — Já vê que esse cheque nada representa para mim. Cem mil cruzeiros. Guardo o cheque Sonia. Guardo-o para dar de esmola ao primeiro mendigo que bater á sua porta.

SONIA — Pela ultima vez, Roberto: você não se casará com Nadir.

ROBERTO — Casarei.

SONIA — Está bem. Você me obriga a jogar a minha ultima cartada. Roberto você sabe que existe uma carta para Nadir ler quando completar 25 anos?

ROBERTO — Sei... Que tem isso?

SONIA — Pois bem. Eu vou revelar o conteúdo dessa carta.

ROBERTO — Como!?

SONIA — Eu a sei de cor... "Querida filha... Tua mãe te deixou para ir em busca do teu pae. E só encontrou sofrimentos, humilações, desespero... Conheceu sobretudo a tortura da fome. E para impedir que um dia venhas a sofrer o mesmo, resolveu te fazer rica. E começou a ganhar dinheiro para ti... Não tenhas medo de usar esse dinheiro. Não foi roubado. Não vem de mistura com a verganha. Será, talvez, um pouco mais digno que as fortunas feitas com o suor do operarios sub-alimentados, de lavradores doentes ou de bancas de jogo. Foi ganho com mentiras. Mentiras menos deshonestas que as que se mascaram com o nome de altos negocios. Sim, filha, tua mãe ganhou esse dinheiro mentindo. Mentindo para a humanidade infeliz que a procurava em busca de consolo, de ilusões... Eu vendi ilusões, advinhando o futuro... Fui Madame Sonia, a vidente... (CHOROSA)

ROBERTO — Como!? Você?! Você... Então Nadir?...

SONIA — E' minha filha. Compreende agora Roberto? Compreende porque eu quero afastal-a de você? (QUASI NUMA SUPLICA) Compreende Roberto?

ROBERTO — (REFAZENDO-SE DA SURPRESA) — Mas então, você...

SONIA — HUMILHADA, QUASE EM LAGRIMAS) — Promete Roberto?... Promete que a deixará?

ROBERTO — E' extranho tudo o que acontece. Mas eu não posso recuar, Sonia. De qualquer forma me casarei com ela.

SONIA — Lembre-se de que eu posso deserdal-a. Poderei cancelar esses depositos bancarios. Tenho cinco anos em minha frente.

ROBERTO — Você não fará isso. Sua filha teria que sofrer o escandalo. E iria maldizel-a. E o que é pior, ela que a deseja como mulher, terá odio-a como sua mãe.

NADIR — Enlouqueceu Roberto... Eu vou dar o troco á minha mãe com todo o carinho que ha vinte anos venho sufocando!

SONIA — Nadir!

NADIR — E' a você que amarei, querida... O meu ódio será todo para o canalha que acabo de conhecer... (CHORA)

ROBERTO — Nadir, escute...

NADIR — Não compreendo que a sala é pequena demais para nos conter a todos?

Porta

TAG — Com licença — PASSOS — Sr. Roberto, sua capa e seu chapeu.

ROBERTO — Sempre serviçal, esse Tag.

TAG — Ha muito tempo que espero este dia... Eu aproveitaria para sair enquanto a noite é calma...

ROBERTO — Eu sou bom jogador, Tag. Sei perder. Sonia, apezar de tudo, muito obrigado. Nadir, felicidades... Você venceu amigo... Bôa noite.

Passos — porta

TAG — Finalmente foi-se. E para sempre.

Porta

ROBERTO — Com licença?

TAG — O senhor!

ROBERTO — Sonia, voltei para buscar o cheque. Creio que você consentirá que eu leve esta assinatura sua como lembrança...

TAG — Miseravel!

SONIA — (DOMINANDO-SE) — Deixe, Teo. Robérto me aconselhou que eu desse esse dinheiro ao primeiro mendigo que batesse à porta. Pode leval-o Roberto.

ROBERTO — (HUMILDEMENTE) — Deus lhe pague...

Porta

SONIA — (COM DESPRESO) — E eu amei "isso"...

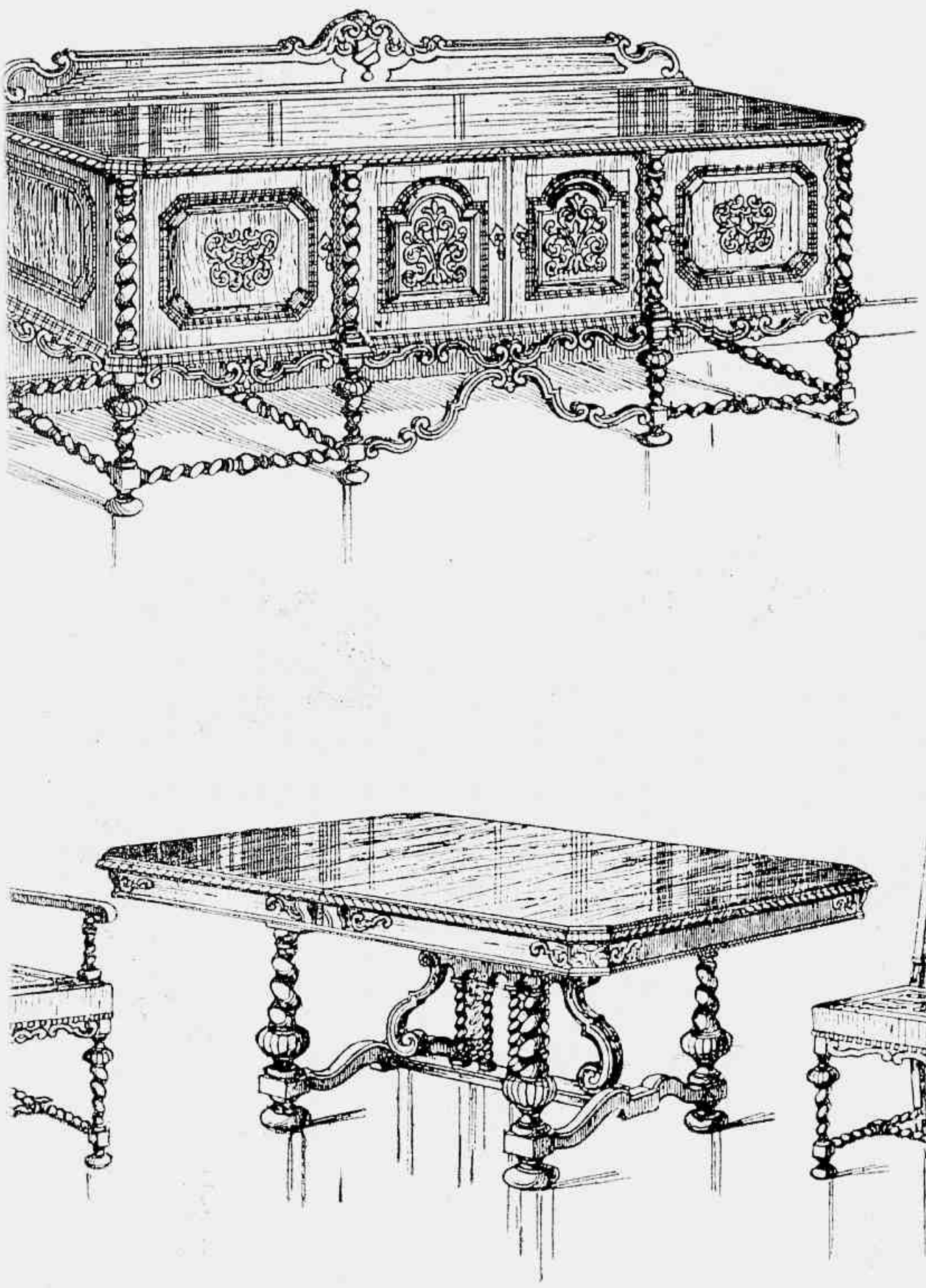
TAG — As estrelas também se refletem na lama Sonia.

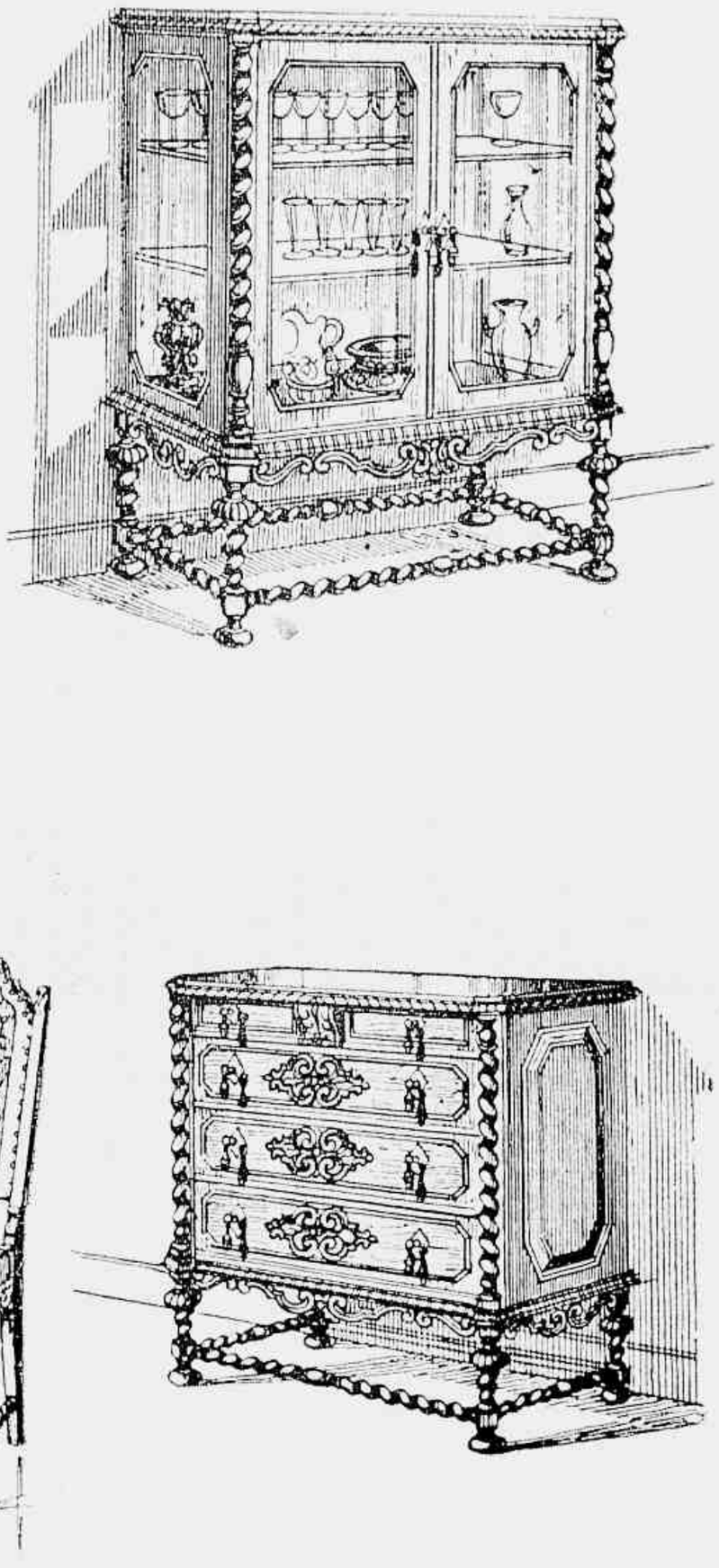
SONIA — Nada mais me resta, Teo.

NADIR — Não diga isso. Agora eu ficarei sempre a seu lado.

TAG — E eu jamais a abandonarei.

SONIA — Teo, meu bom Teo...





l de jantar

A estilização, quando baseada no puro estilo genuino, sem arrojos de formas e exageros de linhas, longe de se tornar ridícula e espalhafatosa, constitui um motivo de apuração estética, que não se encontra em geral nas peças originais. E se isto acontece em todos os ramos da arte, mormente é notado no mobiliário e na arte decorativa.

Como exemplo do que acabámos de afirmar, apresentamos a sala de jantar acima, em colonial estilizado, trabalhada em madeira nobre. O faqueiro, a cristaleira e a "étagère", bem como a mesa, são cobertos todos por uma camada de vidro ou cristal, que empresta um traço de modernismo ao mobiliário, sem lhe tirar entretanto as características do estilo colonial.

BILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS
ASA MARCA
UNES REGISTRADA
A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE
65 · RUA DA CARIOCA · 67
NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

OFERTA DO "ALMANAQUE EU SEI TUDO" PARA 1947